



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS**

FRANCIELE ZALESKI

**“AGORAME PARECE SONHO, MAS É PURA VERDADE”:
REFLEXÕES A PARTIR DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE LÍDIA,
UMA IMIGRANTE POLONESA**

**ERECHIM
2022**

FRANCIELE ZALESKI

**“AGORA ME PARECE QUE É SONHO, MAS É PURA VERDADE”:
REFLEXÕES A PARTIR DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE LÍDIA,
UMA IMIGRANTE POLONESA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS como requisito para obtenção do título de Mestre Interdisciplinar em Ciências Humanas sob a orientação do Profº Dr. Gérson Wasen Fraga.

ERECHIM
2022

FRANCIELE ZALESKI

**“AGORA ME PARECE QUE É SONHO, MAS É PURA VERDADE”:
REFLEXÕES A PARTIR DA NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA DE LÍDIA
UMA IMIGRANTE POLONESA**

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS, para obtenção do título de Mestre interdisciplinar em Ciências Humanas defendido em banca examinadora em 24/02/2022

Aprovado em: 24/02/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Gérson Wasen Fraga – UFFS
Presidente da banca/orientador

Prof. Dr. Cármen Cavaco – INSTITUTO DE EDUCAÇÃO - LISBOA
Membro titular externo

Prof. Dr. Thaís Janaina Wenczenovicz – UFFS
Membro titular interno

Prof. Dr. Nome – SIGLA DA INSTITUIÇÃO
Membro suplente

Erechim/RS, abril de 2022

AGRADECIMENTOS

Neste momento, depois de transcorridos mais de dois anos que, ao mesmo tempo em que parecem pouco, significaram muito, a gratidão é imensa. São vários rostos que enxergo, várias vozes que escuto ao realizar uma retrospectiva e agradecer. Professores, colegas, amigos e familiares que acreditaram e que auxiliaram, de uma forma ou de outra, para a concretização de mais um sonho.

Professores, agradeço imensamente a todos que “ofertaram cadeiras”, que opinaram, que se mostraram felizes ao saber do mestrado. Os que ensinaram, os que conversaram e que realizaram críticas construtivas.

Em especial, não poderia deixar de agradecer à Débora Clasen de Paula, e dizer que és uma das professoras que me inspiram e que me fizeram sonhar, pensar em prosseguir com meus projetos acadêmicos. Ao dizer, na formatura da graduação em História, “nós te queremos de volta no mestrado”, me fez pensar mais alto e não desistir. Assim, me acompanhas durante longo tempo me ensinando e me auxiliando.

Agradeço ao Professor Fábio Francisco Feltrin, que também me acompanhou por mais de ano, orientando meu trabalho. Várias questões e vias foram abertas através de teus apontamentos e sugestões.

Agradeço a orientação do professor Gerson Fraga que, com seu jeito peculiar e muito especial, me fez perceber questões importantes no trabalho, incentivando-me a buscar clareza no texto e, ao mesmo tempo, demonstrar autoria. “Embora usas de embasamentos bibliográficos e outras fontes, o trabalho é teu”, dizia ele. Esse fato considerei importante, afinal, o óbvio precisa ser dito e, às vezes – como foi – ele é o que faz a diferença. Obrigada por acreditar em mim e em meu trabalho.

Agradeço às integrantes da Banca, Cármen Cavaco e Thaís Janaina Wenczenovicz, que muito contribuíram com sugestões, apontamentos e indicações de leitura.

Aos professores que não citei, mas que passaram por mim de alguma forma durante este trajeto, sintam-se citados e saibam que também sou grata.

Colegas: pessoas especiais que a sala de aula nos dá. Muita troca de ideias, de angústias e alegrias se dava entre os corredores e sala de aula. E o trocar, assim como o escrever sobre algo – principalmente sobre nós – nos constrói, nos molda, nos fortalece. Alguns mais próximos, outros menos, mas cada qual à sua maneira me fez aprender e crescer. Em especial, Ana Luísa, primeira pessoa com quem realmente conversei desde o aguardar da primeira aula. Obrigada

por ser tão companheira. Laíssa, Lauren e Dani. Nomes que me vêm à mente e me proporcionam boas recordações. Obrigada pelas trocas, pelos diálogos e pelas aulas, sempre acompanhados de um bom chimarrão – cortesia da Lauren.

Para minha família, gratidão imensa. Mãe, pela comida saborosa e com amor que me aguardava após o trabalho ou estudo. Por entender as dificuldades e me auxiliar no que estava ao seu alcance. Por desfrutar de tua companhia em momentos que passava contigo, mesmo que rodeada de cadernos e livros. Embora não pudesses me auxiliar na escrita, teu alto astral já me reanimava nos momentos de dificuldade. Obrigada Milton, pela tua paciência e companhia.

“Os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas um passarinho me contou que somos feitos de histórias.”

Eduardo Galeano

RESUMO

Este trabalho realiza reflexões sobre o documento autobiográfico intitulado “Documentário de uma imigrante: Lídia.” A autora da escrita de si, Lídia Bresolin, é uma mulher imigrante, que se desloca de território europeu para o Brasil, em companhia de sua família, no fim da década de 1930, aos 9 anos de idade. Em 2014, aos 87 anos, decide relatar sua trajetória em um manuscrito com 119 páginas. O objetivo principal consiste em investigar o fio condutor da sua história de vida. A hipótese para esta questão é que Lídia usa a família enquanto pano de fundo de sua narrativa. Sendo a fonte um relato autobiográfico, realiza-se uma retrospectiva histórica percebendo o processo que resultou na (re)valorização dessa fonte, enquanto objeto científico, nas várias áreas do conhecimento. No intuito de interpretar a história de vida de Lídia, elaborada por meio da escrita de si, visa-se a permear seu contexto histórico, a fim de melhor compreender seu relato e desvendar o fio condutor. Também se reflete sobre as relações de poder acerca da categoria gênero, pois se percebeu que Lídia dá enfoque a essas questões e se insere na lógica discursiva patriarcal imposta socialmente. Essas violências de gênero estão postas em vários trechos do relato de Lídia de maneira naturalizada, e vão ao encontro da hipótese que percebemos como sendo o fio condutor de sua escrita. O trabalho embasa-se em alguns conceitos advindos de teóricos da hermenêutica para realizar a análise visto que esta, como escreveu Dilthey (1999, p. 31), pode configurar-se como uma abordagem que possibilita compreender “o autor melhor do que ele mesmo se compreendeu”.

Palavras-chave: Autobiografia; Gênero; Identidade; Memória; Migrações.

ABSTRACT

This dissertation intends to carry out reflections on an autobiographical document entitled "Documentary of an immigrant: Lydia." The author of the writing of self, Lídia Brisolin, is an immigrant woman, who moves from European territory to Brazil, together with her family, in the late 1930s, at the age of 9. In 2014, at the age of 87, he decided to report his career in a manuscript with 119 pages. The main objective is to investigate the guiding thread of your life story. The hypothesis for this issue is that Lydia uses the family as the backdrop of her narrative. Since the source is an autobiographical report, a historical retrospective is carried out, perceiving the process that resulted in the (re)valorization of this source, as a scientific object, in the various areas of knowledge. In order to interpret Lydia's life story, elaborated through self-writing, it seeks to permeate its historical context in order to better understand its account and unravel the guiding thread. It is also reflected on the power relations about the gender category, because it was perceived that Lydia focuses on these issues and is part of the socially imposed patriarchal discursive logic. These gender-based violence is placed in Lydia's account, in several excerpts of her writing, in a naturalized way and meet the hypothesis that we perceive as the guiding thread of her writing. It was based on some concepts departing from hermeneutictheors to perform the analysis since it, as Diltey (1999, p. 31) wrote, can be configured as an approach that makes it possible to understand "the author better than he himself understood".

Keywords: Autobiography; Gender; Identity; Memory; Migrations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Dominações do território polonês.	46
Figura 2 – Ocupação do espaço na década de 1920.	49
Figura 3 – Moinho, engenho e soque.....	50

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 TRANSIÇÕES PARADIGMÁTICAS E O LUGAR DA BIOGRAFIA NESTE PROCESSO 16	
2.1 A trajetória da Biografia: funções práticas a que servia	16
2.2 Regimes de historicidade	25
2.3 Memória, História e Identidade	27
2.4 Aproximações entre áreas do conhecimento no trabalho biográfico: a interdisciplinaridade envolvente	35
2.5 Pesquisa qualitativa	37
2.6 Pesquisas de método biográfico, descritivo, documental	38
2.7 Abordagem hermenêutica e a <i>bricolage</i>	39
3 CONTEXTO CULTURAL, SOCIAL, ECONÔMICO E IMIGRATÓRIO	41
3.2 Polônia	44
3.3 Imigração e estabelecimento em Áurea (RS)	48
3.4 “Vou contar a historia da minia vida”	53
3.5 Novos laços, nova terra.....	62
3.6 Questões gerais: documento autobiográfico de Lídia.....	65
4 AS MULHERES, A BIOGRAFIA E O CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL DE LÍDIA ...	73
4.1 Escrita de si: mulheres	73
4.2 Ser mulher no contexto cultural polonês de Lídia	76
4.3 “Resolvi contar um pouco da minha vida para meu[s] filhos e netos saber um pouco do meu passado”: maneira que Lídia usa para relatar sua História de Vida – qual o fio condutor da sua narrativa autobiográfica?	87
4.4 Valores perpassados através de sua escrita: o que procura transmitir?	97
4.5 Educação: qual a importância para Lídia?	98
4.6 Religiosidade	102
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	110
ANEXOS.....	117

1 INTRODUÇÃO

Somos filhos de nosso próprio tempo e de nossa realidade sociocultural. Ao indagar sobre qual tema me debruçar, tinha consciência de que seria algo muito próximo de meu cotidiano. Nesse sentido, em virtude de caminhar e construir esta dissertação nos termos do que Boaventura de Souza Santos (1988) chamou de “paradigma emergente” – em que um dos pressupostos é a dimensão autobiográfica da investigação – trago para análise temas caros e que também, de certa forma, me incluem, como pesquisadora. Então, é importante mencionar que a escolha do objeto não foi aleatória, pois está ligado à já mencionada “dimensão autobiográfica da pesquisa” de modo que os interesses, a cultura e o meio em que o/a pesquisador(a) está inserida afetam a escolha e o forma de desenvolvimento – obviamente, cuidando para que o crivo teórico e metodológico da pesquisa sejam mantidos.

O tema de interesse eram questões que envolvessem a cultura polonesa ou a imigração deste grupo, porém eram temas abrangentes e, neste sentido, era necessário delimitar tempo e espaço ou campo específico de análise. Então inicio minha caçada à procura de objeto e delimitações. Essa busca se dá em um local repleto de obras de valor histórico e envoltas de um cuidado e carinho perceptível a olho nu. Trata-se da casa da Sagrada Família de Maria, no município de Áurea/RS. Nesse espaço, existem obras de arte, livros, imagens, filmes etc. – documentos muito relevantes e valiosos. Em vários passeios que realizei nesse espaço acolhedor e contemplando as obras, tive contato com um manuscrito que seria meu objeto e fonte de análise. Após muitas possibilidades de pesquisa nos longos diálogos que eu e Isa¹ realizávamos, fui apresentada a um documento intitulado “Documentário de uma Imigrante: Lídia”. Trata-se da narrativa de vida de uma mulher – imigrante polonesa, esposa, mãe, avó – que decide realizar um relato de sua trajetória de vida quando já possuía seus oitenta e sete anos de idade.

Após a escolha deste documento autobiográfico como fonte, devido à riqueza de conteúdo deste tipo de pesquisa, muitas possibilidades surgiram. Nessa dissertação, optei por analisar o documento autobiográfico de Lídia tendo como foco principal explorar o modo como a autora constrói a escrita de si.

Dessa forma, tendo como base o documento de narrativa referido, são feitas análises sob a perspectiva macro, no intuito de situar o leitor no contexto histórico e adentrar em questões

¹ Carolina Popowaski é Irmã da Congregação da Sagrada Família de Maria. É graduada em História e envolvida nas atividades que visam a manter a cultura polonesa no Município de Áurea.

teóricas, fazendo, assim, relações de sua narrativa com questões principalmente da memória, biografia e gênero. Seus silenciamentos – os não ditos no texto, “presença de ausência” – também serão brevemente explorados e conduzem a futuros aprofundamentos de reflexões e análises.

Nesse sentido, a pesquisa é qualitativa, com metodologia de pesquisa com o método biográfico, descritivo e documental, utilizando-se de abordagem hermenêutica. Assim, engajou-se na ideia de “homem capaz” que, através dessa proposição, segundo Paul Ricoeur, reconhece-se a capacidade do indivíduo de “falar, de agir, de narrar, de se responsabilizar, de se formar” (2005 apud CAVACO, 2021).

Realizo a análise da autobiografia de Lídia, fazendo um enlace de reflexões teóricas com o intuito não de comprovar ou refutar o que a autora escreve – visto que a escrita de si é sempre uma “(re)elaboração do vivido, não se tratando dos factos, mas da interpretação que o sujeito tem dos mesmos.” (CAVACO, 2021, p. 8). O que importa para o pesquisador não é descobrir o “verdadeiro” ou o “falso”, mas o modo como este se insere no relato, suas visões e interpretações (GOMES, 2004). A partir de seus pontos de vista, problematizam-se aspectos que percebemos como pertinentes e mais marcantes em sua narrativa. Devido ao fato da narrativa de si ser algo fascinante, que muitas vezes convence seu leitor fazendo-o crer que esta foi uma descrição real dos fatos, tal como ocorreu, discutimos e nos embasamos em Ângela Castro Gomes (2004), que aborda sobre o “feitiço” das fontes de escritas de si, além de outras questões referentes à dimensão metodológica.

A fonte é o registro da autora, que foi escrito no ano de 2014 e compreende 119 laudas, redigidas de próprio punho e em caderno de espiral. Importante mencionar também, que Lídia não menciona o ano em que realizou a escrita, nem mesmo datas ou meses². A autora do manuscrito expõe que sua principal motivação em escrever o relato é para que seus filhos e netos saibam do seu passado. O fato de Lídia escrever sobre o seu passado para seus familiares reflete em uma das funções possíveis das escritas de si, que são as transferências de testemunhos, de valores, de bens simbólicos (GILLIES, 2010).

Adentrando brevemente nos resultados da análise do documento autobiográfico de Lídia, é possível, de maneira sucinta, apontar que a autora escreve de vários lugares e com várias identidades – imigrante polonesa, mulher, esposa, mãe, avó. Além disso, algo mencionado pela autora refere-se à sua relação com a Ucrânia, pois diz ser de “origem ucraniana”. Esses fatores

² A cópia deste relato autobiográfico, bem como a informação do ano de escrita – possivelmente de conclusão desta – foram fornecidas por Carolina Poplawski.

são dados importantes e se encaixam nos objetivos gerais referentes ao modo como Lídia se via inserida no contexto histórico e social que vivia.

A trajetória de vida de Lídia tem início em 1927, quando nasceu em Slolpy, no Município de Kobren³. Devido ao fato de ter frequentado por dois anos a escola na Polônia, ela expõe ter aprendido o polonês e o ucraniano. Aborda este período também com questões relacionadas ao dia a dia, como viviam, modos de subsistência e de sociabilidade. Quando tinha 9 anos de idade, seu pai resolveu que a família iria migrar para o Brasil. Sobre este momento de transição de um país para outro, demonstrando a alegria de viajar de navio, ter uma alimentação farta e ficar a maior parte do tempo no convés, percebeu-se uma idealização do passado, que é quebrada quando a autora aponta sobre as muitas incertezas e dificuldades expostas, principalmente pelo modo como se sentiam e agiam seus pais antes, durante e depois da travessia.

Após discorrer sobre a longa viagem de navio, vai pontuando como foi a chegada ao Brasil e ao lote de terra que haviam comprado “às cegas” antes mesmo de saírem da Polônia. A terra que haviam adquirido situava-se no atual município de Santa Rosa (RS) e, segundo Lídia, o momento foi frustrante, pois encontraram somente “mato” e, escreve que não conhecendo nem mesmo a “foice” – instrumento de trabalho utilizado para derrubar a mata mais baixa – não tinham condições de ali permanecer. Nesse sentido, devido às dificuldades, resolveram migrar novamente, no intuito de receberem acolhimento de parentes paternos que residiam na atual cidade de Áurea (RS). Assim o fizeram, e nos primeiros anos receberam auxílio, conseguindo, aos poucos, com a comercialização de alguns produtos na cidade vizinha, atualmente Erechim, comprar seu próprio sítio e construir uma casa. Lídia segue discorrendo sobre acontecimentos diários relacionados a subsistência, religião, escola, sociabilidade, papéis sociais e sobre a constituição de sua nova família quando do seu casamento com Fernando.

A escrita de Lídia não possui subtítulos, caracterizando-se por uma escrita contínua. Em uma primeira aproximação com o texto, constatou-se uma escrita linear dos fatos. No entanto, após análises mais detalhadas, chegou-se à conclusão de que Lídia vai pontuando sua autobiografia por meio de várias rupturas temporais de modo que, por meio de vários fragmentos de memória (GILLIES, 2010), vai escrevendo sua história, ora abordando sobre a infância, ora sobre juventude ou velhice, fazendo balanços e retornos, conforme recordava,

³ Conforme Revel (2010), o pesquisador tem autonomia de delimitar seu espaço e seu tempo na pesquisa. Sendo assim, essa pesquisa não tem o intuito de esmiuçar as questões ditas de fronteira, apenas se situa o local e o espaço que são apontados pela autora em seu escrito autobiográfico. No entanto, faz-se fundamental apontar que, hoje, esses locais mencionados pela autora situam-se na Bielorrússia.

atividade que consideramos naturais visto que, como expos Bosi, “lembração puxa lembrança” (2003, p. 39).

Seu relato contém algumas rasuras – reescrevendo a palavra em sequência –, também contém mesclas de línguas, pois utiliza o português e o polonês – em algumas palavras – para discorrer sobre sua vida. Em vários momentos, escreve palavras em polonês e em outros a grafia é confusa. Percebe-se que a autora parece considerar importante a menção de palavras na língua materna e assim vai lançando mão dessa escrita.

No que se refere às questões linguísticas, de acordo com a norma culta, grande parte das palavras estariam escritas “incorretamente”. A grafia insere a autora no movimento de relação cultural que se estabelece entre as três línguas mencionadas. Essas questões são resultantes do rico contato de Lídia com três línguas: polonês e ucraniano nos primeiros anos de sua infância e, após migrar para o Brasil, o português. No intuito de manter essa característica intercultural, quando da inserção de trechos de seu documento neste trabalho, a grafia que Lídia usa será mantida.

Em virtude de usar de autobiografia como modo de exposição de sua história, procede-se a uma revisão historiográfica acerca do gênero biográfico, no intuito de percepção das mudanças que ele sofreu ao longo da história e de que modo era visto, escrito, aceito ou negado enquanto documento passível de reflexões. Para realização dessa retrospectiva biográfica, são usados principalmente os historiadores Mary Del Priore e Benito Bisso Schmidt. Tendo em vista que o trabalho se insere em uma perspectiva interdisciplinar, também serão resgatadas questões referentes às contribuições com relação à validade e à importância deste tipo de fonte nas outras áreas do conhecimento, apontando brevemente algumas contribuições, principalmente de Franco Ferraroti e Delory-Momberger.

Em razão dessa retrospectiva histórica, percebe-se que, a partir de 1980 – em maior grau –, ocorreu uma revalorização do gênero biográfico e, nesse sentido, o aumento do número de escritas com esta abordagem que se davam em virtude de diversos fatores – tais como a curiosidade de leitores, a percepção de ser esta uma nova e instigante fonte para pesquisadores, e, talvez principalmente, devido à impossibilidade de vertentes marxistas e deterministas explicarem a complexidade do mundo moderno.

No que se refere a esse aumento do número de biografias na contemporaneidade, foi interessante também a inserção de ideias e de reflexões a respeito do que François Hartog chama de “regimes de historicidade” e “presentismo”. O último conceito refere-se à valorização do presente, visando à patrimonialização de memórias, monumentos, documentos, no intuito de

manter o passado recente vivo, presente. Este tema também foi inserido nas reflexões, pois, segundo Schmidt (2014), existe relação entre os chamados “regimes de historicidades” – “categoria heurística”, que o historiador utiliza para perceber o tempo nas dimensões passado, presente e futuro – e a biografia. Essa relação ocorre principalmente pelo fato de que, quando escrevemos sobre nós ou sobre outrem, nos projetamos para o passado, no presente ou para o futuro. E, não exclusivamente, mas um dos tempos normalmente predomina. Também escrevemos com o objetivo de propagar algo – como exemplaridade, visão de progresso, manutenção de memórias e/ou valores – e os regimes de historicidade justamente discutem essas questões. A biografia se relaciona com os regimes de historicidade e, nesse sentido, esses são explorados e darão suporte para a análise da autobiografia de Lídia.

Outras reflexões que se inserem nesta dissertação refletem acerca da memória e da identidade, que se distinguem, porém, guardam relação de mútua dependência. No intuito de discussão do primeiro conceito, os principais autores que irão embasar tais discussões são Jacques Le Goff e Paul Ricoeur. Já, para inserir o conceito de identidade, usa-se principalmente de Claude Dubar e Thomas Thadeu da Silva.

Quando da realização de análises biográficas ou biografias, existem alguns cuidados indispensáveis. Um deles, segundo Pierre Bourdieu (2006), é de que os vários acontecimentos e os vários contextos em que um indivíduo se insere na sociedade devem ser percebidos e analisados em sua totalidade – mesmo que o foco seja em apenas um campo da vida do indivíduo. Para realizar análises sobre o contexto histórico, social e cultural de Lídia, serão empregados os estudos relacionados à imigração polonesa para o Brasil, dando foco às discussões da historiadora Thaís Janaina Wenczenovicz que possui importantes pesquisas relacionadas ao tema.

Além de permear o contexto histórico, reflexões sobre gênero foram fundamentais para problematizações relacionadas principalmente a ações possíveis ou esperadas de uma mulher no contexto específico de Lídia. Para embasar essas discussões, serão resgatadas algumas discussões de Michele Perrot, Joan Scott, Michel Foucault e Losandro Antonio Tedeschi.

Para a estruturação do trabalho, foi realizada a divisão em três capítulos. No primeiro capítulo, serão vistas questões teóricas envolvendo a historiografia biográfica. Além disso, conceitos envolvendo temporalidades serão brevemente explorados, bem como sobre a memória e a identidade. Problematiza-se acerca do interdisciplinar e o envolvimento com o gênero biográfico. Para a finalização deste, buscou-se explicar de que modo a pesquisa se dará.

No segundo capítulo, realiza-se um breve estudo da arte do tema imigração polonesa para em sequência aprofundar a reflexão com questões relacionadas ao contexto cultural, social e econômico de Lídia. Realiza-se posteriormente um aprofundamento no documento autobiográfico, realizando algumas conjecturas e relações dos acontecimentos narrados por Lídia com referências de fontes bibliográficas. Ao final, reflete-se sobre a escrita de si de Lídia de maneira geral.

No terceiro capítulo, serão problematizadas questões envolvendo gênero e a importância das fontes biográficas para as mulheres, registrando o modo como, pelo relato de Lídia, as práticas sociais eram divididas e quais as relações de poder existentes nos espaços circulados pela autora: o que podia/devia uma mulher fazer/falar e os modos de se comportar nesse contexto e que aparecem a partir do seu escrito? Como Lídia se coloca enquanto mulher, quais são suas atribuições e possibilidades? Essas reflexões se darão através da introdução de trechos do documento, discutindo sobre a lógica patriarcal criada através dos discursos que se alastravam e se alastram de maneira sutil e moldam os corpos, os disciplinam. Após, realizam-se reflexões acerca do fio condutor, expondo trechos e análises que irão embasar a hipótese levantada. Além disso, como subtítulos finais, trazem-se para discussão os temas de valores e ensino, de religiosidade que Lídia transmite através de seu escrito autobiográfico.

2 TRANSIÇÕES PARADIGMÁTICAS E O LUGAR DA BIOGRAFIA NESTE PROCESSO

Neste capítulo, traça-se um panorama dos principais paradigmas da biografia, para vislumbrar de que forma o gênero foi visto e escrito ao longo do tempo. Também se discute a revalorização do método biográfico enquanto objeto científico válido e passível de ser explorado. Por ser a biografia considerada uma das primeiras formas de história, são feitas pontuações de todo o processo, ou seja, quando do seu surgimento até os dias atuais, de maneira a perceber as mudanças de acordo com o contexto histórico. Também se explora de maneira mais resumida como a biografia está inserida nas outras áreas das ciências humanas. Posteriormente, no intuito analisar e relacionar essas transformações com as temporalidades exploradas por François Hartog, faz-se uma relação entre estes conceitos – temporalidades e biografias. No subtítulo subsequente, trabalha-se com os conceitos de memória, história e identidade e, ao final, as relações entre a interdisciplinaridade e o gênero biográfico. Para a finalização do capítulo, faz-se um breve resumo do tipo de pesquisa que aqui se realiza.

2.1 A trajetória da Biografia: funções práticas a que servia

Ao retrocedermos na história da biografia e suas ramificações, algo de início já visível foi que o gênero biográfico/autobiográfico sofreu várias interferências por parte de intelectuais e escritores ao longo do tempo. Foram muitas transformações, ataques, elogios, em que, de acordo com os objetivos a que se propunha, a biografia era usada de maneira diversa (PRIORE, 2009).

Desde a Antiguidade, as biografias foram objeto de escrita, sendo elas consideradas, inclusive, uma das primeiras formas de história (PRIORE, 2009). Com Heródoto e Tucídides, a biografia foi utilizada de maneira despreocupada com os fatos. “O efeito literário era maior do que a exatidão das informações” e esse modelo foi seguido e muito inspirou os historiadores romanos. A exaltação das personagens era utilizada e “o discurso, nesses casos, não tinha função de prova explicativa” (PRIORE, 2018, p. 74).

No que se refere às críticas e às desconfianças, com Tucídides e Políbio, por exemplo, ocorre a designação desse gênero como o “estatuto de território sujeito à exaltação tendenciosa de um indivíduo, grupo de indivíduos ou causa” (MALATIAN, 2012, p. 17). A insegurança referente à biografia histórica desenvolveu-se também, visto que ambas surgiram no intuito de

“[...] fazer com que o passado dos homens não caísse no esquecimento, além de fornecer exemplos para serem seguidos ou evitados [...]” (MALATIAN, 2012, p. 17). Porém, a história era alicerçada “[...] exclusivamente em documentos, enquanto a biografia ampliava seus horizontes com o uso da imaginação” (ROIZ, 2012, p. 141).

Na Antiguidade, a motivação para a escrita biográfica era servir de modelo, exemplificando nelas o que era correto ou incorreto, o modo de portar-se. Nesse sentido, “Vidas paralelas”, de Plutarco é uma das referências citáveis para demonstrar a função exercida pelo gênero naquele período. Nessa obra, o autor estabeleceu 23 pares biográficos, sempre de um homem ilustre grego e outro romano, visando a oferecer modelos de comportamento (SCHMIDT, 2018, p. 124). Conforme Momigliano, “[...] a principal função das biografias era a de construir modelos de conduta, códigos morais para serem seguidos, além de propiciarem a elaboração de uma memória, em geral, exemplar para a posteridade” (1993 apud ROIZ, 2012, p. 141).

Depois desse modo de escrita biográfica, surge a hagiografia, que foi fundamental para demonstrar e instruir no modo de bem viver, tendo agora de modelo a vida de santos. Essa fase hagiográfica inicia-se “a partir dos séculos XII e XIII” (PRIORE, 2018, p. 74). O modelo de escrita biográfica continua a ser um modelo à parte da história, assim como expõe Dosse: “no período medieval, assim como na antiguidade, a biografia também se apresentará como um gênero distinto da história, dando-se o mesmo com a escrita de santos” (2009 apud ROIZ, 2012, p. 141).

Nos séculos subsequentes, a afirmação do individual foi tomando corpo e se afirmando cada vez mais. A dicionarização da palavra biografia ocorre em 1721 e, conforme Priore, o termo “[...] designava um gênero que tinha por objeto a vida dos indivíduos” (2018, p. 75). Priore esclarece ainda que “antes, as biografias apareciam em forma de ‘memórias’, ou seja, relações escritas nas quais o indivíduo narrava fatos dos quais participava ou fora testemunha” (2018, p. 75). Em razão das grandes transformações ocorridas nos séculos XVII e XVIII, o indivíduo começa a se desvencilhar das correntes de pensamento que orientavam seu destino e, conforme Priore, ele “ousou dizer ‘eu’” (2018, p. 74).

O processo de individualização vai se intensificando e “o mundo social mudou de núcleo de gravidade. Das leis superiores impostas por Deus, pelo Estado ou pela família, o centro voltou-se para o culto de si. O indivíduo tornou-se meta e norma de todas as coisas” (PRIORE, 2018, p. 75). Assim também, conforme Philippe Lejeune, “[...] aparecem, então, ao lado das obras de inspiração religiosa, os livros de razão, as histórias de vida de pessoas mais

comuns, menos exemplares”. Sob a visão do autor em função de que “todos os homens nascem livres e iguais em direito [é] [...] pensável e legítimo para todos e cada um contar a sua vida” (1993 apud PRIORE, 2018). Em virtude da afirmação do individualismo, o gênero biográfico “tornou-se moda: Marguerite de Valois, Commines, Monluc, Retz, Saint-Simon, dentre outros memorialistas do Antigo Regime, construíam a memória do mundo e a memória de si” (PRIORE, 2018, p. 75).

Nesse contexto de modificações sociais, surge a ciência positivista de August Comte e junto dela a marcação do afastamento nítido entre o que era considerado arte, ficção, narrativa, enfim literatura, e a ciência que, a partir deste momento, deveria estar embasada em fontes “confiáveis”: a documentação oficial e escrita. Acreditava-se na pesquisa neutra, sem tendência da parte de quem pesquisava e de quem deixava as fontes e, como exposto, o único material confiável era o documento escrito e oficial. Então, apesar do desenvolvimento das biografias no período oitocentista, após o desenvolvimento das grandes filosofias da história “como o positivismo e o marxismo, nas quais as transformações históricas aparecem como produtos de leis naturais, imutáveis, impessoais, cabendo ao indivíduo uma ínfima margem de ação[...]” a biografia passa a ser marginalizada e não utilizável enquanto fonte de pesquisa (SCHMIDT, 2018, p. 19).

Além disso, nesse contexto de transformações, com a consolidação, no século XIX, das narrativas coletivas de “povo” e “nação”, o homem passa a carregar consigo a ideia de nacionalismo, “imortalizando heróis e monarcas, ajudando a consolidar um patrimônio de símbolos feito de ancestrais fundadores, monumentos, lugares de memória, tradições populares, etc.” (PRIORE, 2018, p. 75). Um dos mais influentes desta época foi o filósofo e historiador Jules Michelet (1798-1874), que “[...] colocou em primeiro plano da reflexão histórica os valores coletivos, expressos pelo povo, deixando aos indivíduos o papel de representantes de paixões coletivas [...]” (MALATIAN, 2012, p. 18).

Já no século XX, na escola francesa dos Annales, a ênfase em ciclos econômicos, quantitativos e de estruturas de tempo longo foram preponderantes – principalmente na segunda geração – servindo de modelo e método para realização de pesquisas, o que acarretou um aprofundamento do “eclipse biográfico”, juntamente com a “história factual”, visto que as análises desse período irão valorizar categorias maiores, o “fato social total”. Ao analisar as categorias, buscavam permear as áreas “econômicas, sociais, culturais e espirituais” (PRIORE, 2018, p. 75). Sendo assim, a biografia, “narrativa por excelência”, estava fora de questão. Porém,

metaforicamente, nos bastidores, ocorriam escritas biográficas históricas a exemplo de Stefan Zweig⁴.

Com relação a essa aversão biográfica, Priore (2018) faz uma provocação interessante e demonstra a quase impossibilidade de escrever sem se deixar levar pela arte. Expõe e problematiza a respeito de um dos livros famosos escritos por Fernand Braudel: “O mediterrâneo e o Mundo Mediterrâneo na Época de Filipe II”. Sua crítica é que Braudel deixou-se levar pelo *páthos*. No livro de Braudel, o autor marcava “as relações entre o homem” e o meio geográfico, cujo personagem principal era o mar Mediterrâneo e não o rei Felipe II, personagem coadjuvante da obra. Assim, “a abordagem conhecida como Nova História recusava as análises que só retinham um único fator em detrimento da multiplicidade de componentes particulares, de circunstâncias que levavam a uma conjuntura” (PRIORE, 2018, p. 77). Entretanto, além dessa multiplicidade, Braudel “não conseguiu ignorar o *páthos*: ‘Neste livro, os barcos navegam; as ondas repetem sua canção; os vinhateiros descem das colinas’” (BRAUDEL, 1987 apud PRIORE, 2018, p. 77).

Nesse sentido, começa-se a pensar em alternativas de fontes passíveis de serem exploradas, principalmente devido à complexidade do mundo moderno, no qual os modelos estruturalistas não davam conta de expressar/explicar a realidade. Vai ocorrendo, dessa forma, mesmo sob análises mais generalizantes, a reintrodução da biografia como representativa de uma sociedade e seu *modus vivendi*.

Lucien Febvre (“Rabelais ou o problema da incredulidade do século XVI, 1942”) foi um dos autores que fez uso da biografia como uma narrativa em que um indivíduo representaria a classe e a cultura de um grupo mais amplo de sua convivência. Esse tipo de biografia passou a ser chamada de Biografia Modal, que “[...] consiste em descentralizar o interesse pela singularidade do percurso recuperado a fim de visualizá-lo como representativo de uma perspectiva mais ampla [...]. O indivíduo só tem valor na medida em que ilustra o coletivo” (ARIENTI, 2013 apud DOSSE, 2009, p. 195). Exemplos posteriores de intelectuais importantes da tentativa de reinserção da biografia como representativa do seu contexto são Michel Vovelle (*L’irresistible ascension de Joseph*, 1975) e Georges Duby (“Guilherme, o Marechal ou melhor cavaleiro do mundo”, 1988).

Apesar dessas novas discussões, a adoção do gênero biografia ainda era tímida. A reintrodução com mais liberdade foi-se tornando viável a partir de 1980. François Dosse, então,

⁴ Ver PRIORE, Mary Del. Biografia, Biografados: Uma janela para a História. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 76.

anuncia a idade hermenêutica, que tinha como objetivo a captura da “unidade pelo singular”. Foi uma “verdadeira quebra de paradigma”, haja vista que ocorre o “fenecimento das análises marxistas e deterministas que engessavam por décadas a produção historiográfica, permitindo dar espaço aos atores e suas contingências novamente” (PRIORE, 2018, p. 78). Assim,

A explicação histórica cessava de interessar pelas estruturas, para centrar suas análises sobre os indivíduos, suas paixões, constrangimentos e representações que pesavam sobre suas condutas. O indivíduo e suas ações situavam-se em sua relação com o ambiente social ou psicológico, sua educação, experiência profissional, etc. (PRIORE, 2018, p. 77).

Essas transições e revalorizações ocorreram no intuito de refletir sobre incoerências, contradições, no sentido “[...] de relatos biográficos que procuram acompanhar as linhas de intensidade múltiplas ao expressarem as contradições, complexidades e tensões das personalidades e ações dos indivíduos ao longo de suas trajetórias” (ROIZ, 2012, p. 145). Porém, apesar dessa nova valorização biográfica, o ataque quase fatal ao gênero biográfico não demorou muito a ser elaborado.

A divulgação do texto *L'illusion biographique* (1986), de Pierre Bourdieu, provocou um alvoroço, visto que o ataque frontal às subjetividades das biografias históricas foi exposto. Assim, como expõe o próprio Bourdieu, “A história de vida é uma dessas noções do senso comum que entraram de contrabando, no universo erudito” (1986, p. 69-72).

O desafio estava posto à prova e não faltaram defensores do gênero que refletissem, explorassem e, por fim, criassem uma forma de análise de produção das obras biográficas. “Assistiu-se, assim, a uma volta do gênero, mas de uma biografia que nada tinha a ver com um retorno à história heroica e literária dos grandes homens” (PRIORE, 2018, p. 78). Como complemento, fora substituída pela biografia, que figurava como uma “espécie de receptáculos de correntes de pensamento e de movimentos que a narrativa de suas vidas torna mais palpáveis, deixando mais tangível a significação histórica geral de uma vida individual” (LE GOFF, 1989, p. 48-53).

Em razão dessas reformulações, começavam a se tornar visíveis as possibilidades que o uso biográfico enquanto fonte de pesquisa possibilitava, pois existiam temas complexos que só poderiam ser estudados por esta via. Nesse sentido, até mesmo intelectuais que antes haviam feito duras críticas ao modelo de pesquisa foram perceber a importância das escritas de si. Pode-se citar como exemplo o sociólogo Bourdieu, já mencionado, que, apesar das críticas – que

serviram de impulso para que o campo fosse mais aberto – fez uso das biografias posteriormente⁵.

Assim, nesse modelo biográfico, segundo Roiz, “as abordagens têm procurado levar em conta uma dialética entre acontecimentos, conjunturas e estruturas, elites e massas, indivíduos e grupos, palavra e ação, de modo a não simplificar a trajetória numa visão linear e teleológica” (2012, p. 145). Logo, surge um novo modo de biografar ou de analisar as biografias. “Enterrava-se a biografia positivista dos tempos de antanho, descrita por Jacques Le Goff como ‘tradicional, superficial, anedótica, cronológica, sacrificada a uma psicologia ultrapassada e incapaz’” (PRIORE, 2018, p. 78).

Nesse contexto de novas possibilidades de fontes e de metodologias, algo bem significativo são as novas discussões historiográficas que, segundo Priore, propiciaram a abertura de outra abordagem de trabalho. Na década de 1980, nascia “uma coleção da editora Einaudi, dirigida por Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, intitulada *Microestorie*” (PRIORE, 2018, p. 75). Pelas publicações ao longo desta década, ocorre o desenvolvimento da abordagem micro-histórica, que assumiu

[...] legitimidade do ‘fatiamento da história’ posto em cena pela Nova História, porém preocupada com a problematização mais nítida do objeto de investigação, especialmente quanto às hierarquias e conflitos sociais, a micro-história trouxe à luz importantes biografias extraídas desta nova prática historiográfica (PRIORE, 2018, p. 80).

Como exemplo de escritas nesses moldes tem-se “O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição” (1976), de Carlo Ginzburg, cujo personagem principal é Domenico Scandella, moleiro friulano também conhecido como Menocchio, perseguido pela inquisição em virtude de suas ideias que iam de embate aos preceitos da Igreja Católica do século XVI. Outra obra é “O Retorno de Martin Guerre”, de Natalie Davis, que analisa a história de abandono do lar pelo camponês basco Martin Guerre, e a ocupação em seu lugar de um impostor, que se faz passar por Martin.

Nesse sentido, foram várias as possibilidades que o retorno biográfico histórico foi possibilitando. A “reabilitação da biografia histórica integrou as aquisições da história social e cultural, oferecendo aos diferentes atores históricos uma importância diferenciada, distinta individual” (PRIORE, 2018, p. 80). Além disso, segundo Marc Ferro, as análises sobre a vida

⁵ Exemplo mais emblemático: BOURDIEU, Pierre, **Esboço de auto-análise**. Tradução Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

privada dos indivíduos, “permitiram dessacralizar, segundo ele, os papéis estritamente públicos que esses exerceram, revelando as complexas relações entre a vida privada e a vida pública” (apud PRIORE, 2018, p. 79).

Por essas razões, ocorre o aumento e a ampliação da liberdade no desenvolvimento das escritas biográficas. Segundo Roiz, até o final da década de 1980, os historiadores recebiam críticas e precisavam se explicar quando da elaboração de trabalhos biográficos. Já, na década seguinte, “os historiadores eruditos, autores de biografias, já não precisam se justificar junto a seus pares por ter escolhido esse gênero, que não constitui mais objeto de depreciação”, mas, ao contrário, “tendem a aumentar-lhe o valor” (ROIZ, 2012, p. 145).

Para ele, ainda,

[...] em função de críticas vindas do âmbito das Ciências Sociais e, depois, do movimento dos Annales ao ídolo dos grandes homens e a idéia de acontecimento, a renovação do gênero e a maior aproximação entre história e biografia só ocorreu depois dos anos de 1960, em função da reorientação do próprio movimento dos Annales e das alterações do mercado editorial francês (ROIZ, 2012, p. 145).

Durante esse processo de afirmação e de retorno da biografia histórica, a discussão sobre o gênero biográfico estava, em essência, ligado ao problema da narrativa. Silva (2012) esclarece que a polêmica envolvendo a narrativa iniciou-se na década de 1970. Nesse sentido,

Um dos iniciadores dessa discussão foi [Paul] Veyne (2008) que afirmou que a história não era uma ciência, mas uma narrativa de eventos, uma trama construída pelo historiador e que só existe enquanto linguagem, apontando para uma linha divisória tênue entre história e romance. White (1995) afirmou que a narrativa histórica possui uma natureza literária, articulada à imaginação do historiador, e declarou que não há diferença essencial alguma entre o discurso literário e o discurso historiográfico. Como resposta Certeau (2002) afirmou que a história e a literatura operam de formas diferentes, embora ambas partam da realidade. Assim, Certeau (2002, p. 66-67) entende a história como prática científica com operações específicas, porém com saber limitado pelo ‘lugar social’ de onde fala o historiador, de onde se organizam os métodos, ‘se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhe são propostas, se organizam’ (CERTEAU, 2002 apud SILVA, 2012, p. 3).

Pelo que já foi exposto, é visível, portanto, que ocorreram muitas divergências e muitas discussões e reflexões a respeito do gênero biográfico nesse período da história. E o questionamento que se fazia, com frequência – e que ainda se faz – é o motivo do retorno da biografia e se é possível narrar uma vida em sua totalidade. Como exposto, em um primeiro momento, ocorre o enfraquecimento e a crise marxista. Posteriormente, “a libertação de uma história quantitativa e serial que havia subjogado a história factual” (2003 apud SILVA, 2012, p. 5). A aproximação da História com as Ciências Sociais e Naturais – Biologia, Sociologia,

Psicologia e Psicanálise – também é considerada por Levillan um fator relevante para a questão, que refere que a

A Psicologia e a Psicanálise contribuíram para *renovação do individualismo*, que pressupõe um enfoque voltado para o indivíduo no que diz respeito ao reconhecimento da liberdade de escolha do homem, bem como o confronto entre ele e a sociedade no tocante à fixação de valores, uma renovação do individualismo. Portanto, esse retorno parte de um princípio de que existe autonomia do indivíduo na sociedade (2003 apud SILVA, 2012, p. 6).

Como perceptível, além dessa confluência ou aproximações de áreas do conhecimento, a impossibilidade de explicação da realidade sob as correntes positivistas, marxistas e estruturalistas propiciou uma renovação epistemológica nos Annales e, por esse fator, resultou no retorno das biografias históricas e sua revalorização enquanto objeto de pesquisa válido, tanto nas ciências humanas quanto nas sociais. Essa impossibilidade de explicar a realidade sob as vertentes expostas também é o fundamento central para entender a emergência e o relevo das biografias nas outras áreas do conhecimento das ciências sociais e humanas. Para compreender a importância de fontes biográficas, esboçar-se-ão as ideias dos principais autores que se debruçaram sobre esse polêmico e interessante campo de possibilidades.

Como exposto, nas ciências humanas e sociais, o aparecimento com mais nitidez também foi se dando principalmente a partir de 1980. Na perspectiva educacional,

a partir dos anos 1980 houve um redirecionamento dos estudos sobre formação docente, cuja ênfase sobre a pessoa do professor veio favorecer o aparecimento de um grande número de obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores as carreiras e os percursos profissionais, as autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores (NÓVOA, 1982 apud BUENO, 2002, p. 11).

Para os autores das Ciências Sociais Pineau e Le Grand (2002, p. 125), as Histórias de vida

Constituem uma arte poderosa de governo dessa vida, a qual, conforme suas condições de exercício, pode ajudar, sujeitar ou autonomizar. Muito eficazes, elas produzem algo, uma história, naturalmente, mas que não se reduz a um simples enunciado. Elas conferem sentido a experiência vivida, e se esse sentido é apropriado pelo sujeito, elas desenvolvem uma competência não apenas linguística, mas também comunicativa ou pragmática (2002, p. 125).

Para Ferraroti, o que ocorre através dos relatos é o que chamou de “práxis humana” que se converte em uma

[...] atividade sintética, totalização ativa de todo um contexto social. Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante – reestruturante (2014 apud FREITAS; BARGUIL, 2021, p. 284).

A partir dessa práxis “[...] o sujeito confronta-se consigo mesmo” (JOSSO, 2014 apud FREITAS; BARGUIL, 2021, p. 285). É nessa confrontação que o sujeito se questiona, se forma e transforma não só sua subjetividade, mas suas ações diárias, de acordo com suas interpretações.

É interessante como, nesse processo, todo o contexto vai, aos poucos e com velocidades diferentes, se transformando. Novos interesses tomam frente e, neste caso, um deles é a redescoberta do subjetivo. Assim diz Bueno, expondo que “[...] esse interesse é a expressão de um movimento mais geral, que diz respeito às mudanças paradigmáticas e às rupturas que se operam no âmbito das ciências sociais no decorrer do século XX” (2002, p. 14). A autora complementa, abordando que “Esse movimento não se deu naturalmente de modo homogêneo, uma vez que cada disciplina, a seu tempo e em função de seus problemas e insatisfações, foi rompendo com os modelos estabelecidos de pesquisa e ousando construir modos próprios de enfrentar suas questões” (BUENO, 2002, p. 14).

Com relação às ciências sociais, existe uma diferenciação na nomenclatura utilizada: autores empregam comumente a expressão “história de vida”. São nomenclaturas que em essência e de maneira bem simplória acabam diferenciando as áreas do conhecimento. É interessante, no entanto, reafirmar o envolvimento das disciplinas como um dos sustentáculos do retorno da revalorização das escritas de si enquanto cientificamente válidas. Como exposto acima, com a aproximação de áreas do conhecimento, como da História com as Ciências Sociais e Naturais, Biologia, Sociologia, Psicologia e Psicanálise – ocorreu um florescimento de possibilidades, dentre elas o uso de fontes orais legítimas às pesquisas.

Com essas colocações, é possível também apontar que existiram muitas explicações e razões possíveis acerca do expressivo retorno das biografias, e, como visto, elas não se excluem, pelo contrário, se complementam. Além do exposto acima, segundo Schmidt, “talvez seja possível pensar que o dito ‘retorno’ do biográfico também acompanha essa onda de interesse pela história-memória” (2018, p. 18). Essa revalorização da memória está diretamente ligada à ideia de presenteísmo, proposta por François Hartog, em que se tem a percepção de um presente que é fugaz e necessita ser registrado para que não se perca. Trata-se da

[...] supremacia do ponto de vista do presente [...] como se quisesse preservar, na verdade, reconstituir um passado já extinto ou prestes a desaparecer para sempre. Já

inquieto, o presente descobre-se igualmente em busca de raízes e de identidade, preocupado com a memória e genealogias (HARTOG, 2019, p. 151).

Nesse sentido, no intuito de perceber as possíveis relações entre a escrita biográfica e o retorno da memória e suas relações com as percepções temporais, no próximo subtítulo exploram-se os conceitos relacionados às temporalidades propostas por François Hartog.

2.2 Regimes de historicidade

Como já mencionado, é possível cogitar a relação entre os regimes de historicidade e as escritas biográficas no que se refere às rítmicas do tempo, ou seja, ao modo como são percebidos os tempos passado, presente e futuro. Essas análises temporais estão inseridas no que François Hartog chamou de “regimes de historicidade”. O historiador, para realizar essas abstrações, utiliza-se e dialoga com Reinhart Koselleck. Para este, “O tempo histórico [...] é produzido pela distância criada entre o campo de experiência, de um lado, e o horizonte da expectativa de outro: ele é gerado pela tensão entre os dois lados” (2006, p. 43).

Nesses termos, Hartog elabora “uma ferramenta heurística”, que auxilia o pesquisador na apreensão dos tempos e, principalmente, em analisar os “momentos de crise do tempo”, quando se dá a perda das “articulações do passado, presente e do futuro” (2019, p. 37) e expõe e exemplifica que as crises se dão por acontecimentos sociais que acabam modificando a estrutura social e, por consequência, o modo como essas sociedades se relacionam com o tempo.

Nesse sentido, Hartog pontua a possível existência de três regimes de historicidade: o antigo regime de historicidade – rítmica passadista e de exemplaridade –, o moderno regime de historicidade – rítmica futurista e progressista – e o regime de historicidade presentista – rítmica do presente e preservação do passado “já desaparecido ou a ponto de apagar-se” (2019, p. 37).

No intuito de perceber essas relações e, também como suporte para a análise de dados, seguimos em linha cronológica de maneira bem sintética e resumida. Algo importante de ser ressaltado, antes de abordarmos sobre esses conceitos, é no sentido de que, embora possa haver predominância de um regime de historicidade em uma determinada época e sociedade, eles não existem em estado puro, ou seja, podem “conviver e se entrecroçar na mesma realidade” (SCHMIDT, 2018, p. 18).

Conforme a exposição, as biografias foram sendo transformadas e impactadas pelo contexto histórico e social em que foram elaboradas. O primeiro modelo de biografia exposto foi o da Antiguidade e era aquele que buscava a exaltação. Segundo Hartog (2019), esse modelo

está relacionado em preponderância com o antigo regime de historicidade, pois, sob sua supremacia temporal, ele se caracteriza pelo fato de ser o passado responsável pela elucidação do futuro, servindo de exemplo, sendo repetido com constância devido à sua visão de tempo cíclico, sem muita modificação. Assim, a história cumpriria seu objetivo, que era o de orientar os indivíduos na moralidade, no modo do “bem viver” – de acordo com os preceitos da época, tendo o campo de experiência como predominante. Esse modelo está situado entre a Antiguidade e a Idade Média. As modificações sociais no período da Idade Moderna ocasionaram a chamada “crise de tempo”, e passa a ser preponderante o “moderno regime de historicidade” (HARTOG, 2019).

Segundo o autor, a ruptura ou crise temporal ocorre por consequência, principalmente, da Revolução Francesa. Com o regime moderno que passa a predominar, tem-se a ideia de progresso como base e se desenvolve a premissa de que o futuro e não mais o passado é detentor de respostas. A exemplaridade biográfica, nesse sentido, também como percebido, não é mais preponderante. É nessa nova perspectiva que as biografias posteriores passam a ser desenvolvidas. Assim expõe:

As lições da história são substituídas pela exigência de previsões. O historiador não mais elabora o exemplar, mas ele busca o único. Na *história magistra*, o exemplo ligava o passado ao futuro através da figura do modelo a imitar. Com o regime moderno, o exemplar, como tal, desaparece para dar lugar àquilo que não se repete. O passado está, por princípio, ultrapassado. O futuro, isto é, o ponto de vista do futuro domina. [...] Este futuro que esclarece a história passada, este ponto de vista e este *telos* que lhe dão sentido, adquiriu, sucessivamente, com as vestes da ciência, a imagem da Nação, do Povo, da República ou do Proletariado. Se ainda resta uma lição da história, ela vem, por assim dizer, do futuro e não mais do passado. Ela está em um futuro que acontecerá como diferente do passado [...] (HARTOG, 2019, p. 9).

No século XX, “o ‘horizonte de expectativas’ do mundo moderno foi sendo atrofiado diante de uma série de acontecimentos, como as crises do capitalismo e os horrores das Guerras Mundiais, sobretudo do Holocausto (HARTOG, 2019). Os acontecimentos catastróficos acabam ocasionando percepções confusas, falando-se inclusive em fim da história com Francys Fukuyama (1992) (KANNAAN, 2006). Hartog percebe então uma “crise do tempo” e do provável surgimento do novo “regime presentista” ou da “hipertrofia do presente”. Segundo o autor, este se tornou preponderante principalmente a partir de 1989 – queda do Muro de Berlim –, pois foi um momento de grande crise, em que se deixou de olhar para o tempo como um progresso, com começo, meio e fim, e o presente passa a ser a referência, o marco. Não se olha mais nem para o passado – enquanto ideia de exemplaridade – nem para futuro – em perspectiva de progresso.

O regime presentista, portanto, segundo Hartog, caracteriza-se pela ânsia no presente; tudo deve ser feito para o presente. Pensando no documento autobiográfico de Lídia analisado neste trabalho, é interessante a percepção de que é nesse contexto de regime de historicidade presentista como o predominante que ela escreve seu documento autobiográfico. Sua escrita segue a lógica de Hartog, em que a autora procura deixar registrado o passado recente ou propaga, por meio da escrita, outro regime de historicidade? Essa análise faz-se interessante para adentrar – quando conveniente – na percepção da dimensão temporal usada por Lídia. Porém, antes nos debruçarmos sobre a análise do seu documento, outras questões consideradas pertinentes serão discutidas.

Dessa forma, no próximo subtítulo, buscaremos expor as complexidades relacionadas à memória e suas relações com a pesquisa histórica, bem como suas influências para o processo de formação de identidade.

2.3 Memória, História e Identidade

É inegável a importância atribuída ao contato, ao diálogo, à troca de experiências e de vivências para o processo de aquisição das memórias, elaboração da história e formação de identidades. Ao narrar/contar sobre nossa vida, estamos realizando um processo constante de formação, transformação e construção de nossa história, onde nos reconhecemos enquanto singularidade, sujeitos, pois nos construímos, nos formamos através da narração. Quem recebe pode, assim, colocar-se no lugar do outro, refletir sobre si, percebendo as diferenças e as semelhanças entre si e o outro. E é nesta constante construção que percebemos quem somos e podemos nos (re)construir. Assim referem Schons e Grigoletto: “Quando dizemos retorno a um conjunto de saberes na escrita ou qualquer outra ação do indivíduo, estamos falando de um sujeito que se constitui no próprio processo discursivo e que se subjetiva e (des)constrói memórias” (2008, p. 408).

Schons e Grigoletto ainda expõem que “[...] a folha de papel não é apenas espaço em branco a ser preenchido com estruturas linguísticas, mas espaço simbólico de luta, no qual se estabelece o tempo todo o jogo da contradição” (2008, p. 408). Sendo assim, ao permear vieses da narrativa de si, percebe-se a importância que esta tem enquanto formativa dos sujeitos – de quem narra e de quem recebe esta narrativa –, pois, ao contar/ouvir, pode-se “superar os desafios da construção do ‘eu’ e do reconhecimento do ‘eu’” (CAVACO, 2021).

A importância do narrar é ampla e, sob perspectiva dos estudos de Antônio Damásio, neurologista português, o contar histórias possibilita a troca, a “partilha e circulação dos saberes construídos individual e coletivamente, pela humanidade” (DAMÁSIO, 2010 apud CAVACO, 2021). Nesses termos, o fato de compartilharmos nossas vivências possibilita a manutenção de nossa espécie, pois os saberes vão sendo “acumulados” e transmitidos de geração em geração, possibilitando a evolução no sentido de aprimoramento de técnicas, de modos de vida e de formação e transformação das subjetividades e singularidades.

Tendo em vista a importância das narrativas de si, em um primeiro momento, faz-se interessante expor o que significa a narrativa/ato de narrar. Segundo Cavaco, “a narrativa é uma exposição de fatos interligados, que dá origem a uma história, com um enredo situado no tempo e no espaço” (2020). Essa abordagem é na perspectiva de narrativa geral, na qual, segundo a mesma autora, o ato de narrar sobre uma vida é nomeado de narrativa biográfica ou autobiográfica. Nas Ciências Sociais, as biografias são mais comumente conhecidas como histórias de vida.

No que se refere aos escritos autobiográficos, Malatian menciona que

[...] abrangem diversas modalidades, também conhecidas como escritas de si, cuja principal característica é o uso da primeira pessoa, do singular ou plural, no discurso, em que o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta (2012, p. 2).

As escritas de si, nesse sentido, são importantes, pois são um dos modos através dos quais a troca e o compartilhamento de informações se sucedem, e a aprendizagem mútua é propiciada, possibilitando um avanço – não necessariamente no sentido de progresso, mas no sentido de troca de informações/conhecimento – de modo que não há necessidade de iniciar sempre da linha de partida, mas que possam – metaforicamente falando – trocar/inovar/repassar o bastão.

Uma das características e importâncias da escrita de si é a constante (re)construção das subjetividades. Ao perceber a relevância do termo, Bueno refere que “a subjetividade passa a se constituir, assim, na idéia nuclear, vale dizer, no próprio conceito articulador das novas formulações teóricas e das propostas que realimentam a[s] área[s] a partir dessa viragem” (2002, p. 13).

Para entender como a transformação da subjetividade ocorre através da narração de sua história de vida – e recepção da história de vida do outro –, é possível citar aqui o filósofo e historiador Michel Foucault (1979). Em “Escrita de si”, o autor analisa os “livros de

contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam de lembrete” – conhecidos por hupomnêmata – e as correspondências – “cadernetas de notas” –, para vislumbrar de que modo o escrever de um relato sobre si é uma técnica de construção de subjetividades, construção de si e do outro. O intelectual, neste sentido, tendo por base ideias do filósofo grego Epicteto, afirma que “a escrita aparece regularmente associada à ‘meditação’, a esse exercício do pensamento sobre si mesmo que reactiva o que ele sabe, se faz presente um princípio, uma regra ou um exemplo, reflecte sobre eles, os assimila, e se prepara para enfrentar o real” (FOUCAULT, 1992, p. 133). Essas reflexões e análises são utilizadas por pesquisadores que seguem esta linha de pesquisa por trazerem contribuições, dentre as quais a exposta acima, de que a subjetividade de um sujeito não é algo constituído previamente, mas, pelo contrário, está permanentemente em construção e as interações e contatos externos fazem-na modificar-se.

Tendo em vista esse processo formativo das narrativas de si, aborda-se, assim, acerca dos aspectos mais “internos”, diretamente ligados à transmissão e à formação. Trata-se dos conceitos de memória e identidade: conceitos que estão ligados e dependem um do outro para a efetivação das narrativas de vida. Pretende-se, na sequência, portanto, circundá-los e perceber tais relações e dependências.

No que se refere ao primeiro conceito em perspectiva individual, para que um indivíduo possa se situar no mundo é necessária sua memória, palavra que vem do latim *memor* e “significa ‘aquele que se lembra’ e de uma raiz indo-europeia MEN – ‘pensar’, que nos deu também ‘mente’” (ORIGEM DA PALAVRA, [s.d.]). Segundo Izquierdo, de maneira prática, “a memória dos homens e dos animais é o armazenamento e evocação de informação adquirida através de experiências” (1989, p. 89).

A memória, portanto, em um primeiro momento, remete às suas funções psíquicas “graças às quais o homem pôde atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Sob essa óptica, “o estudo da memória abarca a psicologia, a psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria” (MEUDLERS; BRION; UERY, 1971 apud LE GOFF, 1990, p. 423).

Estudada de maneira cada vez mais frequente, foi explorada sob diversos enfoques e possibilitou análises aprofundadas e que não se restringiram apenas a funções “mecânicas”. Estudos diversos chegaram à “noção de aprendizagem, [como] importante na fase de aquisição da memória” (LE GOFF, 1990, p. 356). Em sistemas educacionais “de várias sociedades e diferentes épocas – as mnemotécnicas” – deixou-se de lado a ideia de uma “mecânica de

vestígios mnemônicos” (LE GOFF, 1990, p. 356) pois, segundo Changeux,

O processo de memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios e os processos de leitura, mas também a releitura desses vestígios e os processos de releitura podem fazer intervir centros nervosos muito complexos e uma grande parte do córtex, [mas, existe] um certo número de centros cerebrais especializados na fixação de percurso amnésico (1972 apud LE GOFF, 1990, p. 356).

A importância da aprendizagem é de grande valia para a memória e esta se dá – em uma das formas – por meio da transmissão de informações, para a qual a memória é indispensável. Nesse sentido, ocorre a aproximação de alguns cientistas à “memória de fenômenos diretamente ligados à esfera das ciências humanas e sociais” (LE GOFF, 1990 p. 424).

Um dos primeiros autores a estudar a memória em perspectiva das ciências sociais foi Maurice Halbwachs, que se tornou um autor clássico, segundo Malatian (2012), e deixou contribuições muito importantes para pensar as relações entre a memória individual e o grupo social na qual o indivíduo está inserido. Segundo a autora,

A vitalidade de seu pensamento persiste subjacente a interpretações que levaram adiante a percepção da relevância do grupo enquanto suporte da memória. O conjunto de lembranças é por ele considerado como dimensão temporal, espacial e social da cultura, por meio da qual a memória liga-se irrevogavelmente à vida do grupo ao qual ela serve e de cuja trajetória ela participa. A memorização feita por um grupo significa a construção de um ‘patrimônio de lembranças’ que comporta valorização ou exclusão de personagens e eventos, em suma, a apropriação seletiva do passado e do presente (MALATIAN, 2012, p. 3).

As pesquisas e reflexões advindas de Halbwachs foram importantes e mostraram a dimensão de grupo enquanto essencial à formação da memória, pois se passou a ter a ideia de que “[...] para se lembrar, precisa-se dos outros” (RICOEUR, 2014, p. 130).

Para Ricoeur, a memória está envolvida com a “ideia de representação” de “impressão” de “rastros”. É algo “que já não está mais lá, mas esteve”. Este processo se dá através da “presença, da ausência e da anterioridade”, e

[...] o passado está por assim dizer, presente na imagem como signo da sua ausência, mas trata-se de uma ausência que, não estando mais lá, é tida como ‘tendo estado’. É esse ‘tendo estado’ que a memória se esforça por reencontrar. Ela reivindica a sua fidelidade a esse ‘tendo estado’[...] (RICOEUR, 2003).

Lembramo-nos do que queremos lembrar – memória individual – e somos instigados a lembrar de determinados fatos, por vezes com interpretações diferentes sobre um acontecimento, dependendo do contexto cultural, social e temporal vivido –, por meio da

memória coletiva. Para Ricoeur, “[...] as recordações são, por assim dizer, narrativas e que as narrativas são necessariamente seletivas. Se somos incapazes de nos lembrar de tudo, somos ainda mais incapazes de tudo narrar; a ideia de narrativa exaustiva é uma perfeita insensatez” (2003).

Ainda, existe a relação entre o momento em que se vive e o que somos capazes de lembrar. Segundo Mello, “as circunstâncias em que se vive no presente implicam na constante modelação e remodelação da memória [...] [sendo] favorável a algumas lembranças enquanto outras são esquecidas, provocando as nuances que caracterizam a memória como um fenômeno dinâmico e fluido” (2016). Assim também expõe Halbwachs, segundo o qual “Agrada-nos dizer que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que nele ocupo e que, por sua vez, esse lugar muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (apud RICOEUR, 2014, p. 134).

Em 1979, embasando-se nos estudos de Halbwachs, Eclea Bosi publicou o livro “Memória e sociedade: lembrança de velhos”. Tornou-se uma referência na área devido à sua pertinência, pois problematizou os processos de formação da memória de idosos que, durante longo tempo, foram – e ainda em grande medida são – considerados indivíduos de pouca ou nenhuma visibilidade nas pesquisas científicas. Para realizar essa pesquisa, Bosi realizou entrevistas com oito pessoas que à época tinham mais 70 anos de idade. Por meio dessas pesquisas, a memória da cidade de São Paulo é revisitada a partir da memória dos entrevistados. Bosi, seguindo Halbwachs, procura perceber a memória em relação aos grupos sociais de convívio dos indivíduos.

A partir dessa exposição, observa-se que as lembranças não são neutras, ou seja, nos lembramos influenciados por diversos fatores, como o presente, a percepção do tempo, as ideologias a que somos favoráveis, a nossos grupos. Por meio dessas recordações e da narração desses fatos de acordo com nossas interpretações, nos marcamos, nos situamos enquanto grupos identitários, culturais, nacionais e, além disso, auxiliamos na construção da história.

É perceptível que a identidade está sendo englobada de maneira conjunta com os conceitos trabalhados acima, por meio, principalmente, da marcação simbólica e das reconstruções que se efetivam quando das partilhas de histórias. Porém, o que significa o conceito “identidade”? O conceito é polissêmico e é discutido e trabalhado em diversas disciplinas.

Na filosofia, segundo o sociólogo Claude Dubar (2000), o termo pode ser explorado e analisado sob duas correntes principais. A primeira se refere à corrente que o autor chamou de

“[...] essencialista na medida em que, qualquer que seja a acepção do termo identidade, ela repousa sobre a crença nas ‘essências’, nas realidades essenciais, nas substâncias ao mesmo tempo imutáveis e originais” (DUBAR, 2000, p. 7).

Segundo o sociólogo essa perspectiva foi pela primeira vez teorizada por Parmênides “no célebre Poema 3, escrito no Século X a.C.[...]”, para quem “a mudança é excluída do Ser” e, nesse sentido, não existem mudanças temporais nem espaciais. Essa característica de imutabilidade ou “permanência no tempo” foi chamada de “mesmidade” pelos filósofos (DUBAR, 2000, p. 9).

A corrente que Dubar aponta como “outra concepção quase oposta à precedente” é a minimalista, também conhecida por existencialista, em que se levam em consideração as mudanças temporais e espaciais em que o ser está inserido⁶. Assim, “a identidade de cada ser empírico depende da época considerada, do ponto de vista adotado”, cuja corrente é atribuída a Heráclito, que teria escrito, quase um Século antes de Parmênides, que “não se pode tomar banho duas vezes no mesmo rio” (DUBAR, 2000, p. 9).

A primeira forma de ver o mundo foi hegemônica na história da filosofia, enquanto a visão de transformação identitária se alastrou “e deixou marcas instituintes” (BRAGANÇA, 2012, p. 111). Sob uma perspectiva existencialista e fazendo uma relação entre memória e identidade social, Bragança refere que “Pollak (1992) busca o sentido de identidade como ‘imagem de si, para si e para os outros’” (2012, p. 111). Assim, sob essa visão, com o passar dos anos, “[...] o sujeito histórico constrói uma imagem sobre si próprio que é apresentada a si e aos outros como sua representação, mas também como indicativo da forma pela qual deseja ser percebido pelos outros” (BRAGANÇA, 2012, p. 111).

Dubar entra novamente para explicar como se dá a construção “dessa imagem de si e para os outros” (2000, p. 9). Assim, ele analisa essa elaboração por meio da “socialização primária e secundária, processo plural que apresenta as marcas da interação com a vida coletiva.” Desse modo,

A socialização liga, assim, o sujeito aos diferentes contextos dos quais faz parte, implicando integração e adaptação ao sistema. Considerando que o social é permeado de contradições e dualidades, também a identidade do sujeito não é harmoniosa, mas aponta uma constante busca de equilíbrio entre processos plurais, estando em permanente reconstrução. A socialização primária se dá na infância, tendo, como agentes fundamentais, a família e a escola; a socialização secundária, na adolescência

⁶ Por meio do exposto até então acerca da importância das histórias de vida para a evolução/transformação da subjetividade e da sociedade como um todo, é visível que a perspectiva adotada nesta dissertação vai ao encontro da segunda corrente – a existencialista –, pois percebemos a dimensão da transformação da identidade de acordo com espaço, tempo e ambiente cultural e social em que o ser está inserido.

e na vida adulta pelo contato com os mais diferentes grupos e instituições, pela imersão no mundo vivido, na experiência de vida e profissional. Assim, na vida adulta, ressalta-se a importância da experiência no mundo do trabalho como geradora da identidade profissional, situada como uma das identidades sociais em que os saberes profissionais assumem relevância nas lógicas de reconhecimento e de afirmação da imagem para si e para os outros (DUBAR, 2000 apud BRAGANÇA, 2012, p. 112).

Assim, para Dubar, a identidade indica as ligações do coletivo com o indivíduo de modo que para ele “as identidades coletivas e individuais são inseparáveis” (apud BRAGANÇA, 2012, p. 112). A questão temporal está perpassando essa criação da imagem de si e para os outros pois, “são as mediações entre a memória da trajetória passada e o desejo de projetos de futuro e entre o ‘eu’ e os muitos ‘outros’ que favorecem a tessitura, pelo sujeito, de uma imagem de si” (BRAGANÇA, 2012, p. 113). Portanto, o termo não é estático, e o sujeito pode alternar identidades – conversão identitária – ou combinar várias formas identitárias. A transformação ocorre também, pois

A formação ancorada nas aprendizagens experienciais não consiste em uma acumulação de informações e saberes, mas na experiência vital do sujeito que se transforma juntamente com o conhecimento, assumindo novas formas de ser e de estar no mundo, e, juntamente com essas novas formas, as imagens de si, para si e para o outro são ressignificadas (BRAGANÇA, 2012, p. 113).

Já Tadeu Thomas da Silva, para esmiuçar e explicar o significado do termo identidade, insere no contexto das discussões o termo diferença, que, segundo ele, são termos dependentes. Para o autor, em uma primeira aproximação, o termo identidade parece de fácil definição, porquanto, “A identidade é simplesmente aquilo que se é: ‘sou brasileiro’, ‘sou negro’, ‘sou heterossexual’, ‘sou jovem’, ‘sou homem’” (SILVA, 2000, p. 74). Ao se analisar sob essa perspectiva, a identidade seria reflexo de uma positividade – “aquilo que sou” – e só teria como referência ela própria, sendo “autocontida e autossuficiente” (SILVA, 2000, p. 74).

Seguindo essa linha de pensamento, o conceito de diferença seguiria o parâmetro inverso, significando para o autor o “outro” ou a negatividade, “Entidade independente”, tendo como principal fator a “[...] oposição à identidade, a diferença é aquilo que o outro é: ‘ela é italiana’, ‘ela é branca’, ‘ela é homossexual’ ‘ela é velha’ ‘ela é mulher’” (SILVA, 2000, p. 74).

Sobre essas explanações, o autor afirma que fica evidente a relação de “estreita dependência” entre identidade e diferença. Assim, exemplifica que

Quando digo ‘sou brasileiro’ parece que estou fazendo referência a uma identidade que se esgota em si mesma. ‘Sou brasileiro’- ponto. Entretanto, eu só preciso fazer essa afirmação porque existem outros seres humanos que não são brasileiros. [...] A afirmação ‘sou brasileiro’, na verdade, é parte de uma extensa cadeia de ‘negações’, de expressões negativas de identidade, de diferenças. Por trás da afirmação ‘sou

brasileiro’ deve-ser ler: ‘não sou argentino’, ‘não sou chinês’, ‘não sou japonês’ e assim por diante, numa cadeia, neste caso, quase interminável (SILVA, 2000, p. 75).

Assim, os conceitos identidade e diferença são termos que não se separam e dependem um do outro para existirem. Percebem-se discussões centrais de Silva, em que uma delas é a problematização por meio desses dois conceitos esboçados, de modo que, para o autor, não é suficiente apontar e marcar as diversidades nos mais diversos contextos educacionais. Essa simples inserção dos temas reverbera na problemática questão em que a “identidade e a diferença tendem a ser naturalizadas, cristalizadas, essencializadas” (SILVA, 2000, p. 73). É necessário aprofundá-los e problematizá-los, percebendo as relações de poder que se efetivam nas marcações que se realizam – o nós e os outros.

Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder [...]. Os pronomes ‘nós’ e ‘eles’, não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder (SILVA, 2000, p. 82).

Nesse sentido, além de problematizar, é necessário retomar e aprofundar o debate. Essa vertente mostra-se mais pertinente visto que, além de abordar sobre o aspecto do polonês⁷, também se marca a questão de gênero, em virtude da motivação de essas discussões serem resultantes da escrita de uma mulher imigrante – vista pelo androcentrismo como o outro da história.

Também Pagès e Santisteban referem conceitos importantes, que são relativos à memória e à consciência histórica, dizendo que ambos “formam y expresan identidad”:

[...] la memoria histórica y la conciencia histórica tienen una importante función cultural: forman y expresan identidad. Delimitan el reino de la propia vida, de la familia, nuestro mundo frente al mundo de otros, que es generalmente un mundo extraño [...]. Realizan esta función en una perspectiva temporal, el cambio temporal de los seres humanos y de su mundo, de sus experiencias [...] (2009, p. 203-204).

Nesse sentido, nossa intenção em apontar algumas considerações sobre esses conceitos é a de marcar que o ato de lembrar, de narrar e de posteriormente refletir sobre, nos termos que aqui nos interessam, possui importância fundamental de criação, formação e transformação da identidade e de desmistificação de preconceitos por meio das discussões e das análises. No próximo subtítulo, discute-se acerca da interdisciplinaridade e da relação com o gênero biográfico.

⁷ Como já exposto, em balanço do estado da arte, uma das referências com relação a essas questões é Gritti (2004), que aborda o tema do preconceito enfrentado pelo grupo polonês, se comparado a outros grupos de imigrantes.

2.4 Aproximações entre áreas do conhecimento no trabalho biográfico: a interdisciplinaridade envolvente

Durante o processo de desenvolvimento da ciência moderna, o conhecimento foi sendo organizado em “disciplinas”, tendo cada qual sua metodologia, tema, assunto e objetos de estudo. Assim, foram desenvolvidas em um ordenamento – herdado do modelo das ciências naturais, chamado positivista –, em que, por meio de leis e fatos comprovados, aspiravam à ordem e ao progresso da sociedade. O criador do modelo, Augusto Comte, sociólogo e filósofo francês, foi o primeiro pensador a identificar que a sociedade deveria ser objeto de estudo científico, criando, assim, a chamada Sociologia.

Segundo Trindade,

Na ciência moderna, eleita a condutora da humanidade na transição das trevas para a luz, o conhecimento desenvolveu-se pela especialização e passou a ser considerado mais rigoroso quanto mais restrito seu objeto de estudo; mais preciso quanto mais impessoal. *Eliminando o sujeito de seu discurso, deixou de lado a emoção e o amor, considerados obstáculos à verdade.* Especializado, restrito e fragmentado, o conhecimento passou a ser disciplinado e segregador. Estabeleceu e delimitou as fronteiras entre as disciplinas, para depois fiscalizá-las e criar obstáculos aos que as tentassem transpor. ‘A excessiva disciplinarização do saber científico faz do cientista um ignorante especializado’. Criou um pássaro, deu-lhe asas potentes, mas que só alça vôo no campo restrito da sua especialidade — trancou-o em uma gaiola (2008, p. 67, grifou-se).

Dessa forma, o texto grifado conduz à compreensão de que as emoções que permeiam a vida eram desconsideradas e não eram vistas como relevantes para compreensão das identidades vivenciadas/criadas pelos indivíduos. As biografias, nessa lógica, se inserem neste rol de categorias segregadas e não consideradas passíveis de análises científicas, dando-se seu retorno, justamente, no processo posterior ao movimento mais acentuado de reflexões a respeito da interdisciplinaridade. Segundo Silva, no que se refere à interdisciplinaridade,

[...] no Brasil essa discussão começou no final da década de 1960, em meio a uma reorganização universitária, naquela época não havia sido feita uma reflexão de grande valor sobre o tema e por conta disso, interdisciplinaridade intitulou-se por modismo – num linguajar popular – mas que involuntariamente resultou no início de algumas reformas educacionais (2009, p. 3).

Foi uma confluência de questões que afloravam e possibilitavam análises mais abrangentes no sentido globalizante e de contemplação de categorias antes percebidas como inferiores, sem motivo para análises e que agora passavam a ser vistos sob vieses não preconceituosos e integrativos.

Segundo a epistemologia de Foucault (1971), a categoria de disciplinarização está ligada a todo o contexto de relações de poder, visto que, com o rigor científico e as variadas formas de “dispositivos” de “positividade” – livros, pedagogia, disciplinas –, a verdade que era benéfica a alguns grupos era naturalizada e, obviamente, vários outros grupos eram segregados e marginalizados. Nesse sentido, então,

[A vontade de verdade] é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios de outrora, os laboratórios de hoje. Mas ela é também reconduzida, mais profundamente sem dúvida, pelo modo como o saber é aplicado em uma sociedade, como é valorizado, distribuído, repartido e de certo modo atribuído (FOUCAULT, 1971).

Como complementação, “[...] a disciplina, como discurso científico, é uma forma de controle da produção discursiva. Ela impõe limites ao discurso [...] pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras” (FOUCAULT, 1971).

É marcada, portanto, a ligação entre disciplina e controle. Por esse motivo, o interdisciplinar é novo e está diretamente ligado, como vimos, a essa insatisfação da disciplinarização e da segregação. A interdisciplinaridade, dessa forma, nasce com o intuito de responder às complexidades que o mundo moderno impôs e que disciplinas isoladas não davam conta de refletir. Para Japiassu, pode-se dizer que o interdisciplinar ocorre

[...] todas as vezes em que ele conseguir incorporar os resultados de várias especialidades, que tomar de empréstimo a outras disciplinas certos instrumentos e técnicas metodológicos, fazendo uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber, a fim de fazê-los integrarem e convergirem, depois de terem sido comparados e julgados (1976, p. 75).

Nesses termos, observa-se o envolvimento entre interdisciplinaridade e “narrativas de si”, pois é possível essa interação e convergência para a análise sob vários ramos do saber. No contexto deste trabalho em específico, as análises se darão principalmente entre as áreas de história, geografia, filosofia, sociologia, literatura e psicologia. A história e a geografia se relacionam e explicam questões referentes à imigração vivenciada por Lídia, a transição de um país a outro e as demais questões ligadas ao próprio contexto estrutural e socioespacial da época de Lídia. Questões envolvendo a filosofia e a sociologia estão interligadas às questões existenciais, de relações entre Lídia e seu meio, além de reflexões sobre relações de poder e marcações simbólicas perceptíveis em sua escrita. A literatura e a psicologia também, mesmo que implicitamente, se inserem neste trabalho, principalmente, preenchendo lacunas e silenciamentos, auxiliando a refletir acerca do documento autobiográfico de Lídia. Assim,

realizam-se questionamentos e, sob vários campos do conhecimento, busca-se cercar e construir a análise.

2.5 Pesquisa qualitativa

A pesquisa qualitativa engloba um conjunto de características que são consideradas próprias, pois envolvem o pesquisador e a sociedade e levam em consideração o contexto socioespacial em que a pesquisa se debruça. Pode englobar questões teóricas – com suas variadas abordagens metodológicas – e sempre envolvem subjetividades em suas análises.

Citando como exemplo essa dissertação, questões subjetivas de quem pesquisa e de quem é pesquisado – já que se trata em essência de discussões a respeito de biografias enquanto fonte e da análise da autobiografia de Lídia – estão construindo a pesquisa. A carga subjetiva do pesquisador está constantemente envolvida, uma vez que é ele quem escolhe o objeto, seleciona partes ou o todo e vai conduzindo a pesquisa, obviamente, com criticidade e com o método que mais lhe parecer adequado. Assim, o pesquisador se guia por embasamentos teóricos, por metodologias, por abordagens que de certa forma são significativas para ele, que vão sendo, mesmo que inconscientemente, captadas. Patias e Hohendorff expõem que

Os paradigmas tendem a guiar a abordagem de pesquisa e seu método. Esses paradigmas constroem-se ao longo do tempo na vida de um/a pesquisador/a, não apenas pelas suas experiências de pesquisa, mas também enquanto sujeito com suas visões, crenças ou padrões de pensamentos pessoais que interferem nesta construção (2019, p. 2).

Assim, tendo em vista essas questões,

A pesquisa qualitativa é marcada por características próprias pois coloca o pesquisador e a sociedade em um local ou espaço determinado no mundo, considera o contexto social que vivem os participantes, o momento presente que é marcado pelo passado, com projeções para o futuro (PATIAS; HOHENDORFF; 2019, p. 2).

Para Minayo,

A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região ‘visível, ecológica, morfológica e concreta’, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (2002, p. 22).

Percebem-se os potenciais da pesquisa qualitativa e também a valorização do subjetivo, que vai totalmente ao encontro do trabalho aqui apresentado. Como complemento, Otani et al.

afirmam que “Busca-se por meio da pesquisa qualitativa a compreensão dos significados atribuídos às experiências e aos comportamentos, envolvendo as crenças, os valores, as aspirações e as atitudes.” (2019, p. 194).

2.6 Pesquisas de método biográfico, descritivo, documental

A pesquisa com método biográfico implica em rompimento de métodos tradicionais e mecanicistas de análise. Os debates em torno deste método, embora relativamente recentes, possibilitaram novas interpretações acerca de diversas questões, nas diversas áreas do conhecimento. A análise com método biográfico é possível pois “toda a práxis humana individual é atividade sintética, totalização ativa de todo um contexto social” (p.41) Para Franco Ferraroti,

A especificidade do método biográfico implica a ultrapassagem do quadro lógico formal e do modelo mecanicista que caracterizam a epistemologia científica dominante. Se queremos utilizar sociologicamente o potencial heurístico da biografia, sem trair as suas características essenciais (subjetividade, historicidade) devemos projetar nos para fora do quadro epistemológico clássico. Devemos procurar os fundamentos epistemológicos do método biográfico noutro lado, numa razão dialética capaz de compreender a “práxis” sintética recíproca, que rege a interação entre um indivíduo e um sistema social. (p.47)

Apoiamos nos também da pesquisa bibliográfica para a realização da contextualização histórica do período de vida de Lídia. Através dessas reflexões e interações entre métodos, as mudanças nas escalas de análises - de micro para macro e vice versa - configuram-se como ações importantes para que se entenda esse indivíduo. Segundo Ferraroti,

Cada indivíduo não totaliza diretamente uma sociedade global, mas totaliza-a pela mediação do seu contexto social imediato, pelos grupos restritos de que faz parte, pois esses grupos são por sua vez agentes sociais ativos que totalizam o seu contexto, etc. De igual modo, a sociedade totaliza todo o indivíduo específico por intermédio de instituições mediadoras que a focalizam cada vez mais pontualmente para o indivíduo em questão. (p.50)

O que ocorre é uma complementaridade de pesquisas a fim de chegar a uma melhor compreensão e percepção do contexto de vida de Lídia e de sua escrita. A pesquisa descritiva, como se pode supor pelo próprio nome, consiste na descrição de questões que auxiliam na estruturação do texto, na sequenciação de ideias, que vão corroborando ou refutando a hipótese levantada. No caso desta pesquisa, a descrição será utilizada sobretudo na análise, quando serão expostos trechos do documento de Lídia e simultaneamente e/ou posteriormente refletidas.

A pesquisa documental “assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica”, e a diferença consiste essencialmente no tipo de fonte:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa (GIL, 2009, p. 45).

A fonte documental utilizada é o relato de escrita de si de Lídia. Já as fontes bibliográficas utilizadas ao longo do texto foram extraídas de diversas áreas do conhecimento – cunho interdisciplinar – e serviram de auxílio para interpretar a fonte, realizando, dessa forma, reflexões, ponderações e conjecturas.

2.7 Abordagem hermenêutica e a *bricolage*

A narratividade de um discurso e enunciação aponta para a dimensão temporal da existência e experiência através da linguagem. Nesses termos, por meio da abordagem hermenêutica, visa-se a realizar interpretações de narrativas. Para Ricoeur, “falar da interpretação, em termos de operação, é tratá-la como um complexo de atos de linguagem – de enunciações – incorporados aos enunciados objetivantes do discurso histórico” (2000, p. 351). No caso desta dissertação, objetiva-se refletir a narrativa autobiográfica de Lídia, em suas múltiplas temporalidades, percebendo de que forma escreve sobre si, se subjetiva e escreve sobre o outro, tentando desvendar o fio condutor de sua história de vida. Além disso, tentar entender de que modo se vê no mundo e vê o outro.

Através da perspectiva hermenêutica,

[...] é possível compreender ‘o autor melhor do que ele mesmo se compreendeu’ (DILTEY, 1999, p. 31), o que desencadeia um duplo processo de interpretação, a que o sujeito faz sobre si próprio e a que o investigador realiza sobre os elementos disponibilizados pelo sujeito implicado. Assim, a hermenêutica possibilita a fundamentação da importância estruturante da interpretação na construção do conhecimento científico [...] (CAVACO, 2021, p. 4).

Nesses termos, temos em vista que a interpretação é dupla – a nossa, como pesquisadores, e a da autora do texto. A subjetividade do ser humano é, então, assumida enquanto objeto de análise, tendo em vista que “nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual” (FERRAROTI, 2014, 41).

Assim, tomando por base a importância da autobiografia com seu valor heurístico (FERRAROTI, 2014), percebe-se que essa abordagem e suas reflexões foram apropriadas para se adentrar e interpretar a autobiografia de Lídia, realizando ponderações e conjecturas a partir de trechos que consideramos significativos, de acordo com o nosso objetivo principal – desvendamento do fio condutor de sua narrativa.

No entanto, essa não é a única maneira de explorar essas questões, devido à complexidade dessa análise. Assim, nos apoiamos no conceito de *bricolage* – perspectiva de Levi-Strauss. Rampazo e Ichikawa afirmam que “Em qualquer fenômeno social existe uma diversidade de fatores atuando. Dessa forma, é necessário um novo processo de pesquisa social, e a *bricolage* se torna uma opção metodológica viável, conectando teorias, metodologias, pesquisador e contexto da pesquisa” (2009, p. 4). As autoras citam um exemplo de como o *bricoleur* trabalha:

Ao fazer analogias entre maçãs e bananas, o engenheiro irá buscar nos conceitos químicos e físicos o que é comum entre as duas frutas; já o *bricoleur* busca nos signos – que falam por meio das coisas’ (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 42) – que são particulares a um indivíduo ou de uma sociedade, aqueles que permitem agrupar os elementos. Faz, portanto, escolhas entre possibilidades limitadas, sempre colocando ‘algo de si mesmo’ (LÉVI-STRAUSS, 1970, p. 42) na resolução do problema (RAMPAZZO; ICHIKAWA, 2009, p. 4).

Nesse sentido, a pesquisa, de cunho interdisciplinar, abrange diversas áreas e congrega, em suas análises, principalmente aspectos da hermenêutica e análise de discursos. Busca a compreensão do fio condutor da escrita de vida de Lídia, dando mais ênfase para a chave de gênero, pois percebemos influenciar muito no modo como Lídia escreve sobre si e se subjetiva.

Delineados os tipos de pesquisa e a abordagem metodológica a serem utilizados nesta dissertação, adentra-se ao segundo capítulo, em que se aborda sobre o estado da arte do tema imigração polonesa para na sequência adentrar ao contexto de vida da autora para, por fim, seguir com a análise de sua autobiografia.

3 CONTEXTO CULTURAL, SOCIAL, ECONÔMICO E IMIGRATÓRIO

Ao prosseguirmos com a análise do relato autobiográfico de Lídia, é imprescindível situar o leitor no que se refere ao contexto cultural, social e econômico. Essa contextualização é muito importante para percebermos onde Lídia se situa espacial e temporalmente, analisando por que ocorreram as migrações e como transcorreu o povoamento na região. Neste capítulo, tem-se o intuito também de tentar auxiliar em um melhor entendimento do discurso de Lídia e perceber influências diversas que refletem no modo como ela se percebe e escreve sobre si e sobre os outros.

Nesse sentido, inicia-se com um levantamento dos estudos envolvendo a imigração polonesa no Brasil para posteriormente abordar de maneira geral da história da Polônia, local em que Lídia expõe ter vivido até seus nove anos de idade. Após segue-se com um levantamento breve acerca da situação brasileira no contexto das grandes correntes imigratórias, com foco para a cidade de Áurea, RS, local de estabelecimento de Lídia e família, para, em sequência, adentrar na escrita de vida de Lídia

3.1 Estado da arte: Imigração Polonesa

No que se refere à dimensão histórica da imigração que Lídia e sua família realizam, contextualiza-se como sendo a fase final da imigração polonesa para o Brasil. Realizando um levantamento do estado da arte do tema e das questões culturais, sociais e linguísticas do grupo, constata-se que existe uma carência de pesquisas. Weber e Wenczenovicz, em artigo de 2012, fazem uma análise dos estudos referentes à imigração polonesa. Tendo por base este artigo, e fazendo uma retrospectiva de pesquisas acadêmicas recentes, tem-se o trabalho de doutoramento de Gritti (2004), que elabora um levantamento dos números da imigração polonesa por meio de novas fontes – tais como os processos crime – trazendo como foco o problema referente ao preconceito cultural enfrentado pelo grupo. O trabalho intitula-se “Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito.” As interpretações de Gritti, no que se refere ao tema, foram alvo de críticas principalmente por Malczewski (GERTZ, 2011).

Outro trabalho de referência é o de Garcez, de 2003, intitulado “Colonização e Imigração em Erechim: A Saga de Famílias Polonesas, 1900-1950”. Nesse trabalho, a autora

faz um retrato do contexto histórico da Polônia bem como do Brasil, dando enfoque à imigração na Colônia Erechim.

Wenczenovicz (2002), em trabalho de dissertação de mestrado, também deu enfoque à área das Colônias Novas, com análise em específico do núcleo de Áurea. O recorte temporal escolhido pela autora é 1910-1945, e ela optou por utilizar tanto fontes orais como registros oficiais e religiosos no intuito de “resgatar as manifestações desse núcleo colonial no que tange à identidade, à educação, à posse da terra e à saúde física e mental” (WENCZENOVICZ, WEBER, 2012, p. 164). A partir de sua dissertação, Wenczenovicz publica “Montanhas que furam as nuvens! Imigração Polonesa em Áurea-RS (1910-1945)”, discutindo a temática. Já em sua tese, a autora, que também usou o mesmo recorte temporal e espacial, fez um “debate acerca dos processos geradores das doenças e da morte no processo de Colonização e Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul, analisando as práticas de saúde, doença e cura como um espaço de interessante valor histórico” (WENCZENOVICZ, 2007, p. 15) intitulado “Luto e silêncio: doença e morte nas áreas de colonização polonesa no Rio Grande do Sul (1910/1945)”.

Também, mais recentemente, Wenczenovicz escreveu “Pequeninos Poloneses: crianças e suas famílias durante a imigração Polônia/Brasil de 1920 a 1960”, em que objetiva preencher lacunas referentes às crianças e seus familiares em meio à inexistência de discussões sobre o assunto. Utilizou, além de pesquisas bibliográficas e documentais, da história oral, em que realizou “dez entrevistas com filhos de imigrantes poloneses, sendo dois deles os próprios imigrantes, ou seja, as crianças que fizeram a viagem transoceânica” (WENCZENOVICZ, 2021, p. 15).

Algo percebido como relevante e que demanda problematizações, refere-se à complexidade de identificação interétnica. Recentemente, novos enfoques em pesquisas vêm sendo realizados em que se problematiza a complexidade quanto ao tema da imigração, principalmente em função do quadro geopolítico instável vivenciado na Europa dos séculos XIX/XX (WEBER; WENCZENOVICZ, 2012). Segundo Poutignat e Streiff-Fenart, esse quadro acaba tornando o trabalho do historiador deveras difícil pois, apesar de as novas pesquisas referentes à “etnicidade como ‘atribuição categorial’” (1998 apud WEBER; WENCZENOVICZ, 2012, p. 161) contribuírem para interpretar o fenômeno, “deixam o historiador na incômoda posição de ser árbitro de uma identidade em situações nas quais não é possível interrogar aqueles a quem é atribuída essa identidade” (WEBER; WENCZENOVICZ, 2012, p. 161).

Ainda, segundo as autoras:

pesquisas contemporâneas têm, portanto, comprovado as modernas teorias sobre identidade étnica, que afirmam que as representações identitárias estão sujeitas a constantes reelaborações e que tanto as características e motivações internas do grupo, quanto o contexto envolvente atuam como fatores dessas formulações (WEBER; WENCZENOVICZ, 2012, p. 161).

Com relação a estudos precursores referentes à imigração polonesa, podemos citar o ano de 1950 como sendo a década em que se iniciam os estudos envolvendo a temática (WENCZENOVICZ, 2002). Dentre as pesquisas, citam-se o artigo “Imigração Polonesa”, de Edmundo Gardolinski, de 1958, em que o autor se debruça sobre a imigração inicial no Brasil e no Rio Grande do Sul. Em 1961, Ladislau Topaczewski publica “Memória de nosso torrão Natal”, em que faz uma análise do deslocamento de famílias polonesas para o Rio Grande do Sul, dando enfoque à colônia de Dom Feliciano. Líbia Maria Wendling publica, em 1971, “O imigrante polonês no Rio Grande do Sul”, que, sob visão de Wenczenovicz, trata-se de “uma obra generalizante em que referenciam a viagem, a instalação e alguns aspectos de organização interna dos núcleos poloneses: nascimento, casamento, relações sociais, entre outros” (2002, p. 14). Em 1975, Antônio Cuber publica “Nas margens do Uruguai”. Posteriormente, em 1976 tem-se a publicação de “Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul – 1875-1975” de Edmundo Gardolinski. Em 1977, o autor publica “Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul”. Em 1980, Félix Busata, Alberto Victor Stawinski e Josué Bardin escrevem “História e religião das colônias polonesas”. Também se tem “O camponês polonês no Brasil: Raízes medievais da mentalidade emergente”, de Ruy Cristovan Wachowicz.

Segundo Wenczenovicz (2002), um problema que se reflete na deficiência de pesquisas de cunho científico está relacionada à falta de representação diplomática, devido ao fato de a Polônia não ser um país independente quando da emigração em massa. A dificuldade também está associada ao desconhecimento da língua polonesa, visto que “Boa parte da documentação e da bibliografia sobre essa realidade encontra-se em polonês [...]” (WENCZENOVICZ, 2002, p. 17). Algo também apontado pela autora é que “Em sua maioria, os autores que escrevem sobre a imigração polonesa gaúcha e paranaense” empregaram pesquisas macro e, apesar de serem “De grande valor, muitos desses trabalhos, produzidos por historiadores não profissionais, empreenderam uma leitura apologética dos fatos, apresentando visões piedosas e simplistas da imigração polonesa” (WENCZENOVICZ, 2002, p. 18). Novas pesquisas são necessárias, e as fontes ampliadas possibilitam novos enfoques.

Pensando em um quadro amplo, é por meio da historiografia moderna, principalmente a partir da década de 1980, que “[...] se passou a valorizar os estudos voltados para as grandes

migrações do século XIX” (GILLIES, 2010, p. 80). Em virtude dessa ampliação de fontes analisáveis e com esse novo interesse, passa-se a dar valor histórico às memórias de imigrantes. Segundo Gillies, vai se construindo “[...] vagarosamente um acervo de fontes, formado de relatos, memórias e cartas, revelando o impacto das grandes migrações na vida de sociedades, cidades, vilarejos, aldeias, e também no imaginário, na sensibilidade, nos sentimentos dos indivíduos” (2010, p. 80-81). Nesse sentido, abordam-se as dificuldades do país de origem dos imigrantes, do medo do desconhecido, dos anseios e das incertezas, das mudanças sociais linguísticas religiosas e físicas, dos novos modos e maneiras de se comportar e vestir.

É também nessa onda de valorização de fontes privadas que se insere grande parte das pesquisas referentes à história das mulheres, pois foi nestes documentos privados que elas puderam ser inseridas em trabalhos científicos, desnaturalizando os discursos sexistas e misóginos propagados. Portanto também se justifica este trabalho, que analisa uma fonte documental pouco explorada, contribuindo assim para o preenchimento de lacunas historiográficas. Assim como foi possível retomar o documento autobiográfico, faz-se necessário pontuar que ela não se esgota e que este pode ser revisto e explorado sob outros ângulos e metodologias².

3.2 Polônia

Em fins do século X, surgia a Polônia, resultado da junção ou “federação de tribos” eslavas – chamada então de Polanos. O território foi administrado inicialmente pelo Duque Mieszko I, da Dinastia Piast, que se tornou o “primeiro governante histórico da Polônia” (GARCEZ, 2003, p. 19). Mieszko, em 965, casa-se com Dabrawa, princesa da Bohemia e, em 966, em uma estratégia, abraça o cristianismo. Segundo Wenczenovicz, esse fato “[...] representou uma importante decisão política já que afirmava a posição da Polônia na Europa como uma nação livre, facilitando a fundação do poder estatal e o apoio dos demais países cristãos” (2002, p. 28)⁸.

A Polônia passa por uma sucessão de monarcas e encontra um período de ascensão econômica nos séculos XVI e XVII. Esse contexto positivo foi resultante da “[...] exportação de alcatrão, cereais, madeira e serragem para a Europa Ocidental, particularmente para os Países Baixos, Inglaterra e norte da Alemanha, fato que também aumentou a renda da nobreza como

⁸ No entanto, segundo a autora, essa adesão não foi tranquila visto que “[...] trouxe muitas revoltas à nação polonesa. A população nem sempre estava disposta a aceitar submissamente as imposições do clero, já constituído, que pretendia erradicar seus costumes seculares” (WENCZENOVICZ, 2002, p. 30).

também das cidades” (LACERDA, 1944 apud WENCZENOVICZ, 2002, p. 17). Esse contexto resultou em um momento de certa tranquilidade, com “ausência de ameaças externas”, em que “as poucas guerras ocorriam apenas na fronteira norte da Polônia e na Lituânia” (LACERDA, 1944 apud WENCZENOVICZ, 2002, p. 17). Garcez, ao se manifestar com relação a esse período, expõe que “O reinado dos últimos Jagellones, Sigismundo I e II, foi a época mais brilhante da Polônia. Ali florescia a liberdade: 259 anos antes do Habeas Corpus da Inglaterra, a Polônia promulgava sua lei: ‘Ninguém será preso a não ser que seja réu convicto’” (2003, p. 20).

No entanto, no século XVII, ocorre o derramamento de sangue em virtude das lutas de defesa contra “invasões turcas, suecas e russas” (GARCEZ, 2003, p. 20). Além disso, divergências internas começam a ocorrer de modo que o enfraquecimento do poder central era visível aos “olhos” das nações vizinhas, que centralizavam o poder (WENCZENOVICZ, 2021, p. 18). As estruturações internas eram necessárias, porém “[...] a nobreza não permitia a diminuição de seu poder, anulando as tentativas de mudança na Dieta (Câmara), ou *Sejm*, que era regida por leis anacrônicas que encaminharam o país à desorganização política” (WENCZENOVICZ, 2021, p. 18). Por meio do *liberum vetu*, se “dava direito a cada deputado do *Sejm* de anular uma decisão parlamentar” (WENCZENOVICZ, 2021, p. 18). No entanto, na maioria das vezes, esse veto era usado unicamente para benefício da nobreza, de modo que “Nas votações referentes às cobranças de impostos, o veto impedia que a tributação se estendesse aos nobres. Esse sistema impossibilitava o Parlamento polonês de legislar baseado no poder de maioria. Qualquer grupo anulava os trabalhos parlamentares, por mais importante que fosse a decisão” (WENCZENOVICZ, 2021, p. 18).

Os territórios vizinhos percebendo as constantes e acaloradas discussões e a desestruturação, aproveitaram-se da situação e invadiram a Polônia em 1772. Apesar das tentativas de recuperação e de manutenção do território – através, por exemplo, da elaboração da Constituição de 3 de maio de 1791 – *Konstytucja Trzeciego Maja* – novas invasões e domínios ocorrem em 1793 e 1795. É deste modo que a Polônia desaparece do mapa por mais de um século.

A seguir, na Figura 1, há a representação das dominações austríaca, prussiana e moscovita em território polonês nos anos 1772, 1793 e 1795.

Figura 1 – Dominações do território polonês.



Fonte: Genial, [s.d.].

Em meio a esse contexto de dominações, internamente a Polônia enfrentava o “excesso de mão de obra nas aldeias e vilas, o elevado crescimento demográfico, a falta de terras para as novas gerações, a ausência de legislação agrária, o êxodo rural para os centros industriais devido a mecanização rural, perseguições políticas e religiosas” (WENCZENOVICZ, 2009, p. 49). Essas questões, segundo Wenczenovicz (2009), foram os principais fatores do movimento migratório.

Com a 1ª Guerra Mundial, reconquista sua coroa⁹ e independência de parte de seu território. Apesar disso o processo de reorganização foi difícil, pois, segundo Dembicz e

⁹ Ver GARCEZ, 2003, p. 19.

Kieniewicz

As instalações do novo Estado eram pobres. As destruições provocadas pela guerra adicionaram-se ao desenvolvimento irregular nas três regiões antes ocupadas. A reconstrução prosseguia lentamente e, somente em 1938, foi ultrapassado o nível de rendimento per capita de 1913. Pelo caminho, a Polônia passou com muita dificuldade pela crise de 1929, começou a se reerguer somente na segunda metade dos anos trinta. Quanto à estrutura da economia e ao poder aquisitivo dos habitantes, a Polônia no período de entre guerra, aproximava-se da Espanha de antes da guerra civil. Tinha também semelhantes problemas, com referência à questão agrária não solucionada. A reforma agrária, decretada no momento de maior ameaça soviética, previa uma significativa repartição das terras, e desenrolava-se de maneira muito lenta. Aliás, não era consequente. Com faltas de terras para dividir, eram criadas propriedades pequenas demais de modo a que fossem rentáveis (2001, p. 56).

Desse modo, devido ao contexto de dificuldades, a migração foi a saída encontrada, razão pela qual milhares de poloneses migram para diversos países da América¹⁰. No que se refere à imigração para o Brasil, interesses diversos mobilizavam as políticas imigratórias. As principais questões eram referentes ao povoamento de áreas desabitadas – com promessas de terras a serem cultivadas –, na intenção de branqueamento da população brasileira e, devido à abolição da escravatura – no intuito de trazer mão de obra, que iria concorrer com a recém-liberta da escravidão.

A “ação dos propagandistas e recrutadores” mobilizava-os a migrar, com a distribuição de “artigos, livretos, brochuras e comunicados sobre as excepcionais condições oferecidas pelo Brasil” (WENCZENOVICZ, 2021, p. 19). Sendo assim, observa-se que “[...] uma política imigratória, entre outras medidas, foi posta em ação com vistas a atrair imigrantes europeus” (GILLIES, 2010, p. 1), o que acabou resultando na vinda de milhares de europeus para o Brasil.

Foram elaboradas várias divisões históricas da imigração, apontando suas fases e contextualização. Um dos autores que menciona uma divisão detalhada é Krzysztof Smola, que divide o período imigratório em 7 fases:

1) até 1869: antes do início da imigração em massa; 2) 1869-1889/90: primeira fase da imigração em massa; 3) 1889/90 – 1914: etapa da ‘febre brasileira’; 4) 1914 – 1918/20: queda da imigração originada pela I Guerra Mundial e os acontecimentos nacionais; 5) 1918 - 1939: ‘emigração dirigida’, relacionada com a ações do estado

¹⁰ Conforme Stawinski, “No decorrer de 1890, e nos anos subsequentes, registrou-se um êxodo, em massa, de emigrantes poloneses a encaminharem-se para o Brasil. Da região, dominada pela Rússia, emigraram 85.548 poloneses, munidos de passaportes russos. Na mesma época embarcaram para os Estados Unidos 55.145 pessoas. Com destino ao Canadá seguiram 66. Dirigiram-se à Argentina, ao Chile, ao México e outros países 511. Para o Brasil vieram 29.226. A maior parte desse contingente de emigrantes foi enviada para o Estado do Rio Grande do Sul” (1976, p. 17).

polonês; 6) 1939 – 1945: etapa dos refugiados de guerra; 7) a partir de 1945: etapa contemporânea (SMOLA, 1996, p.23, apud WENCZENOVICZ, 2002, p. 51).

É nesse contexto que a família de Lídia vem a migrar para o Brasil, estabelecendo-se em Áurea, depois de uma estada em Santa Rosa, conforme se passa a discorrer no próximo item.

3.3 Imigração e estabelecimento em Áurea (RS)

Realizando uma retomada acerca do grupo polonês em específico, muitos imigrantes que se deslocavam, por vezes iludidos pela terra de “leite e mel”, enfrentaram graves problemas, principalmente na chegada, onde se deparavam com mato e terrenos de difícil acesso e produção agrícola. Se refletimos localmente sobre o estabelecimento desses imigrantes em Rio Marcelino – atual município de Áurea, no Estado do Rio Grande do Sul –, local em que Lídia e família passam a viver a partir de 1937, é este o contexto.

Garcez escreve que o povoamento do local foi gradativo e iniciou-se em 1911, quando 12 famílias polonesas chegaram à região. Essa chegada se deu às vésperas do Natal, quando “fizeram camas de samambaia e assim dormiram as primeiras noites” (2003, p. 107). Após a viagem marítima e chegando a Porto Alegre, receberam “um papel onde aparecia o número do lote e o local no qual passariam a viver. [...] O Natal foi triste, sem peixe, sem missa, sem cantos” (GARCEZ, 2003, p. 17).

Com relação à localização desses imigrantes, Krupinski expõe que “A maioria deles vieram da região de Lublien e Siedlce da Polônia, sob domínio Russo” (1990, p. 01). Já na chegada, observando a mata densa e os terrenos irregulares, perceberam as dificuldades que enfrentariam. Stawinski expõe que os recém-chegados, “[...] habituados a cultivar terras já trabalhadas, não imaginavam topar com terras cobertas de mato fechado, acidentadas e pedreguentas” (1976, p. 17).

Apesar das dificuldades, traziam consigo o sentimento de religiosidade, marcante na cultura polonesa e,

Já no raiar do ano de 1912, tomaram a resolução de construir uma capela, perto do rio onde se encontrava a venda de Constante Kessler e mais tarde de Carlos Mustifaga. Constituíram então, uma diretoria da qual faziam parte os seguintes membros: Józef Urban, Carlos Cuny, Filip Grudka, Wladislau Zdunek e Walenty Mataczynski. No mês de maio, 53 (cinquenta e três) contribuíram com 3 mil réis cada um (KRUPINSKI, 1990, p. 01).

Abaixo, a Figura 2 é uma fotografia da região em que os imigrantes se estabeleceram, agora já na década de 1920. Ao fundo da imagem, é possível ver a segunda Igreja construída na localidade.

Figura 2 – Ocupação do espaço na década de 1920.



Fonte: Museu Municipal João Modkowski de Áurea.

Devido às dificuldades em “[...] comportar toda a comunidade nas celebrações [...]” (KRUPINSKI, 1990, p. 36), em 1927 inauguram a terceira igreja. Não satisfeitos, em 1957, nova igreja é concluída.

No que se refere à subsistência do povo polonês neste núcleo, Garcez pontua que, de início, “o pinhão os salvou, muitas vezes, de passar fome, enquanto as sementes não germinassem em suas terras” (2003, p. 107). Com o passar do tempo, após as dificuldades de estabelecimento, desbravamento da mata, plantio e colheita, surge um pequeno comércio de excedentes. Para que essa comercialização pudesse ocorrer, foi necessária a construção de picadas e estradas. Wenczenowicz expõe que

Foram, inicialmente, as picadas e, a seguir, as estradas que permitiram ao imigrante polonês o escoamento da produção [...] o resultado da venda de produtos agrícolas servia para adquirir sal, tecidos, ferramentas, insumos agrícolas. Sobretudo, a

comercialização do excedente servia para pagar a dívida colonial, contraída com a aquisição do lote (2002, p. 79).

Na década de 1920, constroem o primeiro moinho. Esse fato foi importante, pois, segundo Wenczenovicz, “O moinho possibilitou ao imigrante abandonar o pilão manual, de baixa produtividade, para o descascamento do arroz e a moagem do trigo. Inicialmente, os moinhos funcionavam com tração animal ou com a roda d’água” (2002, p. 66).

A Figura 3, abaixo, apresenta a fotografia do primeiro moinho, engenho e soque de erva-mate do Município de Áurea, de João Modkowski do ano de 1923.

Figura 3 – Moinho, engenho e soque.



Fonte: Museu Municipal João Modkowski de Áurea.

O povoamento da região foi ocupando e simbolizando o espaço por meio do estabelecimento de igrejas, escolas, casas rústicas, hortas e roças. A propagação da cultura de grupo se intensifica com a adoção de códigos culturais que, para Brum Neto “[...] configuram-se como convenções simbólicas partilhadas por uma mesma comunidade social. [...] A cultura mediada pelos códigos é representada e materializada no espaço, originando formas típicas, passíveis de reconhecimento pelos demais grupos sociais” (apud 2007, SOCOLOSKI;

CARDOSO, 2020, p. 198). Nesses termos, “o território é objeto de operações simbólicas e é neles que os atores projetam suas concepções de mundo” (ALMEIDA, 2018 apud SOCOLOSKI; CARDOSO, 2019, p. 199).

A dimensão política, segundo Corrêa (2012), também se insere nas “formas simbólicas espaciais”. Para ele, os objetivos com essa simbologia inserida no espaço visa a “a) glorificar o passado; b) reconstruir o passado, conferindo-lhe novos significados; c) transmitir valores de um determinado grupo; d) afirmar a identidade de um grupo religioso, étnico, racial, ou social; e, e) criar lugares de memória” (CORRÊA, 2012, p. 199).

Assim, em 1937, quando Lúcia e família chegam neste ambiente “A região [...] já estava em fase de um pré-desenvolvimento, porém ocorrendo de forma lenta e gradativa” (ZALESKI, 2017, p. 30). Até a emancipação, o lugar recebeu vários nomes: inicialmente, Rio Marcelino; posteriormente, em 1918, passou a se chamar Treze de Maio; em 1937, Princesa Isabel; em 1944, Vila Áurea; em 1987, finalmente ocorre a emancipação do local, sendo nominado de Áurea.

A partir dos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e catalogados no Censo demográfico de 2010, o município possuía 3.554 habitantes – 2.128 residentes na área rural e 1.537 residentes na área urbana. Através de novas estimativas do mesmo órgão, registradas no ano de 2021, a população aureense possui 3.517 munícipes (IBGE, 2021).

Quase como consequência da quantidade de habitantes residentes na área rural, a economia do município é essencialmente agrícola, voltada à produção de grãos, como milho, soja, feijão e trigo. A concentração de ervateiras na cidade também contribui para a economia do município e atende ao mercado local e regional.

A cidade pertence à Microrregião de Erechim, que possui como característica marcante a diversidade étnica e cultural, servindo também de polo comercial para os municípios limítrofes, dentre eles para o município de Áurea, localizado a 38 quilômetros de distância. A base econômica regional, segundo Socoloski,

[...] concentra-se no setor agropecuário, caracterizando-se pela produção, em pequenos estabelecimentos rurais, da policultura de produtos alimentícios e industriais, bem como na suinocultura, associada à lavoura de milho. o perfil agrícola microrregional baseia-se nas culturas de feijão, milho, soja, trigo e erva mate. quanto a pecuária, destacam se o gado leiteiro, os suínos e as aves (2018, p. 37).

Para o município de Erechim, “nos documentos de entrada de imigrantes que

correspondem aos anos de 1911 a 1914, encontramos o registro de imigrantes de nacionalidade alemã, austríaca, polonesa, russa, italiana, portuguesa, sueca, holandesa e japonesa” (GRITTI, 2004 apud SOCOLOSKI; CARDOSO, 2020, p. 200). Já, em Áurea, a concentração é em sua grande maioria de descendência polonesa.

Em função das tradições polonesas mantidas, através do 1º Encontro de Setores ligados ao Turismo do Alto Uruguai, a cidade recebeu o título oficial de Capital Polonesa dos Brasileiros no ano de 1998. Segundo Garcez, “a religiosidade, a alimentação (em parte), o canto e a dança” são preservados. Como características culturais mais marcantes a autora diz ainda que os imigrantes poloneses “tinham consigo dois tesouros: sua língua e o espírito de religiosidade” (2003, p. 106).

No que se refere aos costumes e hábitos culturais, é possível perceber uma influência de outros povos pelos atuais moradores do município, bem como da região. Antes do assentamento e do povoamento da região, existiam grupos indígenas que historicamente ocupavam o Rio Grande do Sul. Conforme Luís Carlos Golin o atual território rio-grandense e o “espaço continentino” era dominado por no mínimo 4 povos indígenas “além de diversas outras etnias” (GOLIN, 2012, p.1103). Os principais grupos são os guaranis – que se estabeleciam no litoral e na parte central fazendo fronteira com a Argentina, os jês(Kaigang), estabelecidos na região norte e os pampianos, localizados mais ao sul. Conforme Golin, os indígenas que ocupavam o espaço foram sendo expulsos pelos colonizadores que chegavam à região, tendo suas aldeias massacradas e sendo cada vez mais empurrados para territórios limitados que vieram a ser denominados de reservas.

Alguns dos costumes que são considerados tradicionais dos gaúchos, dentre os principais o chimarrão e o churrasco, são heranças dos nativos. Conforme Socoloski, “a partir dá metade do século XIX início do século XX, começa a se difundir o antigo costume indígena da produção e do consumo e de erva-mate, através do impulso da produção voltada para o comércio” (2018, p. 55).

Dessa forma, passando a viver em um novo ambiente, com uma nova possível demanda, ocorre a substituição da cevada e do centeio, principais produtos da economia polonesa, com o intuito de plantio e produção de erva mate. Assim, “como forma de se inserir neste mercado, o plantio ervateiro surgiu como alternativa, bem como outros produtos que garantiam a subsistência das famílias que estavam se inserindo neste processo como cebola, batata e outros” (SOCOLOSKI, 2018, p. 55).

Outras culturas, tais como milho soja e trigo passaram a ser cultivadas posteriormente,

devido às pequenas extensões territoriais dos proprietários. No entanto, atualmente, “o município é um dos maiores produtores de soja da micro região de Erechim, com aproximadamente 7000 ha de área plantada, segundo dados do IBGE (2017).” (SOCOLOSKI, 2018, p. 55).

Conforme Piletti, as áreas indígenas “encontram-se relativamente demarcadas, em alguns pontos isolados da micro região de Erechim” (2004 apud SOCOLOSKI, 2018, p. 55). No entanto, essas áreas são muito pequenas, devido à quantidade de indígenas que nelas habitam. Essa situação é preocupante pois, segundo o autor, até o hoje “os índios disputam suas terras com os agricultores que foram assentados nas primeiras décadas do século XX. Além disso, o constante uso do solo acabou o degradando, tornando a produção insuficiente para alimentar as famílias” (PILETTI, 2004 apud SOCOLOSKI, 2018, p. 55).

Dada essa contextualização histórica, nos questionamos: como Lídia se coloca em meio a esse contexto? Quais as informações que traz acerca da vida em país europeu e da transição ao Brasil? Tenta-se descortinar acerca destas questões no próximo subtítulo, fazendo, assim, novamente novas contextualizações e possíveis conjecturas quando da inserção de informações já exploradas pela historiografia, e que são inseridas por Lídia. Como exposto, não temos a intenção de apontar o verdadeiro ou o falso, apenas, neste momento, percebemos como necessária essa inserção de referências que contextualizem as informações trazidas por Lídia em seu relato autobiográfico.

3.4 “Vou contar a istoria da minia vida”

São várias as informações que a autora escreve acerca das questões apresentadas – referentes a imigração, processo e estabelecimento– além de outros assuntos relacionados ao modo como viviam na Polônia e como passam a viver no Brasil –, mostrando satisfação e, em muitos momentos, uma idealização deste passado. Lídia, então, inicia sua escrita expondo sobre si e seus pares – “não posso narrar a minha autobiografia sem o outro” (BUTLER, 2007, p. 32 apud CAVACO, 2021, p. 13) – e sobre o país que vive – pois “este si é implicado numa temporalidade social” (BUTLER, 2007, p. 7 apud CAVACO, 2021, p. 13)¹¹.

Vou contar a história da mina vida meu nome Lídia sou estrangeira nassi na Polonia e vim para o Brasil o ano de 1937 com des 10 anos de idade e o meu Pa~ei Filimon e

¹¹ Gillies também pontua que “Ao reconstruir suas lembranças, não há como fazê-lo senão com relação com um lugar, isto é, uma parte do espaço, aparentemente estável, no interior dos quais elas foram encerradas e podem ser localizadas, em ‘velhos lugares, inseparáveis dos eventos nele ocorridos’” (2010, p. 82).

minha Mãe Teodora meu irmão Nicolau com sete anos sou de origem Ucraniana mas nasci na Polônia o lugar onde eu nasci se chamava Stolpy e no Município Kobren [...]. (BRESOLIN, 2014, p. 1).

Nessas primeiras páginas, Lídia aborda sobre a infância e suas boas recordações, dizendo que lá viviam muito bem e com muita união. No entanto, nas entrelinhas, demonstra que existiam dificuldades, principalmente financeiras. Como citado, não usa termos específicos, mas está subentendido pela sua narrativa, em determinados trechos, que a situação de vida era complicada financeiramente¹². Nesse sentido, a informação que Lídia demonstra acerca de si, de que auxiliava os pais em tarefas diversas, como o pastoreio de animais, também reafirma e demonstra implicitamente dificuldades vivenciadas pela família. Lídia diz que

[...] a jente ficava o dia todo cuidando as vacas pastar a jente morava no interior mas era como uma vila era uma rua so morava umas cinquenta famílias e a jente ia no começo da rua e gritava bem alto e cada um largava a sua vacinha da estrevaria e as 5 horas da tarde a jente trasia de volta [...] as pessoas eram escaladas para cuidar das vacas [...] eu também fui pastorinha a jente levava o almoço junto e os livros e a jente estudava [...] (BRESOLIN, 2014, p. 7).

O local em que moravam era chamado de Stolpy. Trata-se, segundo ela, de uma vila que não possuía muitos moradores, cerca de cinquenta famílias¹³, em que todos se conheciam e se ajudavam. Segundo Lídia, cada família “tinha uma vacinha e uns 2 porquinhos e so podiam segurar fechados porque não tinha aonde soltar” (BRESOLIN, 2014, p. 6). A terra que possuíam, expõe no diminutivo, referindo-se a “pedacinho de terra” quando o menciona. A forma de locomoção, para adubação da terra e para viagens à cidade, era uma carroça. Gritti esclarece a questão da propriedade dividida em tiras, citada por Lídia:

Outro problema era o tamanho dos terrenos. Eram pequenas faixas estreitas e compridas conhecidas por ‘cordões’. O proprietário tinha suas terras dispersas em várias parcelas. Isso dificultava o acesso às mesmas pois frequentemente era necessário passar pela propriedade de outrem (2004, p. 28).

Com relação à subsistência da família, Lídia diz que era baseada no plantio de centeio, trigo, linhaça, batatas, legumes, frutas e na criação/pastoreio de animais – que provavelmente eram utilizados somente para consumo próprio, devido à extensão territorial e à impossibilidade

¹² Por exemplo, a casa que possuíam era coberta de palha de trigo e centeio e, segundo ela, a maioria dos moradores da “vila”, tinha a mesma – ou parecida – condição. Também complementa que “lá também tinha as pessoas mais ricas e que tinham mais terra e que alugavam a pastaje” (BRESOLIN, 2014, p. 7).

¹³ Consideramos cinquenta famílias um número significativo de pessoas para uma vila. Levando em consideração uma média de quatro pessoas por família, teria em torno de 200 pessoas residindo neste aglomerado. Acrescenta-se, ainda, que essa média é baixa para uma família do meio rural no começo do século XX.

de criarem em quantidade, como a própria autora menciona¹⁴. Com relação à linhaça, Lídia expõe que de sua semente faziam azeite, de sua palha confeccionavam tecidos que eram usados no dia a dia. Dessa planta, Lídia também relata todo o processo que realizavam para poder produzir o linho:

[...] a palha da leniaça faziam uns fexe e levavam no lago estendiam estendiam para a palha amolece não sei quantos dias que tinha que ficar dentro da agua e depois tiravam e stendiam no sol para secar um poco e depois com um pedaso de madeira batiam e se tornava massia que nem algodão e faziam a linha [...] (BRESOLIN, 2014, p. 4).

Prossegue sua narrativa dizendo que “[...] cada um tinha sua horta, plantavam e estocavam para o inverno todo [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 5)¹⁵. Faz repetições desde o início – como, por exemplo, sobre o fato de que cada família possuía uma vaquinha e acrescenta dados –, que quando do nascimento do bezerro, “no segundo Dia o meu Pai caregava na caroça e levava para vender eu ia junto [...] todos faziam assim porque não tinha onde segura” (BRESOLIN, 2014, p. 6). As lembranças da cidade para Lídia também são boas, pois,

[...] no xegar na cidade era lindo de ver as mulheres judias faziam filha para esperar os colonos passar vender os terneros ou as galinhas todas sentadas no chão na verada estrada e quando a jente pasava elas se levantavam e vinham perto da caroça ver o que a jente tinha para vender eu me lembro que primero perguntavam elas se tinha ternerinho ou galinha pegavam a galinha e asopravam para a pena levantar ver se eram gorda e se porcauzo eram magra mas compravam o mesmo porque eles não comiam a carne de porco da Polônia [...] (BRESOLIN, 2014, p. 6-7).

Algo a ser explorado é a forma como Lídia percebe a cidade e, está ligada à questão relacionada à infância. Lídia expôs que seu pai adorava que ela fosse junto à cidade e o sentimento que perpassa é o de alegria. No entanto, já era muito forte o antissemitismo na Europa, o que nos faz pensar nas atrocidades causadas a muitos considerados “impuros”¹⁶.

Como compreender o ódio? Difícil. Teríamos que nos remeter a conhecimentos históricos de ocupação muitos antigos e não é nossa intenção, porém, Hitler considerava que as dificuldades enfrentadas pela Alemanha estavam diretamente ligadas à “raça inimiga ou

¹⁴ “Durante dezenas de anos, a economia polonesa alicerçou-se na agricultura, com destaque para alguns produtos básicos, como a batata, o centeio e o trigo” (WENCZENOVICZ, 2007, p. 79).

¹⁵ “[...] eu me lembro que a minha Mãei colhia enormes tomates e umas enorme cabeça de repolho cabessas interinia e os tomate açim cuando já estavam no ponto de madurar agora cuando me lembro me vem agua na boca e isso durava o inverno todo [...]” (BRISOLIN, 2014, p. 6).

¹⁶ Resulta também em reflexões acerca da região que residiam e sobre os parentes de Lídia que lá permanecem – tia e tios. Ao longo do texto, Lídia não menciona se estes foram prejudicados pela guerra, apenas expõe que, por um período, seu pai comunicava-se com sua a tia por cartas e, pelas poucas informações que insere, pareciam estar bem.

impura”, que se estabelecia em seu território, judia e cigana. É em 1935, em Nuremberg, que o Reichstag (Parlamento) do III Reich estabelece leis racistas, que tinham o intuito de liquidar as “raças subumanas”. Essas medidas estavam sendo adotadas com o intuito principal de defender a dignidade e sangue alemães e, incluíam, em sua lista de “impuros” os judeus e os ciganos, negros e homossexuais. A partir desse momento, as lutas pela sobrevivência destes povos estava a se intensificar cada vez mais.

Em virtude desse contexto, o antissemitismo era muito forte. Porém, no relato autobiográfico de Lídia, não existe menção a isso. Na página sete de seu manuscrito, Lídia expõe que “[...] lâ na Polonia onde nos morava maioria os comerssiante eram turcos ou judeus [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 7), mas sem mais informações ou detalhes. Algo que também podemos apontar é que, ao referir-se às mulheres judias, Lídia escreve “elas”, fato que resulta na conjectura de que a família de Lídia possivelmente não era judia.

É na página 14 que, após ter discorrido sobre questões referentes à terra natal que Lídia expõe sobre as cartas do tio Mekita, “tio da minha Mãe”, que havia migrado ao Brasil um tempo antes. Nessas cartas, segundo Lídia, ele expunha que “[...] aki no Brasil e muito bom de mora que tem terra a vontade e a jente toma vinho no lugar de agua [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 14).

Como Lídia expõe em seu relato e, também, como exposto nas discussões bibliográficas, a terra era um dos principais motivos para migrarem¹⁷. Quem possuía um pedaço de terra na Polônia não o vendia por ser escassa, por ser muitas vezes a única forma de subsistência dos moradores, e por ser passada de pai para filho. Além disso, como escreve Stawinski (1976), os camponeses muitas vezes precisavam arrendar as terras e utilizar de sua mão de obra como renda para sobreviver. Já Wachowicz (1974), no entanto, informa que os excessivos impostos impossibilitavam os pequenos proprietários de se manter, o que os obrigava a vender o que lhe restava de áreas de terra.

Ao decidirem realizar a travessia rumo ao Mundo Novo, Lídia expõe que vendem sua terra e, sob nossa interpretação, o fazem na esperança de encontrar com a imigração, além de dignidade e melhores condições de vida, terras produtivas.

A motivação de seu pai resolver migrar, segundo ela, refere-se às cartas do tio Mekita¹⁸.

¹⁷ “O camponês, ávido de terra, da qual tirava todo o seu sustento, vem procurá-la onde ela existe em abundância: na América. Esta é a grande aspiração dos que preferem o Brasil como seu novo *habitat*. Noventa por cento dos que vieram para este país são agricultores [...]” (STAWINSKI, 1976 apud WENCZENOVICZ, 2002, p. 50).

¹⁸ Talvez, realmente, o tio expusesse que era bom de viver no Brasil através das cartas e Filimon demonstrava interesse. No entanto, devido às propagandas e informações que circulavam na Europa, possivelmente a decisão de migrar resultou de um contexto mais complexo que envolvia os problemas vivenciados e as ações dos “propagandistas e recrutadores” (WENCZENOVICZ, 2021).

Quando do relato dos acontecimentos, e após decisão de migrar, a insegurança é marcada, pois expõe que “[...] a jente vinha mas a jente não sabia de nada nem conhecia nada a jente vinha na escura[...]” (BRESOLIN, 2014, p. 14). Lídia diz que a despedida foi triste, pois sua mãe deixava a irmã “soltera sozinha” e o pai se afastava de Cola, Aloxa e Ivan - três irmãos.

Seguem de carroça até a cidade de Kobren para pegar o trem. Apesar da insegurança manifestada pelas atitudes dos pais que Lídia descreve, percebe-se o encantamento da autora ao descrever sobre esses fatos, com exceção de alguns problemas e histórias que são também pontuados¹⁹. Era noite quando o irmão de Filimon os levou para a cidade. Na estação de trem, segundo Lídia, o guia já os aguardava, pois “cada família tinha o seu guia” (BRESOLIN, 2014, p. 16), que dava orientações e recomendações, dizendo que, se acaso alguém se aproximasse, “para as outras pessoas não era de dar a confiança”, pois o “vagão só era para cada família era especial levar os imigrantes” (BRESOLIN, 2014, p. 16). Apesar da orientação, Lídia disse que “entrou um mendigo todo esfarpado [...] [e] se enfiou em baxo do noço banco e deitou eu fiquei muito assustada”, porém, seu pai a acalmou dizendo que “com serteza entro escondido para não pagar a passaje que não era para nos ter medo” (BRESOLIN, 2014, p. 16). Lídia faz uma observação dizendo que “desde akela epoca ja ezestia os malandros”, porém, “como meu Paei já era viajado ele não sentiu medo” (BRESOLIN, 2014, p. 16).

O Porto de embarque foi em Gdynia, que se localiza na região da Pomerânia, litoral do Mar Báltico, e, até os dias atuais constitui-se como porto importante. Segundo Dembicz e Kieniewicz “[...] foi construído, desde as bases, um moderno porto em Gdynia, que em 1938 alcançou os maiores movimentos no Báltico” (2001, p. 57). O navio se chamava “Coztuxenhço”²⁰ e, conforme Lídia, media 100 metros de comprimento, possuindo três andares e viajaram nele três mil pessoas²¹. Lídia esclarece, “isto eu me lembro que o meu Paei contava para as pessoas aqui no Brazil [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 17).

Antes do embarque, Lídia diz que ficaram em um hotel e

¹⁹ Com relação à viagem, Lídia relata algumas histórias tristes. Por exemplo, de uma família que viajava junto. Segundo ela, a família era composta de seis pessoas, mãe, pai e quatro filhos. No entanto, devido à impossibilidade de pagar todas as passagens, duas filhas moças ficaram na Polônia e fariam a travessia assim que os pais tivessem condições de pagar as passagens. Segundo Lídia, “o plano deles e devime ganhar o dinheiro e depois mandar buscar as filhas” (BRESOLIN, 2014, p. 22).

²⁰ Ao se deter a pesquisar acerca do chamado Navio “Costuxenhço”, em que Lídia diz ter viajado, foi constatado que ele se chamava SS Kosciuszko (MILITARY HISTORY, [s.d.]).

²¹ Essa informação referente à quantidade de passageiros necessita de alguns apontamentos. A partir dos dados apresentados por Lídia acerca do navio, descobrimos as seguintes informações: “o navio SS Kosciuszko tinha capacidade de 712 passageiros e de carga 6.522 toneladas.” Ainda, segundo a mesma fonte, “o navio SS KOSCIUSZKO foi usado na Segunda Guerra Mundial em serviço militar” (BATORY [s.d.]). Wenczenovicz (2002), corrobora com a informação referente ao número de imigrantes, pois diz que “cada navio comportava, em média, setecentas a oitocentas pessoas” (WENCZENOVICZ, 2002, p. 62).

[...] quando nos chegamos no hotel em gদিনা lã eles apartavam as mulheres e as meninas a parte dos homens e as Mães murmuravam oque eles vou fazer com nosco derepente vieram umas porção de moças todas vestidas de branco e levavam e trouçeram uma carga de guardanapo branco e levavam as Mães e as filhas junto e levavam para o chuveros para tomar banho [...] (BRESOLIN, 2014, p. 18).

Lídia faz questão de pontuar os itens que traziam no navio. Escreve que “a gente não levava nada so duas mudas de ropa cada pessoa” e o restante da bagagem era guardado em compartimentos separados. Diz não se lembrar quantos “kilos” podiam trazer mas expõe que “[...] acho que podia levar muitos kilos porque a minha Mãe trouçe bastante tecido trouçe a maquina de costura de pe marca singer e um baul enorme e a maquina de fazer linha tocado com o pe e o meu Paei trouçe os moldes de sapatos que ele era sapatero [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 18). A saída da terra natal era apenas com as roupas do corpo e alguns materiais que pensavam ser úteis na nova terra. Lídia não menciona, mas a máquina e tecido bem como os moldes de sapato, poderiam ser usados como forma de subsistência através da produção e venda de roupas e sapatos. Embora a promessa fosse de terras férteis, a precaução os fez carregar esses materiais, quase como um plano B ou, dependendo das condições de chegada e habituação, um acréscimo à renda.

Nessa tentativa de continuação retrospectiva, Lídia então escreve que “dai chegou a hora de inbarcar no Navio” (BRESOLIN, 2014, p. 19). E assim relata sobre os marinheiros: o “navio enorme na verada do mar” e do “porto cheio de jente que vem ver os imigrantes imbarcar que vão para otro Paiz” (BRESOLIN, 2014, p. 19). Prossegue falando sobre a organização na entrada do navio e quando já estavam dentro com os guias encaminhando as famílias para os quartos. Após o barulho do navio, “que a jente nunca viu de tão forte [...] começo se retira devagarinho e de anda e não paro de apita ate que enxergava as pessoas que abanavam com os lencinhos brancos que vieram para se despedir dos imigrantes [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 19).

Nesse ponto, Lídia marca novamente a tristeza, pois “as Mãe choravam aquele apito triste da despedida” (BRESOLIN, 2014, p. 20). Expõem que, no navio, “cada familia tinha o seu quarto conforme quantas pessoas tinha para acomodar na familia nos quartos tinha beliche [...] e cada quarto tinha banhero e chvero e tinha agua para beber a jente apertava um botão e caia o copo e a jente tomava agua e o copo jogava fora[...]” (BRESOLIN, 2014, p. 20).

O processo de higiene no interior do navio também é exposto pois “[...] as camarera trocavam as ropas das camas todos os dias e as toalhas de banho e as ropas da jente elas lavavam

entregavam passada e era obrigado troca de ropa todos os dia [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 21).

Com relação às refeições Lídia pontua que

[...] cada familia tinha sua meza numerada e cada familia tinha que sentar junto para almoçar [...] e quando a jente sento primera vez na mesa aí tinha que sentar sempre na mezma mesa era enorme sala para fazer as refeições e a comida era muito boa tinha peixe açado todos os dias era comida diferente e de mania duas coperas traziam um enorme panelão de leite fervido e distribuía quem tinha as crianças pequenas e no almoço de sobremeza davam para cade pessoa uma maçã e no outro dia uma laranja isto era todos os dias [...] (BRESOLIN, 2014, p. 21)²².

Após descrever sobre o susto do “lugar que o mar fica mar ajitado”²³ e de necessitarem colocar o colete salva-vidas em um dado momento da viagem, escreve que “[...] vinha no mesmo navio o Padre Chulc para o Brazil e rezava a Missa todos os Dias [...]” (BRISOLIN, 2014, p. 21). Expõem que o Padre Chulc era contrário à imigração, pois ele argumentava que “[...] vosses vou para outro Paiz e nem sabem dos costumes dela nem conhesem ninguem e muitos dexaram seus familiares seus irmãos [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 22). Assim como o padre Chulc, conforme Stawinski (1976, p. 22), o clero era contrário à imigração polonesa. Assim, em razão da “intensa propaganda, muito bem arquitetada pelos agentes de recrutamento de emigrantes [...] o clero mostrava-se apreensivo e não parava de chamar a atenção aos católicos sobre os perigos que a sua fé encontrar em terras desconhecidas e privadas do conforto material e de assistência espiritual”. No entanto, segundo ele “[...] a propaganda insinuante e capciosa dos agentes de recrutamento sufocava a voz do clero” (STAWINSKI, 1976, p. 22).

O balanço do navio, para grande parte dos imigrantes, conforme relatado em outros trabalhos (STOLTZ, 1997; STAWINSKI, 1976), causava vômitos e mal-estar. No entanto, segundo o discurso de Lídia, este não era um problema, ou ao menos não é mencionado. Ela escreve que “[...] a jente adorava de viaja de navio maioria do tempo a jente passava em cima do palco debruçada para o mar [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 23). A viagem, segundo seu relato, durou vinte e dois dias e, durante esse tempo, ela marca que “enxergava so o mar e azves algum pasarinho e viajava dia e noite [...]”²⁴ (BRESOLIN, 2014, p. 23). Lídia prossegue expondo que “eu me lembro que o navio encosto numa ilha para abastecer cargava o carvão e aqueles

²² Aqui, faz-se interessante apontar que, conforme estudos relacionados à imigração, as condições de travessia e de higiene normalmente não eram tão positivas, ocorrendo em muitos casos a superlotação de navios, visto que os agentes da imigração eram pagos por imigrante transportado. Assim escreve Stoltz: “[...] para os agentes da imigração cada cabeça que subia em um navio era uma porcentagem a mais para eles” (1997, p. 36).

²³ Conforme Stawinski, esse local era “a linha que dividia o hemisfério sul” (1976).

²⁴ Wenczenovicz escreve que, “A partir do embarque na Europa até o Rio de Janeiro, onde permaneciam em quarentena, na Ilha das Flores, a travessia do oceano durava em torno de 18 a 29 dias” (2002, p. 62).

africanos e africanas e as centadas no chão no meio daquela Ilha [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 24).

Após essas descrições, expõe que “[...] chegou o dia para desembarcar do navio [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 24). Na sequência, informa que chegam a “[...] Santa Roza mas eu não me lembro do que nos viemo se de trem ou ônibus essa parte não lembro [...]” (BRISOLIN, 2014, p. 25). Complementa que “chegamos [...] dia dez de Novembro de 1937²⁵ depois que as peçoas desembarcaram no Rio do navio cada família pego o seu rumo para onde já tinham destino de Ir [...]”. Conforme Stawinski, “Ao aportarem à baía da Guanabara, os imigrantes eram transportados do navio para a Ilha das Flores, onde deveriam passar a quarentena, alojados nos barracões dos imigrantes” (1976). Essa passagem é citada por Lídia quando expõe que já tinha “[...] umas quantas famílias que vinha para Santa Roza junto com nos e chagamos e gia nos levou num baracão bem grande e despejou nos la [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 25). O fato de mencionar “despejou” nos despertou interesse quanto às condições do ambiente. Stawinski expõe que “as acomodações eram rudimentares”, a “alimentação era abundante”, mas, no que se refere à higiene, pondera que sua falta “provocava, não raro surtos de febre amarela e tísica, que chegavam a ceifar dezenas de crianças” (1976, p. 25).

Lídia expõe sobre essa situação degradante neste ambiente e vai descrever sobre um acontecimento que chamou sua atenção e que, por isso, a fez transpô-lo em sua autobiografia. Trata-se de um imigrante que havia morrido ao amanhecer do dia. Esse fato, pelo exposto de Lídia, abalou enormemente a todos, mas principalmente a companheira do falecido, que em prantos solicitava que a passagem fosse paga para que retornasse a seu país de origem. Como finalização deste episódio, Lídia expõe que a mulher seria encaminhada novamente à sua terra natal que era, segundo ela, a Alemanha. Devido à falta de higiene e sobrelotação da capacidade permitida nos ambientes em que aguardavam o encaminhamento para as terras em que iriam se estabelecer, as doenças e mortes eram muito comuns (WENCZENOVICZ, 2007).

Lídia, em sequência, aborda sobre o momento de decepção, quando seu pai foi ver a terra, expondo que “[...] era so Taquarassu não tinha um palmo de terá limpa [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 26). Conforme Stawinski (1976, p. 25), “À medida que os dias iam passando, agravava-se a situação dos recém chegados”, pois as terras mais favoráveis já estavam ocupadas. A imigração em massa polonesa se deu em um período em que grande quantidade de germânicos

²⁵ Mesma data de publicação do Estado Novo, que trará consequências aos imigrantes, algumas delas citadas por Lídia, tais como a obrigatoriedade do uso e aprendizagem da língua portuguesa nas escolas. Outra questão mencionada por Lídia refere-se à obrigatoriedade de saber o Hino Nacional de cor.

e italianos já haviam ocupado as áreas mais produtivas, além de outros benefícios²⁶.

“Assim, os que imaginavam encontrar casas de moradia e terras já trabalhadas para o plantio de cereais, ficaram sabendo que seriam enviados para florestas sem casas, sem estradas, sem igrejas, sem escolas, sem hospitais [...]” (STAWINSKI, 1976, p. 25). Eram essas as condições encontradas pelo pai de Lídia, que estava disposto a reemigrar, agora para pedir auxílio do tio Mekita, pois, em Santa Rosa, na terra que era a eles destinada, precisavam primeiro roçar, achar água, construir uma barraca, e Filimon, sozinho - como a própria autora expõe - não teria condições. Com relação a essa dificuldade extrema, Lídia diz que nem mesmo conheciam a foice ou facão – instrumentos básicos e essenciais para a derrubada da mata mais baixa e construção de instalações para se abrigarem (BRESOLIN, 2014, p. 26). Essa passagem nos fez refletir sobre a questão de contexto em que viviam e os objetos mencionados. Vivendo em uma área rural, seria incoerente e descontextualizado afirmar que seu pai não conhecia foice e facão²⁷. Também, não é muito plausível que Lídia não os conhecesse, no entanto, talvez essa assertiva fosse possível. Ou talvez, devido às várias complexidades da memória, essa informação tenha de alguma maneira se ressignificado e Lídia, no intuito de marcar os choques com a chegada ao novo país, tenha acrescentado esse detalhe de maneira inconsciente. Também, talvez Filimon apenas não trouxera tais materiais, pois, conforme expôs Wachowicz, o imigrante, quando do contato com a nova realidade “[...]começava a constatar que utensílios ou apetrechamentos poderia ter trazido da Polônia [...]” (1974, p. 81).

Prosseguem, então, e, nesta saga, Lídia faz referência a que “deixaram a terra que já tinham dado a primeira entrada”. No que se refere a esse fato, não existe menção de pagamento antecipado, mas, pelo contrário, conforme expõe Gardolinski, a região do Alto Uruguai e Planalto Médio foi dividida em “colônias” ou lotes rurais com extensão de 250 mil m² (25 ha). “O Governo Estadual facilitava o pagamento, concedendo a cada família o empréstimo de 500 mil-réis, quantia essa que deveria ser devolvida em pequenas prestações e a longo prazo” GARDOLINSKI, 1958 apud WENCZENOVICZ, 2002, p. 55). No que se refere aos valores dos lotes, estes cresciam com o passar dos tempos. Assim, “em 1910, o valor de um lote colonial com a extensão de 25 ha era de CR 500,00; com o aumento da demanda, os preços subiram; após 1912, um lote colonial passava a custar cerca de Cr\$ 1250,00 com direito a um empréstimo

²⁶ “Primeiramente vieram chegando ao Brasil colonos germânicos, em 1824. Cinquenta anos depois, em 1875, iniciou-se a imigração italiana rumo do Rio Grande do Sul. Na mesma época, começaram a chegar agricultores poloneses, a princípio em pequenos grupos, posteriormente em grande escala” (STAWINSKI, 1976, p. 13).

²⁷ Stoltz, após relatar a falta de higiene no interior dos navios, afirma que esses imigrantes eram pessoas “simples de maneiras rudes acostumados a viver na miséria lidando com a terra” e complementa que “Suas armas eram enxadas, foices, serras e machados” (1997, p. 48).

de Cr\$ 500,00” (GARDOLINSKI, 1958 apud WENCZENOVICZ, 2002, p. 74). Nesses termos, devido também a fatores relacionados à memória e sua capacidade de modificações de acontecimentos, dados etc., cogita-se a possibilidade de pagamento das passagens apenas e, posteriormente, pagamento de terras. Essa informação possivelmente resulta, na mesma lógica do desconhecimento dos objetos básico de derrubada da mata, em que há uma marcação exacerbada das dificuldades vivenciadas.

Ela então dá sequência a seu relato e expõe que seu pai se informa e partem de Santa Rosa com destino à atual Áurea – local em que residiam os parentes. Chegaram a Capoerê de trem, realizando o restante do trajeto a pé – caminhada de oito quilômetros até chegar no Rio Toldo. Expõe que o tio Mekita morava em um sítio não muito longe. Assim, quando da chegada dos parentes, o tio e sua mulher, Ana, os recebem muito bem e auxiliam neste processo inicial de estabelecimento, dando abrigo e auxiliando eles a “começar do zero”, como menciona Lídia. Conseguem, aos poucos – segundo ela, em cerca de três meses – certa independência, pois compram o próprio sítio e casa em que passam a residir ²⁸.

3.5 Novos laços, nova terra

Percebemos a possibilidade de divisão de seu relato em duas partes, apenas de maneira prática e para melhor compreensão de sua narrativa. A primeira parte é a exposição de aspectos ligados à Polônia e a transição para o Brasil. Já, na segunda, Lídia passa a expor com mais ênfase, mas não exclusivamente, sobre as novas relações que se estabelecem na nova terra. Ela então vai expor sobre como passa a ser o dia a dia, relações com seus pares, trabalho, religiosidade, perdas, diferenças culturais, econômicas e linguísticas.

Embora Lídia em alguns momentos suavize, parece haver um corte e, possivelmente, ele ocorre devido às mudanças que são radicais e se estendem para além do ambiente físico, pois relações de amizade e de convívio com parentes, amigos, conhecidos, padres e professores que viviam na Polônia são drasticamente cortadas com a imigração. Essas transformações ocorrem e são enfrentadas de maneiras diversas. A religião parece ser uma das sustentações da mãe de Lídia para enfrentar essas dificuldades, como demonstraremos no terceiro capítulo.

Segundo Mirabeli, o processo é difícil e, segundo ela,

²⁸ Devido às condições que relata, expondo inclusive que começaram a vida do zero, possivelmente o tempo para conquistarem o próprio sítio foi mais longo. Ou, outra possibilidade, é que os tios tenham auxiliado nessa compra.

Pode-se aceitar viver essa revolução interna que acontece na imigração, porém é doloroso assumir o processo de luto que ocorre ao estar em novas terras, ter deixado para trás algo que já não será mais acessível. Vive-se um luto que exige do indivíduo um trabalho emocional de separação, perda e incorporação de uma nova vida, implicando nesse processo mudança, reorganização e criação (2018).

Os condicionantes culturais, espaciais e econômicos alteram de maneira significativa os nossos hábitos. O espaço diferenciado transforma a vida das pessoas, pois precisam se adequar ao meio e modificá-lo para que possam sobreviver. No caso de Lídia, essas modificações são perceptíveis e mencionadas em vários trechos.

As mudanças perceptíveis e mais enfatizadas no documento estão relacionadas às questões religiosas e geográficas. Com relação ao segundo aspecto, Lídia diz que a vida neste novo ambiente passa a ser um aprendizado diário, até se adequarem, modificarem o espaço e se estabelecerem. “As montanhas que furam as nuvens”, parafraseando Weczenovicz, terras irregulares com pedregulhos e morros bem como a própria textura da terra demonstram os obstáculos. O clima, onde o frio não é tão rigoroso, também vai promover mudanças no dia a dia, cujas vestimentas e calçados a serem usados passam a ser radicalmente mais leves, principalmente no verão – quando sofreriam para habituarem-se ao intenso calor. No trabalho, essa ambientação vai exigir uma organização diferenciada para os plantios e as colheitas. A alimentação também se altera e muitos são os alimentos desconhecidos. Um deles, e que Lídia dá detalhes sobre sua reação quando o conhece, é a uva:

[...] eu lembro aqui no Brasil quando ganhei um caixote de uva não sabia como comer lembro que fiquei segurando tempo na mão até ver alguém comer como era nunca tinha visto uma fruta assim casca ou sem casca daí minha amiga disse que era pra tirar os grãos e chupar e jogar fora a casca no começo não gostei muito mas na segunda vez que comi adorei [...] (BRESOLIN, 2014, p. 30).

Lídia insere estas diferenciações entre Polônia e Brasil em seu documento com frequência – principalmente no início do relato –, dando mais informações sobre a terra natal. É no final da autobiografia e em algumas passagens ao longo do texto que Lídia aborda sobre o Brasil, detalhando sobre plantio de produtos e subsistência, porém sem muito aprofundamento desses aspectos.

“Se as lembranças às vezes afloram ou emergem, quase sempre são uma reconstituição” (BOSI, 2003, p. 39). Assim, Lídia, nessas nuances entre memórias espontâneas e memórias ressignificadas, segue sua autobiografia, expondo sobre os novos laços e sobre o novo ambiente

em que passa a residir após a constituição da nova família²⁹. Casa-se com Fernando Brisolin em 9/06/1951. Detalha sobre a convivência na nova família que integra, onde a amizade, o respeito, as trocas e o aprendizado são as marcas principais desses anos de convivência. O carinho é marcado ao mencionar que não chamava os pais de seu marido de sogro e sogra, mas sim de pai e mãe. A admiração resultava de várias atividades cotidianas, tais como pelo fato de sua sogra tomar um copo cheio de vinho no almoço. Lídia expõe assim que os sogros a estimulam a tomar também, de modo que um copo após o almoço passou a ser hábito. Assim, nessas lembranças, aborda sobre o consumo desta bebida pela população local, principalmente em festividades como nos casamentos, aniversários etc. De maneira geral, as trocas e aprendizados neste novo ambiente eram frequentes, principalmente nas conversas com sua sogra, pois Lídia escreve que “[...] ela contava essa história para mim com muito amor [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 51).

Sobre o casamento, expõe que este gerou frutos e, então, após dois anos de casada, nasce seu primeiro filho, Valdir. Aos dois anos de idade, o menino passa por problemas de saúde e Lídia diz realizar a promessa de ir a pé para a Romaria de Marcelino Ramos, cuja distância é 70 km da sua casa. Nessa fase da vida, Lídia diz também ter cuidado de familiares adoentados, citando acontecimentos e doenças e dizendo que por este fator ela demorou 12 anos para cumprir a promessa em virtude de suas ocupações.

Lídia prossegue sem mencionar detalhes sobre o nascimento dos outros filhos, apenas dizendo, ao longo da autobiografia, que teve cinco filhos no total e que dois faleceram. Escreve muito sobre eles, principalmente sobre a educação, expondo que fez de tudo para que conseguissem estudar, motivando e inserindo seus filhos homens inclusive em seminário³⁰, para que lá estudassem e se tornassem padres – porém sem sucesso. Expõe que sua filha Greuza foi a única que cursou faculdade, realizando o curso de Educação Física na cidade de Passo Fundo.

Segue, de maneira fragmentada, relatando sobre diversos acontecimentos familiares como doenças, tristezas, alegrias e muita dor com a morte de familiares. No final, talvez no intuito de retomar uma escrita que lhe traga boas recordações, ela começa a relembrar novamente sobre alguns acontecimentos da infância, em primeiro momento no Brasil para, posteriormente, viajando milhas, relembrar sobre a Polônia e sobre o quanto era feliz quando era criança.

²⁹ Lídia, após o casamento, passa a residir com o marido, com seu sogro e sua sogra, porém não menciona os nomes deles.

³⁰ Diocese de Erechim.

Através do relato, Lídia lembra, ressignifica e (re)constrói a sua história de vida. Delory-Momberger escreve que

A narrativa, como gênero discursivo, constitui não somente o meio, mas também o lugar; a narrativa dá lugar à história de vida. O que dá forma à vivência e à experiência dos homens são as narrativas que delas se produzem. Assim, a narração não é somente o sistema simbólico pelo qual os indivíduos conseguem expressar o sentimento de sua existência: a narração é também o espaço em que o ser humano se forma, elabora e experimenta sua história de vida (2011, p. 341).

Realizou-se assim, uma breve contextualização de contexto, em complemento das informações extraídas do documento de escrita de si de Lídia. Importante expor que, embora tentássemos explorar linearmente esse resumo, não é exatamente essa a linearidade que Lídia usa, pois sua escrita é marcada por repetições – em alguns momentos –, reviravoltas e viagens temporais. A fragmentação nessa prática de produção de si é uma constância pois, como expôs Gomes “[...] indivíduos modernos são, de forma geral e por definição subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas” (2004, p. 14).

3.6 Questões gerais: documento autobiográfico de Lídia

Nesta parte do texto, como complemento da contextualização histórica acima elaborada, pretende-se jogar luz sobre algumas questões que percebemos essenciais para tentar situar o leitor acerca da exposição que Lídia faz de sua trajetória, entendendo também a complexidade das escritas de si no que se refere à interpretação e à análise. Gomes afirma que “[...] a fragmentação do indivíduo moderno pode conduzi-lo a, por meio da escrita de si, construir para si mesmo uma identidade dotada de continuidade e estabilidade através do tempo” (2004, p. 14).

É nesses termos que, desde o início do manuscrito, Lídia tenta escrever de maneira linear, respeitando os fatos ocorridos ao longo de sua vida, porém, e também influenciada pela idade e pelo presente que vive, Lídia faz uma escrita fragmentada, como é comum nessa forma de textos, em que se “desfazem as linhas da continuidade histórica” (RAGO, 2018). São várias reviravoltas temporais que ela faz de modo que, conforme expõe sobre acontecimentos e pessoas, faz associações de outras que ocorreram em outro tempo, e as transcreve. Pela impossibilidade de tudo narrar, Lídia é atravessada muitas vezes por reviravoltas, complementos e repetições.

Percebemos que sua escrita se dá em perspectiva de retorno ao passado. Escreve seu

documento com o olhar voltado para o retrovisor, buscando o resgate das memórias, lembranças, recordações. O fato de Lídia estar visualizando o passado e escrevendo sobre ele está relacionado à sua idade. Schons e Grigoletto (2008) em artigo intitulado “Escrita de Si, Memória e Alteridade: uma análise em cantraponto”, realizam reflexões a respeito de relações importantes acerca da escrita de si enquanto marcador de espaço simbólico e, além disso, refletem, através da análise de textos produzidos por idosos e adolescentes na perspectiva de Pêcheux e Orlandi (1999). Nesses pequenos textos analisados, as autoras refletiam o modo como os sujeitos se subjetivam, tendo em vista a idade. Nesses termos, nos esclarecem a dimensão temporal que os envolve, fazendo-os escrever de maneira rememorativa ou de expectativa de futuro. Assim,

[...] há diferenças que marcam a escrita do sujeito-adolescente e do sujeito-idoso, pois a memória sócio-histórica dessa escrita, assim como a alteridade é outra. Portanto, a escrita constitui-se num espaço simbólico, lugar de interpretação, num trabalho de memória e de construção de identidades. Ao escrever sobre si, o sujeito escreve também sobre o outro, que o determina na sua construção identitária (SCHONS; GRIGOLETTO, 2008, p. 1).

Assim, da mesma forma e de maneira complementar, Preti, quando analisa a narrativa dos idosos, afirma:

[...] sob o aspecto conversacional, revela-se a importância da categoria tempo e a presença constante do passado, como o ponto de referência constante para o discurso que, ainda quando centrado em temas do presente, se articula com base em duas realidades, a do ontem e a do hoje (1991, p. 28).

Esses fatos são importantes e, mesmo que não soubéssemos a idade da autora, a leitura do escrito autobiográfico daria a ideia de tratar-se de alguém que já tenha vivido uma extensa trajetória, devido a todos os fatos que relata – desde sua infância, mocidade, casamento, nascimento dos filhos e todos os acontecimentos subsequentes que se davam no entorno familiar.

Questionamos a nós mesmos para quem e por que Lídia resolve escrever sobre si e seus pares. Uma das respostas a esta questão está ligada à já mencionada intenção da escrita que ela própria revela: escreve para seus filhos e netos saberem do seu passado, pois “a gente nunca tiro um tempo de sentar todos juntos e conversar resolvi escrever”. No entanto, essa menção não aparece desde o início. A urgência e a percepção de passagem rápida do tempo também é característica a ser levada em consideração, visto que Lídia, quando explica o motivo da escrita, expõe que o “[...] mundo de hoje esta ficando moderno e o tempo passa depressa e quando a gente percebe o tempo já passou e a gente não tem mais nada para fazer e por isso que eu resolvi

contar um pouco do meu passado [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 86). Percebemos aqui que Lúdia toma consciência de si, de sua vida e da passagem rápida do tempo e, deste modo, percebe que precisa fazer algo para propagar essa história e assim insere essas informações justificando a sua escrita.

Ao realizar uma leitura panorâmica de seu relato, percebemos descrições de várias histórias de familiares e, muitas vezes, de pessoas que Lúdia conheceu apenas de passagem – a exemplo da família que viajava no navio que teve que deixar duas filhas devido à impossibilidade de pagamento da passagem de todos os membros, já citada. Assim, descreve tais histórias e reflete sobre a sua³¹. Cogita-se que é nesses momentos, em razão dessas trocas, que tenha se acendido uma faísca e Lúdia tenha percebido a importância de deixar um registro, escrevendo, por isso, sobre sua trajetória. Essa suposição pode ser feita tendo em vista que o escutar histórias e trocar ideias significam muito e têm muita importância para a formação e para a reflexão da nossa própria história. É por isso que as crianças ouvem muitas histórias e isso é significativo para elas, haja vista que, nesse ouvir, elas passam a entender muitas coisas dentre as quais o tempo, o espaço, as relações e os diversos tipos de sociabilidade existentes. O lado cognitivo também passa a ser trabalhado nas crianças, pois elas se transportam para os lugares que são narrados. Os estímulos são diversos, uma vez que a criança passa a usar sua criatividade, sua imaginação. A criança aprende também a hora de falar e a hora de escutar. O ouvir histórias tem importância, portanto, desde o início da nossa vida, e é com o transcorrer dos anos que criamos bagagem e podemos ter mais histórias para contar e compartilhar.

Para Bosi (2003), a memória dos idosos é muito significativa pois eles são ricos de memória. A memória é o que nos liga ao passado, ao presente e ao futuro. Ela é a base do que somos e do que poderemos ser. Sem memória, a pessoa se perde e perde as referências de ligação que tem com seus pares e com sua própria história. Lúdia vivia em um ambiente rico de histórias desde o início da sua infância e, após migrarem para o Brasil, relata que sua tia Ana contava muitas histórias. Posteriormente, após casar, novamente relata que estava envolta de pessoas com quem podia conversar. E nestas conversas, as histórias de vida do passado eram relatadas.

Dentre todas essas histórias, estava a história da imigração da família do seu marido.

³¹ Na página 54, Lúdia expõe que um senhor de Passo Fundo pediu poso a eles e vinha a pé, pois fez promessa de ir à Romaria de Marcelino Ramos, ao que Lúdia pontua: “ele era um Senhor novo mas eu não lembro da história dele [...]”. e prossegue relatando que, quando foi à romaria com sua mãe, “[...] uma senhora alcanço nos e fomos junto ela conto a história dela [...]” (BRISOLIN, 2014, p. 53), além de outros momentos que demonstram o quanto importante é uma trajetória e a história de cada um.

Lídia relata que estes vieram reemigrados das Colônias Velhas, da Colônia de São Marcos, e quão difícil foi essa transição, pois a família, composta de pai e mãe e 8 filhos, se deslocava de carroça até chegar ao atual município de Áurea, cuja distância percorrida foi de 260 km. Ao lembrar das histórias dos outros, quando da escrita, Lídia faz relação com a sua própria história e é deste modo que a experiência se efetiva, ou, como refere Ricoeur (2003), que o processo de configuração se dá. A nossa história passa por um processo que atribui sentido à vida, e é nessa sucessão, nessa construção que criamos uma imagem que queremos mostrar, de modo que “O ato de narrar configura a história de uma vida.” (SILVA, 2017, p. 58). Esse processo, no entanto, é infinito, pois sempre poderemos rever, sendo influenciados por outras histórias ou por outros fatores – tais como o lugar –, que nos fazem retomar o ponto de vista e, assim, discorrer de maneira diferente, sucessivamente, numa linha contínua, sem fim.

Paul Ricoeur faz uma divisão no conceito identidade que para ele se divide em dois: “identidade como mesmidade (iden) e identidade como ipseidade (ipse)”, a mesmidade caracteriza-se como “aquilo que permanece durante um período de tempo, podendo ser uma vida inteira, daquilo que é mais próprio de cada pessoa” (2012 apud SILVA, 2017, p. 60). Já a ipseidade é uma parte que é influenciada pela sociedade em que o indivíduo está inserido. Segundo Bulawski,

a identidade do sujeito, que se realiza através e na interpretação, é a identidade bidimensional: como a mesmidade e como ipseidade. A mesmidade procede de modo imediato da consciência do eu, do meu ego. A ipseidade me vem de fora, através da interpretação da leitura dos signos culturais, os quais me mostram uma dinâmica de ser – ser o homem (2004, p. 380).

Dadas essas duas características, foi necessário ainda ao autor realizar “a mediação entre essas duas instâncias por meio da dialética da personagem” que se configura na identidade narrativa:

O sujeito que narra sua história de vida constrói um enredo que dá significado às suas experiências pessoais, no lugar em que vive, que podem ou não ser partilhadas com o outro. Estas vivências podem ser refletidas pelo sujeito e suas experiências serem refiguradas e rumos novos serem tomados em sua vida. Dessa maneira a vida ao ser contada, narrada, está em constante refiguração fazendo ‘da própria vida um tecido de histórias narradas’ (RICOEUR, 2012 apud SILVA, 2017, p. 62).

Ricoeur expõe que o que interessa é distinguir o “ato de narrar” e o “ato de viver” e o “e o texto produzido pela atividade narrativa”, em que ele

analisa o relato como o produto de uma operação de configuração que ele designa sob o termo de ‘enredamento’ (‘mise en intrigue’). O enredamento apresenta uma tripla característica: transforma uma diversidade de acontecimentos ou incidentes sucessivos em uma história organizada, que se apresenta como um todo (configuração); junta e organiza elementos tão díspares como agentes, objetivos, meios, interações, circunstâncias, resultados (síntese do heterogêneo); e, por fim, transforma a relação de sucessão dos acontecimentos e dos encadeamentos finalizados, dando a cada elemento uma função e um sentido de acordo com a contribuição que este dá ao cumprimento da história contada (círculo hermenêutico) (1985 apud DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 529).

Assim, Delory-Momberger complementa que “O relato, então, não é somente o produto de um ‘ato de contar’, ele tem também o poder de produzir efeitos sobre aquilo que relata” (2012, p. 529). Nessas explicações e, segundo Gomes, a escrita de si passa a ser melhor compreendida enquanto escrita por “‘editores’ e não autores propriamente ditos” (2004, p. 16). Continua expondo que “É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte de texto, criando-se através dele, um autor e uma narrativa” (GOMES, 2004, p. 16). É possível afirmar, dessa forma, que Lídia se constrói e é construída pelo seu discurso, firmando e (re)construindo sua identidade. Essa retrospectiva não é algo simples. Starobinski informa que “uma autobiografia supõe uma ruptura subjetiva, um deslocamento do eu atual em relação ao eu passado, uma transformação interior radical que justifique esse tipo de escrita” (1970 apud RAGO, 2018, p. 56).

Nesse sentido, a reflexão, a escrita de si, o crescimento e todas as construções imbricadas nesse processo demonstram o que Ricoeur chamou de “fenomenologia do homem capaz”, em que o sujeito possui “capacidade de dizer, de agir, de narrar-se” (2005 apud CAVACO, 2021, p. 3).

Lídia escreve sua escrita e, apesar de alguns momentos marcar dúvidas sobre os acontecimentos e pequenas incoerências, é convincente, de modo que parece estar se revelando verdadeiramente para seus leitores. Interessante, a esse respeito, são as marcações que Lídia faz em seu escrito quando aborda diversos assuntos, marcando “eu me lembro” ou “eu não me lembro”. Parece-nos que é na intenção de passar veracidade em suas informações que Lídia faz essas marcações. Ao falar que se lembra, transmite mais confiança e verdade; já, ao contrário, quando refere não se lembrar, sua narrativa resulta de dúvidas que tinha e que implicam também com sua própria escrita, realizando preenchimento de lacunas – inserindo o que ela imagina ter acontecido – ou deixando a informação em aberto, incompleta.

O fato de as narrativas de si serem convincentes está relacionado ao que Gomes escreveu acerca do “feitiço” da fonte, que “[...] produz uma espécie de ‘excesso de sentido do real pelo vivido’, pelos detalhes que pode registrar, pelos assuntos que pode revelar e pela

linguagem intimista que mobiliza” e que, pelo “sentimento de veracidade” que o texto produz no leitor/pesquisador, “certas reflexões se impõem” (2004 p. 15). Porém, esclarece que ao historiador não cabe apontar o “erro” ou a “mentira” “digamos assim, do texto sob exame”, de modo que

não está descartada *a priori* qualquer possibilidade de se saber ‘o que realmente aconteceu’ (a verdade dos fatos), pois não é essa a perspectiva do registro feito. O que passa a importar para o historiador é a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de ‘dizer o que houve’, mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p. 15).

No que se refere ao modo como o autor escreve sobre sua trajetória, Gomes reflete sobre as “[...] relações do texto com seu ‘autor’.” Para explicar essa questão, a historiadora os subdivide em “duas posições básicas”. A primeira envolve a “postulação de que o texto é uma ‘representação’ de seu autor, que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar [...]”. A outra posição é a do “[...] entendimento que o autor é uma ‘invenção’ do próprio texto, sendo uma sinceridade/subjetividade um produto da narrativa que elabora.” Segundo a autora, essas duas posições dicotômicas têm “sido apontadas como um falso paradoxo.” O que se conclui dessas duas colocações, e que cada vez mais são valorizados, é que “[...] o indivíduo não é nem ‘anterior’ ao texto, uma ‘essência’ refletida por um ‘objeto’ de sua vontade, nem ‘posterior’ ao texto, um efeito, uma invenção do discurso que constrói” (GOMES, 2004, p. 16).

É também nessa linha de pensamento que Cavaco escreve “A história de vida não está construída, pelo contrário, vai se construindo no decurso da narrativa biográfica, na medida em que o sujeito identifica e articula acontecimentos, atribui significados e despoleta um processo de apropriação da sua própria experiência” (2021, p. 9).

Nessa escrita, como normalmente ocorre com a memória dos idosos, que muito é criado e idealizado (BOSI, 2003). Lídia, nesses termos, torna-se a editora de sua própria história de vida e, apesar de deter-se em expor como as dificuldades eram constantes, reverte, seleciona ou ressignifica fatos e acontecimentos que lhe trazem uma brisa boa e um sorriso no rosto, além da saudade, pois “os bailes eram mais divertidos do que agora”, “todo mundo se ajudava e ninguém reclamava de nada”, “quando me lembro me dá água na boca”, “parecia um paraíso na terra”³².

³² Referindo-se aos rituais realizados na Polônia, nas celebrações da Páscoa.

Segundo Preti (1991, p. 57), as datas a que os idosos se reportam para falar do “nosso tempo” é o tempo da juventude, uns 50 a 60 anos antes. Também, segundo ele, o fato de Lídia lembrar de seu passado e descrevê-lo como melhor que hoje pode estar relacionado à sua “tendência psicológica defensiva do idoso”, o que, segundo o autor, acontece quando o idoso “protege” o passado, valoriza o “‘seu tempo’ (de sua juventude), recorrendo a ele constantemente na comparação com o presente”, em que “valorizar aqui implica necessariamente confronto entre valores antigos e atuais, superestimando os primeiros, o que não deixa de ser uma forma de autovalorizar-se: ‘No meu tempo era diferente’ deixa implícitas as ideias de que ‘era melhor’” (PRETI, 1991, p. 76). Para o autor, também, a retomada do passado e sua menção pode configurar-se enquanto uma análise do presente.

A imigrante deixa explícito para quem escreve sua autobiografia, o receptor de seu texto. No entanto, Artières escreve que

Sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não (nós mesmos, nossa família, nossos amigos ou ainda nossos colegas). Prática íntima, o arquivamento do eu muitas vezes tem uma função pública. Pois arquivar a própria vida é definitivamente uma maneira de publicar a própria vida, é escrever o livro da própria vida que sobreviverá ao tempo e à morte (1998, p. 30).

O autor supracitado também pontua sobre a importância das “escritas de si” ou do que ele chama de “práticas de arquivamento do eu” ao expor que, “Enquanto alguns poderiam crer que essa prática participa de um processo de sujeição, ela provoca na realidade um processo notável de subjetivação.” Fazendo analogia que o autor faz das escritas de Émile Nouguier³³ em seu texto, podemos dizer que Lídia também “constrói para si mesmo uma identidade a partir e em torno das representações que eram feitas” dela (ARTIÈRES, 1998, p. 30).

Lídia tem consciência do quanto é importante repassar essa história e, quase como um complemento dessa narrativa de vida, ela também dá importância a objetos que ajudam a perpetuar esse passado recente. Ela assume, assim como muitas mulheres ao longo da história, a função de “secretária da família” (PERROT, 1989), na lógica de que as mulheres foram e são muitas vezes expostas como guardiãs da história. É nesse sentido que, na página 110 do manuscrito, após explicar sobre o modo como produziam a erva-mate manualmente, usando o pilão e o facão, expõe que “nos até hoje temos o facão guardado para os nossos netos conieserem [...]”. Interessante, no entanto, que Lídia em muitos momentos de sua narrativa – a exemplo

³³ “apache acusado do assassinato coletivo de uma dona de cabaré, um mergulho nos papéis singulares de um indivíduo comum que foi instado por um médico a arquivar a sua vida durante o seu encarceramento no presídio Saint-Paul de Lyon” (ARTIÈRES, 1998, p. 13).

deste – coloca a narrativa no plural, de modo que não expõe apenas um “eu”, mas um “nós”.

Pode chamar a isso de “neutralização da primeira pessoa”, que ocorre na intenção de “exemplaridade de sua história”, de modo que entendemos Lídia querer estender sua história, seu caso pessoal, ao conjunto/grupo familiar que narra, o que, para Artières, é “traço comum dessas práticas: arquivar a própria vida é querer *testemunhar*.” (1998, p. 30). A partir de um detalhamento da análise, esse ato e a imagem que Lídia procura deixar registrada poderá ser percebida com mais clareza. Só é possível agora dizer que a autora procura demonstrar o quanto doou-se e auxiliou seus próximos, diga-se, a família. Essa inclusão do núcleo, por meio do “nós”, também resulta da importância que Lídia dá ao grupo, de seu sentimento de pertencimento.

Assim, segue-se no próximo capítulo com o aprofundamento e as discussões mais pontuais relativas a questões de gênero, percepção do fio condutor de sua história de vida, religiosidade, educação e valores que Lídia faz questão de transmitir.

4 AS MULHERES, A BIOGRAFIA E O CONTEXTO HISTÓRICO SOCIAL DE LÍDIA

Neste capítulo, apresenta-se a discussão acerca das escritas de si e sua importância para a história das mulheres. Em sequência, realiza-se a análise do relato autobiográfico de Lídia, com o olhar para as questões de gênero, pois é nítida a ênfase que Lídia dá a este aspecto em seu manuscrito. Essa discussão vai ao encontro dos subtítulos seguintes, que buscam realizar o desvendamento de fio condutor, expor acerca dos valores que pretende passar, bem como mostrar a importância da educação e da religião para Lídia.

4.1 Escrita de si: mulheres

Michelle Perrot, em 1989, em um de seus importantes artigos intitulado “Práticas da Memória Feminina”, trouxe à baila uma denúncia referente à exclusão enfrentada pelas mulheres francesas do espaço público. Essa interessante e pertinente problematização foi realizada na Revista Brasileira de História e trouxe também, como consequência e com intenção da autora, a demonstração da falta de informações sobre as mulheres, visto que o resgate histórico em fontes primárias encontrava grandes obstáculos, pois: 1º escrita por homens; 2º dando importância maior nesses registros a fatos públicos, cujo espaço era por eles ocupado – ou majoritariamente; 3º a escrita referindo-se às mulheres criava um estereótipo e reafirmava a dependência feminina, pois esses escritos concentravam-se em “problemas” e as caracterizava como “mulheres vociferantes, megeras a partir do momento em que abrem a boca, histéricas do momento em que gesticulam” (PERROT, 1989, p. 10).

Pensando nessas dificuldades e na ausência de escritos sobre essa categoria, ao iniciar-se uma empreitada de estudo com o tema “história das mulheres”, os pesquisadores deparavam-se com o problema central de carência ou de inexistência de materiais ou fontes de pesquisa. Conforme Soihet (2003), a alternativa viável encontrava-se na maioria das vezes em documentos particulares, como cartas, diários, autobiografias, relatos, ou em boletins policiais e jornalísticos. Segundo a autora, a escrita de si, mais precisamente a autobiografia, foi muito importante, pois “teria sido uma das primeiras formas de história das mulheres” (SOIHET, 2003, p. 34). A importância da biografia para as mulheres, não reside somente em termos de fontes, mas na afirmação de capacidade, representando, mesmo que implicitamente, prova de que “a capacidade feminina era idêntica à masculina: a de fazer a história, a de construir a civilização” (VARIKAS, 1997 apud SOIHET, 2003, p. 39).

Perrot afirma que os arquivos privados são fontes de informações pelo fato de elas se exprimirem “de forma bem mais abundante, e até mesmo, foram as produtoras desses arquivos, nos casos em que fizeram as vezes de secretárias da família” (1989). Segundo ela, durante muito tempo, a prática de escrita em diário era “recomendado às jovens solteiras pelos confessores e, mais tarde, pelos pedagogos, como uma forma de controle sobre si, constituem um refúgio de escritos de mulheres, domínio cuja imensidão tudo atesta” (PERROT, 1989, p. 11).

Nesse sentido, a escrita de si se torna instrumento significativo, ainda mais quando se trata de pesquisas com escritas de mulheres. Gillies também a esse respeito afirma que “restaram à história, então, os arquivos privados: cartas; fotografias; livros de registros da contabilidade dos dias, dos eventos mais importantes, da economia doméstica; memórias e diários, dos quais as mulheres foram produtoras e guardiãs” (2010, p. 41). Mc Laren, também nessa perspectiva, pontua que “As autobiografias de mulheres dão voz a saberes sujeitados porque as perspectivas e experiências femininas até então recentemente foram incluídas na história e na literatura” (2002 apud RAGO, 2018, p. 54).

Esses objetos mais íntimos começaram a ser usados como fontes legítimas para se problematizar e inseri-las nas discussões que se faziam. É interessante também pontuar que muitos obstáculos foram enfrentados para que essas fontes pudessem ser utilizadas. A primeira foi a questão epistemológica, em que, devido à valorização de materiais que priorizavam a razão, documentos e fontes em que as emoções e sentimentos estavam imbuídos – a exemplo das escritas de si – não eram considerados científicos. Outras questões referem-se às dificuldades com as próprias fontes. Para com os registros particulares, muitas intempéries também se dão no próprio processo de preservação. É possível, por exemplo, que, devido ao desconhecimento da importância de tais objetos “íntimos”, ocorra o descarte. Também com medo de retaliações, perseguições ou por vergonha de subverterem a ordem, muitas mulheres, ao longo da vida, descartavam materiais e registros³⁴.

A preservação ou não dessas fontes é história à parte e também se torna um problema a ser cogitado. No caso da imigrante polonesa aqui estudada, em relato oral³⁵, Lídia mencionou

³⁴ Segundo Perrot “essas destruições provêm dos acasos das sucessões e das mudanças, do gosto pelo segredo que cimenta a intriga familiar, mas também da indiferença dos descendentes constrangidos pelos legados incômodos de seus antecessores, indiferença agravada pelo caráter subalterno atribuído a esses escritos de mulheres” (PERROT, 1989, p. 12). A autora complementa dizendo que “esses arquivos sofrem constante destruição e, somente seus escombros – hoje preservados graças ao fato de seu interesse ter sido reconhecido – nos sugerem sua riqueza!” (PERROT, 1989, p. 12).

³⁵ Essa foi a única informação usada ao longo do texto, com o uso de fonte oral. O objetivo do trabalho é entender o fio condutor de sua vida, através de sua escrita, porém, percebemos muito importante essa informação, a título de exemplo, e por isso a inserimos.

que existiam outros registros familiares, com anotações, mas que, devido a um incêndio, essas memórias foram perdidas. Fala em específico que seu pai possuía um “caderninho”, onde informações muito importantes referentes à sua história eram registradas, pois, segundo ela, o pai teria servido o Exército Russo. Essa lembrança demonstra que, apesar do cuidado, acidentes como incêndios e outras formas de extravio também eram e são possíveis.

Assim, como em outros casos, os documentos perdidos pela família de Lídia seriam de grande valia para o resgate histórico, preenchendo lacunas. É possível também pontuar que possa ter ocorrido ao longo da vida da autora uma seleção – que é prática que normalmente se faz para “colocar as coisas em ordem” – o que pode ter apagado as fontes (GILLIES, 2010). Nesses termos, o ato de selecionar, de realizar uma limpeza nos armários, ocasionava muitas perdas à história. Trabalhar com essa categoria, portanto torna-se complexo, devido às dificuldades mencionadas.

No caso de Lídia, a manifestação de interesse em manter sua história de vida registrada propiciou a realização deste trabalho. Por meio das suas lembranças e documentos – fotos, cartas – ela rememorava sua trajetória, a ressignificava, tomava “consciência de si”, com a escrita e deixava seu registro – com o seu “poder de agir” (RICOEUR, 2010 apud CAVACO, 2021).

Lídia, sendo imigrante polonesa, nos faz ir ao encontro da dificuldade quando se refere às pesquisas para com esse grupo de imigrantes. Cita-se, nesse viés, o livro “História das Mulheres no Brasil”, organizado por Mary Del Priore, que congrega em seus vinte capítulos discussões muito provocativas envolvendo períodos e espaços diferentes em suas análises. No Capítulo “Mulheres do Sul”, escrito por Joana Maria Pedro, a autora faz análises importantes buscando explorar os vários perfis femininos em diversos períodos históricos, “mulheres oriundas de etnias e classes sociais várias” (PEDRO, 2006, p. 296). Ao longo do capítulo, a autora vai explorando estes perfis, abordando sobre cidades, estados e o modo como as diferenças culturais, econômicas e discursivas alteram as ações e as visões sobre a mulher. No que se refere à cultura polonesa, Pedro expõe acerca das mulheres que se estabeleceram na cidade de Curitiba, dizendo que,

Pertencentes a um grupo de imigrantes que chegou tardiamente à região e ocupou as áreas menos férteis, os poloneses, em especial as polonesas, ocuparam na área urbana serviços considerados subalternos, que em outras regiões do país eram executados por populações de origem africana (2006, p. 296).

Além do preconceito de gênero, percebe-se o quanto o grupo polonês enfrentou o

preconceito cultural em virtude de diversos fatores que já foram explorados em outros trabalhos já referenciados. A visibilidade desse preconceito já é exposta, por exemplo, na citação de Pedro (2006), pois, sem adentrarmos em análises mais detalhadas, a ocupação das terras mais íngremes e menos favoráveis ao plantio e cultivo de diversos produtos – em virtude de terem chegado ao Brasil tardiamente, se comparado com outros grupos – e a alternativa a trabalhos considerados inferiores – também em virtude da baixa escolaridade que a maioria dos emigrantes poloneses possuía –, já demonstra o “outro” da história. A realização de serviços subalternos em áreas urbanas também é característica desse preconceito e carece ser mais explorado em discussões futuras.

Dadas essas breves reflexões, aprofunda-se a análise, neste momento, realizando problematizações de seu relato com as relações de poder específicas de gênero.

4.2 Ser mulher no contexto cultural polônês de Lídia

Como fazer a relação entre todas essas questões referentes a segregação e invisibilidade das mulheres em vários espaços e lugares, com o documento autobiográfico de Lídia? Trata-se uma questão delicada, pois a autora está situada em um contexto histórico, social e cultural com várias dificuldades e especificidades. No entanto, o que é imprescindível pontuar neste ponto do trabalho é que as questões acerca da categoria “gênero” demonstram e reafirmam não uma falta cometida por Lídia, mas uma construção discursiva estrutural, em que a lógica patriarcal e a submissão da mulher ao homem era – e em muitos aspectos ainda é – natural.

Também, e como complemento, em virtude da debilitada condição enfrentada pela sociedade de contexto em que a autora está e estava inserida, com baixos índices de escolaridade (WENCZENOVICZ, 2002; MALIKOSKI; KREUTZ, 2016), acarretava (e acarreta) na falta de reflexão e consciência acerca dos diversos modos de violência impostos a essa categoria³⁶. Nesses termos, o objetivo não é julgar suas ações e interpretações, mas sim problematizar, trazer a debate.

³⁶ A educação não é a única questão que resulta na naturalização de aspectos ligados ao gênero pois, segundo Butler, “O gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural de ser” (2003 apud FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 57). Temos a dimensão, portanto, que envolve uma estrutura de discursos amplos e complexos que normatizam essas questões, tornam essência e que não se desnaturalizam com acesso escolar, pois as escolas são também instituições construtoras e reprodutoras dos discursos de saber-poder estudados por Foucault (1979). No entanto o ensino é a forma de acesso que possibilita ao indivíduo o acesso ao conhecimento e o desvendamento de diversas questões, dentre elas, as relações de poder envolvendo o gênero.

Gênero configura-se como “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e é o primeiro campo no qual o poder se articula” (GOMES et al., 2018 apud COSTA; BEZERRA, 2019).

No que se refere a essas relações dentro do próprio grupo em que Lídia estava inserida, muitas questões afloram em sua escrita. De início, é possível expor que fica aparente a dimensão do lugar do homem e da mulher no contexto em que a autora vivia e uma naturalização desses corpos na lógica patriarcal. Segundo Foucault, “[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições e obrigações [...]” (2004, p. 126). Assim, através de micropoderes que perpassam e que nos vigiam, esse aprisionamento fica mais evidente quando refletido.

Essas relações de poder são fluídas, dinâmicas e não se restringem a uma imposição de cima para baixo – como no poder de polícia ou Estado, por exemplo. O poder, para Foucault “[...] deve ser compreendido como prática ou como exercício, que só existe em sua concretude, efetuado em níveis variados em múltiplas direções no cotidiano [...]” (apud FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 53). No convívio entre homem e mulher, esse poder resulta de todo um passado de marcação de superioridade masculina e que reverbera nas diversas atividades cotidianas, impondo um regime de verdade, as disciplinando e as categorizando. Ainda, algo importante a ser exposto é que “o exercício do poder não é, em si mesmo, violência ou consentimento; pode ser sedutor, facilitador, indutor, de modo a guiar a possibilidade de conduta [...]” (TEDESCHI, 2012, p. 27). Para Foucault, seria um erro “qualificar e reduzir o poder essencialmente em seu aspecto repressivo”, pois este deve ser também analisado sob a lógica “produtiva do poder, expressa por meio de incitações, induções e imperativos, que através de práticas disciplinares objetivam corpos dóceis, úteis e produtivos, necessários ao bom funcionamento da economia” (FIRMINO; PORCHAT, 2017, p. 53).

São esses os fatores que percebemos refletidos no discurso de Lídia no que se refere a essas relações de poder entre homem e mulher, pois se percebem escritos, em perspectiva da autora, de maneira naturalizada – das atividades que Lídia relata como sendo papéis masculinos e femininos, dos modos de se comportar e agir.

Lídia, já no início da autobiografia, vai pontuando as relações e as atividades que eram realizadas por homens e por mulheres na sua terra natal, antes de migrar. Assim, expõe sobre algumas características sobre o que percebia ser do mundo masculino e do mundo feminino quando ainda morava na Polônia. Já nas primeiras páginas, Lídia pontua sobre atividades de subsistência. Nesse sentido, conta que, na Polônia,

[...] também plantavam bastante batatinia, eu lembro que o meu Pai lavrava com um animal e fazia rego de arado e minha Mãe jogava a batatinia uma por uma no rego e depois o meu Pai na segunda volta cobria as batatinia com o arado e quando vinia a colheita e a vezna coiza pasavam o arado e as mulheres so juntavam as batatinia nas bolsas e para conservar elas faziam um buraco bem fundo na terra despejavam e cobriam [...] (BRESOLIN, 2014, p. 4).

Percebe-se uma cooperação entre ambos para produção, colheita e conservação de batatas. As atividades que cada qual realizava pareciam estar delineadas para procederem sempre da mesma forma. Na página 5, Lídia continua escrevendo sobre as diferentes atividades realizadas:

[...] lá na Polônia as mulheres quase nem saiam para fora elas durante o inverno faziam o tecido de noite elas iam na casa de alguma amiga e levavam a maquina de fazer a linha que se chamava *covrotek* que era leve e que a gente podia levar onde seria e lá faziam serão e contavam as nedotas e ficavam ate meia noite ou mais lá as pessoas eram muito unidas [...] (BRESOLIN, 2014, p. 5).

Já os homens, segundo Lídia, “[...] maiavam o senteio ou o trigo de mangua no galpom era o chão batido no verão eles coliam e no inverno maivam porque no inverno eles tiniam mais tempo por causa de muito frio não podiam trabalhar [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 5). Expõe que possuíam animais como porco, vaca e galinha em sua propriedade e que o excedente de produtos era vendido na cidade, seu pai levava para comercializar. Percebemos, aqui, como sendo o pai de Lídia o provedor da família, que administrava as vendas de excedentes da propriedade.

Também a marcação de público e privado parece já estar sendo inserida por Lídia nesses trechos. Frasquete e Simili pontuam que

Como bem mostrou Perrot (2005), no final do século XIX, as concepções biologizantes e essencialistas pautadas na existência de diferenças entre homens e mulheres disseminam-se pelas esferas de poder e de controle sobre as pessoas. A constituição de espaços sexuais transforma o mundo o mundo público em masculino e o privado em feminino (2007).

Com relação ao ambiente de convivência na Polônia, Lídia detalha várias características da sociabilidade vivenciadas de modo que “[...] lá as pessoas viviam muito unidas [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 8). Para divertirem-se, “[...] os jovens nos Domingos se reuniam na casa de alguma amiga, dançavam e lá dançavam e cantavam e a gente assistia na janela do lado de fora [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 8). O motivo era porque “[...] as casas eram pequenas e não tinha lugar pra todos [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 8). As festas da igreja eram muito divertidas, “[...] por que tinha muitas moças e rapazes circulando naquele lugar era lá que *elas* escolhiam

as moças para namorar e também para casar [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 8, grifou-se). A escolha eram deles e os inícios de relacionamentos, que eram rodeados de mistério para as mulheres, também eram iniciativa dos homens. Assim,

[...] os rapazes convidavam aluem da família e ia direto na casa dela *sem ela saber de nada* e sempre a noite quando o rapaz vem alguém a noite na casa a moça já sabe que veio por enterece dela e se ele se engraço, ele sai e já marca o dia que vem outra vez se ele se entereçou já marcavam a data do casamento [...] (BRESOLIN, 2014, p. 8, grifou-se).

Segundo Araújo,

A união que associa amor, sexualidade e casamento é uma invenção da era burguesa [...] Em torno do novo ideal de conjugalidade instaurado criaram-se muitas expectativas e idealizações, entre elas a idéia de casamento como lugar de felicidade onde o amor e a sexualidade são fundamentais (2002).

O romantismo e a idealização perpassam os relatos de Lídia, quando se refere a essa cerimônia. Assim, no dia do casamento, “[...] os noivos vão de carrocinha para casar e o cavalo todo enfeitado com flores quando os noivos vem da igreja a noiva joga balas pro alto todo mundo se joga no chão para juntar as balas a festa dura 3 dias [...]” Lídia detalha mais uma informações dizendo que “[...]os noivos moravam com os pais porcue não tinha para onde ir ninguém vendia um pedasso de tera ³⁷[...]” (BRESOLIN, 2014, p. 9).

O privado passa a ser novamente abordando agora sobre a confecção de tecido e a costura de roupas, que relata como sendo atividades que as “[...] mulheres mais que se ocupavam de fazer [...]” ³⁸. Expõe que parece que havia certa disputa, pois “[...] cada uma cueria faser mais e aprenderam ate fazer as colxas muito bonitas [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 9) porém, sua mãe tinha certa dificuldade em fazer, assim, a “[...] maioria fazia as ropas de riscado muito bonita e toalhas de rosto brancas de linho [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 9). Essas toalhas foram trazidas ao Brasil, pois Lídia diz ter levado “umas de enxoval” quando do seu casamento.

Os hábitos culturais de afazeres femininos e masculinos eram ensinados desde a infância. Na cultura polonesa, a distinção de atividades a serem realizadas também está ligada ao gênero biológico das crianças, de modo que, em estudo realizado por Wenczenovicz, das famílias polonesas que haviam migrado ao Brasil, “As meninas acompanhavam as mães, principalmente

³⁷ Essa frase que Lídia menciona refere-se à já citada prática incomum de venda das terras que possuíam, visto que é referida como escassa, com áreas pequenas e ser fonte de subsistência das famílias.

³⁸ Segundo Wenczenovicz, “O processo de higienização, lavagem e preservação do vestuário familiar estava reservado ao universo feminino” (2021, p. 38). As atividades de costura mencionada por Lídia também se ligam ao enquadramento de atividades vistas socialmente como femininas.

nos afazeres que cabiam às mulheres camponesas: costurar, cozinhar, lavagem de roupas, limpeza da casa e arredores, bem como cultivar a horta e o pomar” (2021, p. 57). Assim, ocorre a distinção de papéis a partir das

[...] características concebidas como naturais do homem para a razão, para os negócios da política, enfim para a vida pública e, para a mulher, os sentimentos, a docilidade, a delicadeza entre outros adjetivos fez com que mundo privado da casa e tudo o que lhe dizia respeito, fosse transformado em seu ‘lugar no mundo’ (FRASQUETE; SIMILI, 2017).

Wenczenowicz pontua que o papel social e a atividade que realizariam na vida adulta eram introduzidos nas brincadeiras:

[...] Suas brincadeiras e brinquedos versavam sobre esta realidade: o cultivo da terra. [...] Foi assim, portanto, utilizando-se de elementos da natureza e adaptando-os, que a criança daquela época e daquelas origens elaborava seu mundo infantil. Esses brinquedos não eram figuras bonitas e, em alguns momentos, na verdade, eram até toscas, feitas por mãos de crianças e adultos, entretanto exerciam grande papel afetivo, favorecendo a interação criança/adulto e criança/objeto. Afinal, com a dramatização de cenas domésticas e agrícolas do dia-a-dia, sentimentos eram compreendidos e exteriorizados. [...] Atravessando a lavoura, cruzando áreas de pastagem, lá estavam as crianças, felizes e em liberdade, levando a sério suas brincadeiras de colher, cozinhar, plantar, domesticando e interagindo com bezerros, cães, gatos e outros animais (2021, p. 56).

No que se refere às festividades de seu “tempo de soltera” ou mocidade aqui no Brasil, Lídia registra informações sobre como se davam as relações nessas ocasiões:

[...] dai as moças que iam convidar os rapazes para dançar e não podia dar o carão³⁹ nem que fosse não gostava da guria mas uma pessa ele tinha que dançar e depois podia agradecer mas *se for do gosto dele* dai dançava duas pessos e pagava um guaraná e tomavam ali na sala mesmo nem mezinha não tinha e *se for do gosto dele* dai dançavam o resto do baile ate muntas vezes ja pedia em namoro como era no programa do Silvio Santos [...] (BRESOLIN, 2014, p. 36, grifou-se).

Pode-se deduzir que, de início, a escolha até poderia ser da mulher, mas, a decisão final – se continuaria a dançar ou não, ou se partia para algo mais sério – era masculina. Ela só “acata a decisão”. Essas questões de submissão estão ligadas aos discursos históricos construídos a partir dos séculos XVIII e XIX, em que a mulher passa a ser condicionada a ter atributos diferentes dos homens. Um dos autores que muito papel teve para a construção da feminilidade foi Jean-Jacques Rousseau. Assim, seguindo sua articulação, “[...] seria por conta do seu corpo, mais especificamente do seu sexo anatômico, que as mulheres teriam em sua

³⁹ “Dar carão” significa dispensar o/a pretendente.

essência a passividade, a submissão ao desejo do homem [...]” (VIEIRA; MOREIRA, 2020, p. 15). Essa construção perpassa os períodos históricos e assenta-se nas instâncias sutis da vida cotidiana, naturalizando-se. Era o corpo da mulher que explicava o seu lugar na sociedade (VIEIRA; MOREIRA, 2020, p. 15).

Além dessa construção discursiva de passividade e docilidade, a maternidade passa a ser construída como a principal essência da mulher. Assim, nesta lógica, quando Lídia expõe sobre as práticas cotidianas e de relacionamento aqui no Brasil, as principais informações que a autora registra referem-se à família e do modo como as atribuições das mulheres estavam envoltas nesse núcleo.

Os cuidados e as preocupações para com os filhos e parentes são uma constância. Wenczenovicz⁴⁰ refere que “[...] o trabalho da mulher [polonesa] ultrapassava os limites da casa e da educação dos filhos. Ela trabalhava na roça, no estábulo, no galinheiro e na horta” (2021, p. 36). Complementa, ainda, que, “Em sua maioria, essas mulheres tinham dupla e até tripla função. Eram mães, esposas, donas de casa, cuidavam dos pequenos e médios animais e cultivavam a terra” (WENCZENOVICZ, 2021, p. 55). Percebe-se, então, que as atividades que as mulheres exerciam ampliavam-se por toda a propriedade, da casa à roça e ao cuidado dos filhos e familiares.

Esse cuidado estende-se como a orientar e cuidar não só dos filhos, mas também dos adoentados da família. Guedes e Daros expõem que essa prática se estende até os dias atuais. Segundo elas, “[...] de qualquer lugar, desde que seja mulher, cuidar do membro da família que está adoecido e requer atenção constante ou ainda, cuidar de familiares para que atravessem uma fase de fragilidade a fim de preservar o direito à vida, torna-se prioritário sobre os próprios projetos”. Assim, “cuidar do outro torna-se o seu cotidiano” (2009, p. 124-125).

No discurso de Lídia, é possível perceber esta lógica. A ideia de cuidado se insere através de relatos como na página 52, onde Lídia diz que seu pai ficou doente “[...] e cuidei dele [...] e eu cuidei de todos [...]”. Lídia prossegue com esse discurso:

[...] minha Mãe ficou morando junto com meu irmão Nicolau ele era solteiro aquela época mas passo um tempo e minha Mãe ficou doente eu ia todos os dias e levava as minhas crianças junto e pozava lá mas não era fãcil fazer isso todos os dias ai resolvi e trouxe a minha Mãe mora junto comigo para cuidar melhor dela [...] (BRESOLIN, 2014, p. 56).

Na página 86 de seu relato autobiográfico, Lídia demonstra isso: “[...] eu paçei maioria

⁴⁰ Novamente com foco na cultura polonesa já emigrada.

do meu tempo muito ocupada trabalhei muito cuidei dos doentes cuidei do meu sogro e da minha sogra e do meu Pãe e da minha Mãe e do meu filho que faleceu com dezoito anos de idade e não axei difícil” (BRESOLIN, 2014, p. 86). Nesse sentido, percebe-se o cuidado inserido em vários trechos e este representado pelo “não axei difícil” como sendo algo suportável. Esse cuidar da família estava inserido na lógica patriarcal, pois “Os discursos médicos exaltavam a capacidade feminina para o sacrificio. [...] Aprofunda-se a ideia de que a mulher que se sacrifica retira desse sofrimento um importante quantum de prazer” (NUNES, 2000 apud VIEIRA; MOREIRA, 2020, p. 19). Além disso,

[...] o universo simbólico em que o gênero está condicionado pauta-se em uma tradição religiosa judaico-cristã milenar, na qual as mulheres são retratadas como sofredoras e predestinadas a uma vida de sofrimento e ressignificação (SILVA, 2010 apud MORAES, 2019, p. 252).

A percepção da mãe como protetora fica visível no documento de Lídia. Ela deve estar a par de todas as questões relacionadas aos filhos. É a mãe que conversa, que orienta, que pede se está tudo bem. Segundo Tedeschi, “A demarcação desse espaço do ‘materno’ como algo ‘inato’ à natureza feminina e, conseqüentemente, a devoção das mães aos filhos através dos conselhos, da educação, torna-se espaço de novas idéias, que delimitarão e criarão novas funções à mulher: a educação” (2012, p. 89). É deste modo que as teias e os discursos ficam mais arraigados na sociedade, naturalizando-se com completude.

As preocupações e os cuidados são inúmeros e eles aparecem naturalizados na escrita de si de Lídia. Na página 79, Lídia fornece sua visão de mãe a ser notificada de assuntos relacionados aos filhos. Passando por um momento de muita dificuldade devido à doença de seu filho Altair, e depois de saber que não fora avisada sobre a gravidade da situação, Lídia diz que “[...]eu acho que a Mãe e a primera pessoa que deve saber o que o filho tem eu cuidei dele mas se eu soubeçe me representa que eu ia cuidar muito mais assim representa que eu não cuidei o suficiente [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 79). Pelo fato de não ter conhecimento de certas coisas, Lídia apresenta um pitada de sentimento de culpa, porque julga que poderia ter feito mais, e são as construções discursivas que articulam e influenciam nesta sua forma de pensar e refletir, na sua subjetividade. Segundo Nelly Richard,

[...] o modo como cada sujeito concebe a pratica o seu gênero está mediado por todo um sistema de representações que articula o processo de subjetividade através das formas culturais. Os signos ‘homem’ e ‘mulher’ são construções discursivas que a linguagem da cultura projeta e inscreve na superfície anatômica dos corpos, disfarçando sua condição de signos atrás de uma falsa aparência de verdades naturais, a-históricas (2002 apud RAGO, 2018, p. 31).

Conforme expuseram Guedes e Daros (2009), os cuidados dispensados aos familiares em momentos difíceis, além da função materna, estavam acima de outras vontades ou aspirações. Para Lídia, algo que marca bastante é sua incessante vontade de estudar, porém, devido, principalmente, às atribuições femininas – ou ao que julgava ser sua atribuição –, isso foi lhe impossibilitado. As dificuldades são visíveis e foram agravadas pelo fato de Lídia ser mulher – apesar de menina ainda nesta época. O fato de não ter meio de transporte que a deslocasse para Erechim – cidade em que iria estudar – era um fator. Porém, Lídia pontua que “mas eu pençei e fiquei com pena da minha Mãe dexar elâ sozinia o meu Pãe não era muito católico ele bebia e tambem tinha sempre algum assunto desagradável” (BRESOLIN, 2014, p. 34), o que demonstra que ainda jovem também se sentia responsável pelo conforto da mãe.

Nessas reflexões, faz retornos temporais ao longo de sua escrita, expondo ora sobre a sua vida adulta, ora sobre a mocidade, etc. Em uma dessas reviravoltas, Lídia, ao abordar sobre os bailes que eram “mais divertidos que agora” e que sempre os familiares – o pai ou a mãe – a acompanhavam, nunca ia sozinha⁴¹, lembra sobre pretendentes e escreve que sua mãe gostou muito de um rapaz que ela dançou um dia (BRESOLIN, 2014, p. 40)⁴².

O desejo de realização de projetos e de sonhos também aparecem: aspirava a fazer coisas antes de casar. A pressão social por casar, no entanto, e o sentimento de fragilidade parecem influenciar no casamento, pois

[...] eu não tinha interesse de casa muito nova mas eu tinha muita sorte para os namorados que faziam o pedido de cazamento mas eu sempre disse que ia pença e sempre dava desculpa de que era nova e dava um tempo para rezolver as vevez eu tinha pena dos rapas dexar ele maguado e assim o tempo foi passando e fiquei mais velha ja tinha vinti e dois anos pençei se eu não caso *oque eu vou fazer eu não tenio Irmão e não tenho parentes so tenho um irmoão mais novo* e o meu Pãe começo de construir uma casa nova aime deu mais animode viver (BRESOLIN, 2014, p. 40, grifou-se).

Está visível a dependência dela em relação a uma figura masculina – parece-nos que com idade superior, visto que seu irmão era mais novo –, pois assim lhe passava mais segurança. A palavras têm história e a junção “casar nova” está relacionada ao período, ao contexto histórico que reflete. Sendo assim, aos vinte e dois anos, no contexto social de Lídia e pelo modo como escreve, a moça já estava em uma idade que deveria se preocupar caso ainda não

⁴¹ Quando começa a namorar, Lídia diz que não era mais seu pai ou mãe que a acompanhava, mas sim seu irmão.

⁴² Uma das formas de vigilância sobre as moças eram os acompanhamentos aos bailes e festividades. Já outro – e como complemento – era o cuidado com os pretendentes. Deveriam ser respeitosos e de boa índole.

estivesse namorando ou não tivesse pretendente(s)⁴³.

Após conhecer Fernando, seu futuro marido, escreve que

[...] dai foi um ano de namoro e ele falo que queria se noiva mas eu respondi *se ele tinha serteza que queria casa comigo ele disse que sim e que não ia demorar porque a Mãe dele era velha e o Pãe doente o Pãei dele sofria da azma passava a noite toda sentado no caderão de balanço que não podia deitar na cama porque faltava folgo ai passaram uns mezes um dia ele me disse se prepara se tudo vai bem dentro de dois ou tres mezes vamos cazar [...]* (BRESOLIN, 2014, p. 44).

As iniciativas e decisões novamente deveriam ser ativadas por eles, os homens. Percebemos essa naturalização em vários trechos do documento de Lídia. É notável também neste trecho a dimensão de estrutura familiar posta em cena, em que, através do casamento, a mulher se encarregaria de cuidar dos doentes no novo núcleo familiar, como uma função inata ou uma essência da mulher.

Assim, como o pedido de casamento, a preparação do enxoval de Lídia se deu às pressas. Ela expõe que, quando do pedido de casamento,

[...] nossa me deu uma surpresa eu ainda nem tinha começado de apronta o inxoval aquela epoca usavam de levar tudo bordado ai comesei de borda comesei pela cozinha compre o tesido azul claro e comesei de borda o jo completo uzavam no lugar dos quadro tres panos de parede bordados uma toalha de meza bordada e guardanapos bordados mas fico muito lindo e despois o jogo do quarto tudo bordado [...]

(BRESOLIN, 2014, p. 44-45).

Expõe também que, devido à sua dedicação, Lídia recebeu muitos elogios, pois “[...] logo que souberam que nos ia cazar veio a sobrinha do meu noivo ieu comesei de mostrar o que ja tinha bordado ela fico muito admirada como que eu podia ter feito tudo isso em tão pouco tempo” (BRESOLIN, 2014, p. 45). O casamento era, assim, um acontecimento natural, dentro do contexto de Lídia, porém muito especial e rodeado de expectativas.

Com relação ao enxoval, Perrot, em suas frases artísticas e impactantes, afirma que ele se configura com uma simbologia passada de gerações. Assim, expõe que, “o enxoval”, cuidadosamente preparado nos meios populares, sobretudo rurais, é “uma longa história entre mãe e filha. A confecção do enxoval é um legado de saberes e segredos, do corpo e do coração, longamente destilados” (PERROT, 1989, p. 14). Apesar de não mencionar a mãe como a responsável por auxiliar nessa confecção, Lídia se insere nesse contexto em que o aprendizado perpassa é de que “é necessário fazer o enxoval”. Referindo-se à cultura polonesa,

⁴³ Qual seria então a idade ideal para casar? Possivelmente, realizando uma conjectura devido ao contexto, seria em torno dos dezessete aos vinte e três anos de idade.

Wenczenowicz diz que

A máquina de costura manual fazia parte do conjunto de objetos denominado ‘enxoval’, composto de peças de vestuário de uso pessoal e de cama, louças (chaleira, copos, panelas, pratos e outros) e até objetos de artesanato para decorar o ambiente doméstico. Esse acessório era dado à noiva em troca da dedicação laboral na casa de onde procedia, ou seja, era resultado de seu esforço junto aos trabalhos desenvolvidos na propriedade rural. Compunham este cenário, também, os pequenos animais. Era comum entre os poloneses presentear os noivos com aves, suínos e bovinos, especialmente vacas, pois esta garantiria o sustento (leite) da nova vida que viria em breve e, em alguns casos, que já estava a caminho (WENCZENOWICZ, 2021, p. 62).

Um dos assuntos que percebemos no relato de Lídia como inexistentes – considerados silenciamentos – refere-se ao tema da política. Este fator é característico das diferenciações de gênero, de assuntos considerados femininos ou masculinos. Wenczenowicz expõe que

Os homens falavam sobre assuntos diversos, desde política até o que plantariam em suas propriedades territoriais – *ziemia*. Já as mulheres tinham a responsabilidade de cuidar da prole. Raramente, elas dividiam espaços de conversa com a ala masculina. Suas preocupações até poderiam ser as mesmas, entretanto não lhes era legado tal direito. Também cabia à mulher a higiene e os cuidados com a saúde das crianças (2021, p. 51).

Assim, justifica-se a inexistência de determinados assuntos na autobiografia de Lídia, visto que não era hábito discutir esses temas no ambiente feminino. Outro assunto inexistente é o financeiro. Essa falta também sinaliza que as mulheres possivelmente não participavam da gerência dos negócios. Inclusive, atualmente, no contexto cultural do grupo ora analisado, muitas são as famílias em que a mulher ainda não participa ativamente das negociações ou administrações pecuniárias⁴⁴. Assim, de forma naturalizada, prossegue a divisão entre público e privado, assuntos que são convenientes às mulheres e assuntos desagradáveis e/ou proibidos e resultam nas suas ações, conversas e escritos.

Lídia não transparece em seus discursos a falta de liberdade enfrentada pelas mulheres, pelo menos explicitamente. Porém, expõe sobre a dependência masculina, inserindo-a em vários trechos de sua autobiografia – o que de maneira direta reflete sobre o poder de escolha da mulher e em sua liberdade como um todo. Lídia expõe esta dependência, mas não de maneira acusativa, ou seja, não se percebe que Lídia tenha a dimensão de estar dependente de uma figura masculina, de forma que está naturalizado necessitar de um homem para sentir-se mais segura e/ou “inclusa” na sociedade.

⁴⁴ Pela experiência da própria autora desta dissertação, esta afirmação parte da convivência com pessoas deste grupo cultural – principalmente nas áreas rurais, onde o baixo índice de escolaridade é visível – se percebe a falta de participação e de tomada de decisões em muitos aspectos decisórios, principalmente o financeiro.

A partir dessas explanações, é possível também refletirmos sobre a consciência da autora das obrigações que advinham com o casamento, pois expõe, de maneira presumível, que, se casasse nova, não poderia estudar. É possível também cogitarmos que essa conclusão se dá após o transcurso dos acontecimentos. Ter vivido uma vida e refletir sobre ela posteriormente para relatá-la ou escrevê-la nos coloca em situações conflitantes e às vezes com a sensação de que já sabíamos o que faríamos e o porquê de não querer fazer algo a fim de evitar as consequências.

Com relação às possibilidades e direitos das mulheres narrados por Lídia, pode-se dizer que, no contexto histórico, há muito a ser percorrido para que as mulheres se incluam e sejam respeitadas. Houve um certo progresso de inclusão, porém, o processo é lento, e é somente por meio de imposições e contestações de discursos que os pensamentos e ações de inferiorização, de qualquer tipo, são gradualmente combatidos. No caso explorado, a baixa escolaridade do grupo não possibilita(va) esse avanço além da própria estrutura patriarcal naturalizada socialmente. Como expusemos, foi por meio de discursos na era burguesa que se foi criando a mulher que os homens aspiravam. Assim, Viera e Moreira escrevem que

Segundo Kehl (2008), os homens foram os produtores desses discursos, e, à época, não foi possível às mulheres tomarem consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens médicos e filósofos responsáveis pelas formações ideológicas modernas (2020, p. 20).

Como essas mulheres, Lídia e muitas outras também não conseguem romper e tomar consciência acerca dessas relações de poder, pois se naturalizam, instauram-se de maneira sorrateira e eficiente, sem dar margem de libertação. A deficiência do sistema escolar público e de outras instituições são a causa principal, pois, ao invés de libertar, prendem ainda mais.

Faz-se interessante pontuar que ocorreram avanços científicos para rompimento dessas barreiras e a psicanálise teve papel preponderante para o desvendamento de discursos machistas, misóginos e sexistas que criavam um padrão de feminilidade em que as mulheres deveriam se encaixar. O que ocorre na prática é que

O saber psicanalítico contrapõe-se a essa perspectiva no momento em que Freud teoriza sobre o tornar-se mulher e ao propor novos conceitos fundamentais, como o de inconsciente, pulsão sexual entre outros, o que permitiu que escutássemos cada sujeito, cada mulher a partir do seu desejo e não a partir de uma norma criada pela cultura (VIEIRA; MOREIRA, 2020, p. 20).

Embora distantes da maioria da sociedade que vivia à margem e sem condições de acesso à educação e a outros direitos humanos, o movimento de resistência foi ganhando mais

força contra essas formas de opressão, principalmente por meio da luta por direitos igualitários pelo movimento feminista. Assim diz Tedeschi:

A crítica do estatuto marginal em que a abordagem histórica tinha confinado as mulheres e a consciência que a história de mulheres se desenhava, sobretudo, na ausência e no silêncio que as envolvia, levou o movimento feminista desde a década de 1960 a lutar pela necessidade de visibilizar as mulheres e o seu protagonismo na história. O silêncio e a ausência teriam de ser rompidos através da militância do movimento feminista, buscando visibilizar o protagonismo e a sua marca, apagada pela cultura androcêntrica no decurso dos acontecimentos históricos (2012, p. 33).

Percebe-se que as novas discussões foram essenciais para problematizar questões normatizadas. O estudo sobre o público e o privado foi também fundamental para a intensificação de discussões e reflexões com categorias antes subjugadas. Assim, a partir desses encontros, pesquisas, movimentos, conferências, debates e lutas, foi dando-se gradativamente abertura e ocorrendo a conquista de direitos às mulheres, que reverberam em várias searas da vida, e que antes lhe eram negados. O direito ao voto é uma das importantes conquistas que emanou das lutas, e mulher passou a ter direito, embora tardiamente, no Brasil, a partir de 1934.

No entanto, apesar dos avanços e das conquistas, em muitos aspectos a mulher encontra-se à margem, sofrendo várias formas de violências, no interior dos lares brasileiros – dentre as mais graves e revoltantes é o feminicídio⁴⁵. Nesses termos, os espaços para discussões, pesquisas e problematizações devem ser ampliados para que a sociedade seja mais justa, inclusiva e igualitária, em todos os sentidos.

4.3 “Resolvi contar um pouco da minha vida para meu[s] filhos e netos saber um pouco do meu passado”: maneira que Lídia usa para relatar sua História de Vida – qual o fio condutor da sua narrativa autobiográfica?

Existem muitas possibilidades de realização de uma autobiografia. Pode ser com ênfase em alguns aspectos ou seguindo uma linha cronológica de modo a tentar percorrer toda uma trajetória, ou dando foco apenas em questões que interessam ao biógrafo. Essas questões estão, portanto, ligadas à individualidade de cada um e/ou intenções – conscientes ou inconscientes – do escritor. Dentre os vários tipos, Lídia adotou um estilo de escrita que, embora à primeira vista pareça ser linear, é fragmentado, e a maior parte do conteúdo que expõe é dedicada ao

⁴⁵ Segundo Margarites, Meneghel e Ceccon, “feminicídio é considerado o assassinato de uma mulher cometido por razões da condição de sexo feminino, isto é, quando o crime envolve violência doméstica e familiar e/ou menosprezo ou discriminação à condição de mulher” (2017, p. 226).

registro do cotidiano, com as questões de subsistência, convívio, viagem, festividades, clima etc. Para Cavaco, “Definir o estilo de escrita que deseja adotar e, em simultâneo (sic), o conteúdo da narrativa são dimensões exigentes do ponto de vista cognitivo, emocional e existencial” (2021, p. 8).

Percebe-se uma via de mão dupla, pois “o auto-relato pode ser tomado como um *locus* privilegiado entre a vida íntima do indivíduo e sua inscrição numa história social e cultural” (CARVALHO, 2003, p. 284). Bourdieu expõe que “[...] as interpretações ‘remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais)’ se encontram ‘inscritas nas práticas específicas que as produzem” (1996 apud CLASEN DE PAULA, 2008, p. 22).

A ênfase de Lídia em determinados assuntos foi dada e está relacionada ao aspecto privado, pois é a família que mais transita em sua escrita. Percebe a valorização do núcleo que, para Lídia, tem importância significativa, tanto pelo fato de escrever letras maiúsculas quando os menciona, quanto pelo número de vezes em que existe menção aos membros da família. A partir da reflexão crítica acerca das relações de poder referentes ao gênero e, em conjunto da análise que segue, percebeu-se que um vai ao encontro do outro visto que, por meio dos vários discursos, se criava um modelo de mulher cuja principal essência era a maternidade. Nesses moldes, não é de se estranhar o fato de Lídia tecer sua história de vida tendo por base os familiares e as questões da vida privada, envolvendo atividades cotidianas.

Marcada essa constatação e, antes de descrever o modo como Lídia insere a família em sua escrita, é necessário tentar entender – levando em consideração a memória – o porquê de Lídia ter inserido a família como norteadora de sua escrita. Gillies expõe que essa inclusão “[...] advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo, o objeto das recordações dos indivíduos e o espaço em que essas recordações podem ser avivadas [...]”. (2010, p. 80). O fato de Lídia evocar a família enquanto painel de fundo está relacionado ao “[...] caráter coletivo, social, familiar das memórias” (2010, p. 79).

Também, e neste sentido, para Lídia, pelo que pudemos interpretar, era importante – estando acima de outras questões inclusive – ser uma boa filha, uma boa mãe, uma boa nora, uma boa esposa e avó, mesmo que isso se sobrepusesse aos seus próprios interesses e lhe impossibilitasse realizar aquilo a que aspirava. Nessa lógica, algo muito marcante é o entrelaçamento de valores, acontecimentos, aspirações, arrependimentos de não ter “se dado mais” para os familiares. Lídia menciona em seu escrito inúmeras vezes acontecimentos nos quais a família está incluída e, em algumas partes, principalmente a partir da metade de seu relato

para o fim, ela passa a discorrer em várias páginas sequencialmente sobre os membros. Constatamos que existe um aprofundamento da inclusão e descrição do núcleo familiar, gradativo.

Mas, mesmo ao iniciar a leitura do seu relato autobiográfico, muitas questões podem ser levantadas e percebidas referente ao que Lídia identifica como família. A marcação em letra maiúscula, como exposto, denota respeito, acima de tudo. Quem aparece neste momento é sua família nuclear e moderna, composta por Teodora, sua mãe, Filimon, seu pai, e Nicolau, seu irmão⁴⁶.

É em meio a exposição do clima gélido polonês que a família é avivada e exposta no relato. Quando fala dos invernos rigorosos da Polônia, expõe momentos de alegria – montando bonecos de gelo; tristeza e dificuldade – quando precisavam aguardar no interior da casa para que os vizinhos pudessem retirar a neve que impedia a porta da casa abrir; e aflição – quando seu irmão Nicolau quase se afoga em um buraco, no gelo em que patinavam. Sobre o último acontecimento, Lídia refere que sua mãe se assustou muito com o episódio e como decorreu o salvamento do irmão (BRESOLIN, 2014, p. 2). O fato de escrever sobre esse episódio a fez, possivelmente, lembrar e registrar sobre outro irmão seu que, infelizmente, faleceu. O nome dele era Jaçia e foi em virtude de um resfriado que o fato ocorreu. E também Lídia enfatiza ter sido muito doloroso para sua mãe (BRESOLIN, 2014, p. 2).

Assim como já exposto, Lídia aborda sobre a economia de subsistência que vivenciavam na Polônia, de modo que o pequeno excedente era vendido. As vendas na cidade eram feitas de carroça, em dias nos quais o pai gostava que Lídia o acompanhasse. Sobre o plantio dos alimentos que consumiam, aborda que a família se auxiliava neste processo, avivando algumas que lhe causam “água na boca” ao relembrar, que são dos enormes tomates e “umas enorme cabeça de repolho pepino” (BRESOLIN, 2014, p. 6) que sua mãe colhia.

Assim, nessa retrospectiva, aborda sobre a casa que habitavam, expondo que viviam com “[...] a nona que era Mãe da minha Mãe e uma irmãe da minha Mãe [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 12). Nesse momento, a família extensa é mencionada, pois seu lar de criança é avivado – espaço – e, como consequência, os indivíduos que dividiam o ambiente. Sua avó passa a ser lembrada com constância, pelo fato de falecer antes de migrarem, o que resultou no

⁴⁶ Além das questões já expostas acerca das correlações entre o si e o outro e o espaço/tempo, existe uma outra questão a ser observada, neste trecho em específico. Para que possa expor sobre este pequeno período, a autora não encontra alternativas – e não as procura – de escrever sua infância sem mencionar o núcleo. É no grupo familiar que a criança interage, aprende de modo que, ao fazer uma retrospectiva do passado, faz-se essencial inseri-los, principalmente neste início. Trata-se de como vimos na referência familiar a reconstrução do passado (GILLIES, 2010).

sentimento de luto por sua mãe. A tia, e também madrinha de Lídia, que residia na mesma casa, se chamava Melania. Sobre ela, expõe que ficou morando no mesmo endereço, na Polônia, e que um laço permanece após migração, pois mantinham contato por meio de cartas, que eram escritas em russo. Não menciona a frequência das cartas, mas Lídia lembra que Melania “[...] escreveu que tinha casado e que nasceu uma menina que é minha subrinha e mando as fotos⁴⁷ [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 12). Sendo escritas em russo, só eram lidas e respondidas pelo pai, Filimon, que conhecia a língua e, após o falecimento deste, a comunicação é interrompida. Lídia até expõe que tentou enviar cartas para o endereço, possivelmente em polonês, porém, não obteve retorno.

Na página 17, Lídia também retrata a família paterna, quando aborda sobre o local que seu pai residia antes de se casar com sua mãe. Lembra que seu pai morava em Matiassi (não encontrada a localização), que, segundo ela, não ficava muito longe do endereço deles. Também pontua que, antes de migrarem ao Brasil “[...] eu me lembro que eu foi lá eles ainda moravam no mesmo lugar o Irmão do Pai que ficou morando junto com os nonos [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 17).

Após expor sobre os tempos vividos na terra natal – rememorando amigas e familiares – Lídia escreve que “quando me lembro me da uma saudade”, referindo-se a esse período e às pessoas que transitam em sua memória. E, assim, nessa narrativa, faz quebras temporais, fazendo uma reflexão da vida, dizendo que poderia ter feito coisas diferentes, passando a lamentar-se. Justifica, como fator preponderante, a falta de tempo, que resultou do cuidado dispensado aos familiares e adoentados, passando a descrever esses fatos. Ou seja, a (re)construção da identidade é saltante, e Lídia, de certa forma justifica, mais a si mesma do que aos demais, o porquê não teve tempo de fazer certas coisas que gostaria de ter feito. É nesses momentos que percebemos que a instauração “do campo de renegociação e reinvenção identitária” (CARVALHO, 2003, p. 284) acontece⁴⁸. É importante destacar também que Lídia, não tendo a dimensão das teias sociais que a prendem, busca justificar-se e consolar-se. Nessa justificativa, Lídia rememora sobre o filho – Altair – e todo o cuidado e dificuldades enfrentadas com ele (BRESOLIN, 2014, p. 13-14), mas sem se delongar, pois, estando no início da sua autobiografia, tenta retomar a escrita, na intenção de escrever os acontecimentos no tempo que decorreram, de maneira linear. Este fator é visível, pois recomeça a escrever novamente sobre

⁴⁷ Na verdade, era uma prima, pois filha de sua tia. Lídia guardava a foto e cedeu a cópia que está exposta no Anexo 2.

⁴⁸ Segundo Carvalho, “A biografia, ao tomar-se discurso narrado pelo sujeito autor e protagonista, instaura sempre um campo de renegociação e reinvenção identitária.” (2003, p. 284).

a Polônia, mais especificamente sobre as cartas do tio de sua mãe, Mekita.

Nessa descrição, a partir desse ponto, Lídia vai relacionando o processo de transição da Polônia ao Brasil, expondo as suas impressões e a de seus pais, de modo que pontua como eles estavam se colocando sob os acontecimentos, o que falavam, o que expressavam, como agiam etc. (BRESOLIN, 2014, p. 14-26)⁴⁹. Exemplos: quando da chegada ao Porto, Lídia retrata o costume que as pessoas tinham de tomar chimarrão – que quando da chegada era inexplicável, pois nunca viram -, colocando a opinião do pai acerca daquele hábito: “meu Pai disse que deve ser algum chá que eles estão tomando”; a decepção do pai quando foi ver a terra, após a chegada à Santa Rosa, expondo o que disse o pai e sobre a decisão de reemigrar⁵⁰.

Relata, assim, sobre o trajeto que realizam, dando informações sobre os transportes utilizados, e sobre como seu pai foi agindo para poderem chegar ao novo destino (BRESOLIN, 2014, p. 26-29). Continua pontuando, agora sobre os momentos de estabelecimento, do novo ambiente, e de como sua mãe era afetada, não conseguia se acostumar no Brasil, pois chorava muito, de saudades da terra natal e de todos que lá ficaram (BRESOLIN, 2014, p. 30)⁵¹.

O recomeço era exposto e assim marcado, e novamente, assim como na Polônia, ia com seu pai vender os animais excedentes de produto na cidade (BRESOLIN, 2014, p. 30). Sobre essa venda, Lídia escreve que “[...] eu me lembro que foi de carossa com o meu Pãe para Erexim vender as galinhas naquela época se chamava Boavista [...] eu me lembro que foi três vezes de carossa para Erexim [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 30)⁵².

Ao mencionar sobre a catequese e o acontecimento na Igreja – quando foi proibida de frequentá-la por ser “russa”⁵³ – marca que contou isso aos seus pais e eles ficaram muito chateados – principalmente Filimon. Nessa passagem, após Lídia contar o fato, Filimon diz que é por isso que ele não vai mais à Igreja, pois só tem Deus para os polacos⁵⁴.

⁴⁹ Neste momento, a sequência de páginas indica menções aos familiares, não uma descrição contínua destes.

⁵⁰ Segundo seu relato, “[...] meu Pãe foi ver e escolher a sua terra mas escolher o que era so tacurassu não tinha um palmo de terra limpa [...] e quando meu Pai voltou ele disse o que nos vamos fazer aqui não tem nada tinha que primeiro roça a água e começa a arma uma baraca e ele sozinho nos era pequenos há ele disse para minha Mãe vamos lá onde mora o teu tio [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 26).

⁵¹ Essa informação nos faz lembrar a importância das autobiografias e das cartas como fontes privilegiadas para estudar a migração “por dentro”, a partir dos sujeitos que migram, suas experiências, impressões.

⁵² Também percebemos continuidades com relação às atividades desenvolvidas nos dois países, nesse acompanhar o pai.

⁵³ Por meio da polarização advinda com a irrupção da Segunda Guerra Mundial, o “perigo vermelho” era muito temido e as pessoas que de alguma forma foram associadas a ele eram discriminadas. Nesta passagem da narrativa, Lídia expõe que teve que parar de frequentar a catequese por acusação de ser russa.

⁵⁴ Essa resposta do pai de Lídia nos faz refletir sobre a nacionalidade dele. Apesar de não ser nosso objetivo, faz-se interessante pontuar que, pelas questões apontadas – ter servido o Exército russo e saber ler e escrever a língua, além da frase acima explanada –, possivelmente Filimon tenha nacionalidade russa. No entanto, devido ao histórico de dominação externa da Polônia e a germanização que as potências dominantes buscavam realizar, não nos é possível responder com assertividade a essa indagação, carecendo, assim, de pesquisas futuras.

Segue seu relato expondo acontecimentos tristes, como, por exemplo, o falecimento do seu pai, relacionando com a idade de seus filhos quando do ocorrido (BRESOLIN, 2014, p. 34)⁵⁵. Então, nessa tentativa de articular os acontecimentos, mas com grandes dificuldades, Lídia fala sobre o seu tempo de solteira. A costura era a atividade que lhe possibilitava amenizar as dificuldades financeiras vivenciadas, pois costurava sob encomenda. Escreve novamente sobre a máquina de costura, objeto trazido da Polônia por sua mãe, mencionando ser com essa máquina que costurava. Justifica que com essa atividade podia ir bem vestida nos bailes, em razão do dinheiro advindo das vendas dessas peças.

Na mocidade, expõe que realizava colheita de uva na casa de seu futuro marido – Fernando. Detalha como se davam as colheitas, informando que ia com sua mãe, por meio de um pique, pois o trajeto que realizavam era mais curto. Nessas menções, ao expor sobre Fernando, recorda sobre a casa nova que seu pai Filimon constrói, confessando sentir vergonha dos pretendentes quando estes a acompanhavam após os bailes até sua casa. Este era o costume, realizarem o acompanhamento da moça quando dançassem o baile todo. Assim, ao mencionar sobre a casa nova, recorda-se inclusive que Fernando ajudou a família a carregar um móvel para quando este veio fazer o pedido, para auxiliarem na colheita da uva. Vários são os pensamentos, indagações e construções que Lídia vai fazendo, internamente, ao mesmo tempo em que as expõem em seu relato. Por exemplo, diz que não imaginava que ele seria seu futuro marido, mas que percebia que tinha “algo no ar”, pois sua percepção é que ele já planejava casar-se com ela.

Nessa descrição, inserindo muitas informações, Lídia passa a discorrer sobre o namoro com Fernando, das visitas dele à casa dela e sobre o portão pesado que ele precisava abrir para adentrar a sua casa. Menciona que, no começo, era o namorado que abria o portão, mas, depois, ele passou a pedir para que Nicolau abrisse, dando assim a ele umas moedas. Fala que sentia muita dó de seu irmão, pois na calada da noite e, mesmo com frio e/ou chuva, precisava levantar da cama para abrir o portão para o cunhado. Esse sentimento mistura-se com o momento posterior⁵⁶ da idade adulta, quando Nicolau, estando em uma condição difícil – devido ao uso excessivo de bebida alcoólica –, necessitava de muito auxílio dos familiares, ao que Lídia não se abnegava em realizar e demonstrar (BRESOLIN, 2014, p. 35).

⁵⁵ Percebemos nesses trechos que Lídia usa marcadores temporais para se lembrar dos acontecimentos. Por exemplo: “[...] quando meu Pãe faleceu a Greuza tinha dose anos e o Valdir era mais velio e o meu Pãe faleceu eu já era cazada [...]”.

⁵⁶ “Temos frequentemente repetido: a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente” (HALBWACHS, 1990, p. 71-72).

Quando do casamento, discorre sobre os preparativos e a festividade, mencionando a emoção do seu pai com a união, pois “eu nunca vi o meu Pão xora e no dia do meu casamento ele vinha na sala e dava uma espiadinha e voltava chorando” (BRESOLIN, 2014, p. 37-38). Esse fato demonstra a importância do casamento, como sendo um marco importante para a família.

Descrita a festividade, Lídia passa a falar novamente sobre seu marido e sobre os sogros, que passam a ser a nova família (BRESOLIN, 2014, p. 41-45). Percebe-se que Lídia tenta demonstrar muito amor nessa união, com a demonstração dos laços criados, regados a bom vinho. Continua sua história de vida relembrando sobre este ambiente e o seu novo círculo de convivência. Os elogios à sogra são narrados, expondo que ela era simpática, trabalhadora e querida. Através das conversas que mantinham, menciona que lhe contaram que eles também começaram “do zero”. No entanto, quando Lídia se casou, eles já estavam “muito bem de vida” (BRESOLIN, 2014, p. 46).

A abordagem sobre o vinho – feito da uva – e sobre a graspa⁵⁷ – feita da casca da uva lhe faz recordar sobre um fato ocorrido com seu irmão, na mocidade, quando este ainda não tinha feito nenhum “porre”. Disse que fizeram “sacanagem”, embebedando ele com vinho (BRESOLIN, 2014, p. 47-50). Esse fato ocorreu antes de namorar Fernando, e inclusive esclarece que ele foi o “professor” da sacanagem. Ao mencionar sobre o irmão, novamente, emprega palavras que denotam tristeza, devido à sua condição, escrevendo em sequência que sentia muito por ele, e que o ajudava em muitos momentos, da forma que podia, quando este já não dava mais conta nem de cuidar de si. Esclarece que ele permanecia (à época dos escritos) morando na casa no interior, desde quando chegaram ao Brasil, construindo também uma casa na cidade. Porém, em uma dada altura da vida, quando já fazia uso de bebida em excesso, vendeu as tábuas da casa que residia por uma quantia insignificante e Lídia demonstra indignação. Nesses trechos, a humanidade transparece em sua escrita, pois, além dos conselhos que dava a ele – que pareciam não surtir efeitos –, Lídia demonstrava auxiliar o irmão, de maneira incansável.

A partir da página 50, Lídia retoma alguns fragmentos de memória (GILLIES, 2010) ao falar sobre o dia em que ela e Fernando foram “dar os nomes” para casar na Igreja. Também fala da necessidade de se batizar mais uma vez no Brasil, pois na Polônia já havia se batizado, porém não era validado pela Igreja local. Nessa mesma página, relaciona com histórias que sua

⁵⁷ Bebida artesanal produzida com a fermentação da casca de uvas.

sogra lhe contava, descrevendo-as para depois fazer relação com a sua própria trajetória, relatando momentos vivenciados com a mãe – ida à Romaria – e cuidados dispensados aos familiares, além de outras questões referentes aos familiares.

A partir da página 59, o que passa a ser narrado por Lídia é sua preocupação e seu empenho dispensados aos filhos no que se refere aos estudos – descrição mais detalhada no item seguinte desta dissertação. Segue descrevendo sobre essas questões – não exclusivamente – até a página 71, para posteriormente expor sobre o casamento dos filhos. Relata que “[...] dentro de tres mezes cazaram os dois filhos meus a Greuza e Valdir [...]” “[...] as festas eram grandes foi a maior felicidade da minia vida [...]”. Marca também “[...] uma tristeza no mezmoo tempo a perda do meu filho Altair [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 72). Com relação a este filho, Lídia escreve que “[...] faleceu com dezoito anos de idade que tinha sido operado tres vezes ele estudava em Erexim trabalhava e parava numa pençõa [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 72). Segue assim, até a página 81, retratando os acontecimentos envolvendo a família e relatando detalhadamente sobre a doença do filho Altair e sobre sua morte. De maneira marcante, Lídia pontua que

[...] eu achava que não ia mais consegui de viver não podia ovir a muzica se alguém ligava o radio eu começava de chora eu ia no simiterio muito segido mas um dia minha filha me disse Mãe mas eu axo que talvez nem ele não se sente bem e tambem a Mãe tem mais filhos ai eu começei a pençar que era mesmo a verdade [...] (BRESOLIN, 2014, p. 81).

Em sequência, retorna a falar mais uma vez sobre seu irmão “que a familia abandono e ele mora sozinho porque ele gosta de tomar uns traginhos”, dando mais detalhes sobre alguns problemas familiares. Marca que “[...] tem mais coiza para contar mas melhor dexar por ai [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 82). No entanto, prossegue relatando acontecimentos com Nicolau, sobre as visitas que fazia a ele e como o auxiliava. Escreve que os “[...] meus filhos vou muito poco ver ele cada um tem sua família [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 85).

Relembra com muita dor sobre os problemas de saúde de seu marido e de como ele recuperou-se e conseguiram realizar a cerimônia de Bodas de Casamento. Apesar dos obstáculos, Lídia conta que “Entramos na Ingreja de mão dada a Ingreja toda enfeitada muito lindo e começo a serenata [...]”⁵⁸ (BRESOLIN, 2014, p. 88). Escreve assim sobre a festa e posteriormente sobre o acidente envolvendo os cunhados e sobrinhos que vinham de Porto

⁵⁸ Lídia apenas insere em sua narrativa a data em que se casa: 9/06/1951. Desse modo, completaram 50 anos de casados em 09/06/2001.

União. O caso só foi contado a eles no final da festa, para que assim pudessem aproveitar e festejar o momento.

Nesses trechos, Lídia quando se refere ao seu marido Fernando, o chama de Nono e assim se justifica “nos chamava assim”. Nas páginas 92 e 93, Lídia pontua novamente sobre sua infância e mocidade, fazendo balanços sobre o tempo vivido, ponderações, construções e análises. Nessas idas e vindas, pontua também sobre notícias que recebia, tais como, após sua filha ir morar para o Paraná e lá ter casado com o “Dentista Dirceu”, expõe que “recebi da minha filha que era grávida e que eram gêmeos e dois guri eu levei um susto ela me disse a Mãe fico triste não fiquei com pena de vose a primeira grávida eu fiquei com pena dela[...]” (BRESOLIN, 2014, p. 95).

Discorre sobre como foi o nascimento dos netos e da boa recuperação da filha. Expõe também sobre um problema de intolerância do leite de vaca e que os netos precisavam tomar leite de cabrita e por este motivo “[...] ela e meu jero Dirceu pago um táxi e saíram junto fora em procura alguma fazenda e se encontrava criação de cabrito [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 97). Após encontrarem, Lídia relata que os netos melhoraram com o leite de cabrita e devido ao fato de o táxi levar o cabrito até a casa deles escreve que “[...] que coração bom que tinha aquele táxi que Deus com certeza vai dar uma recompensa a ele esse bem que ele fez para os meus netos [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 97).

As perdas e decepções são marcadas, e Lídia teve que enfrentá-los, porém, demonstra através da escrita sentir muito pelos acontecimentos. Sentia por si e pelos demais familiares. Ao falar da morte do genro, ela expõe que “[...] nem sei como a minha filha resistiu o coração dela devia estar partindo de dor so mesmo com a ajuda de Deus que resistiu supera tudo isso eu quando me lembro tenho vontade de chorar [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 99). Assim, na memória ficaram os registros tristes, porém também os momentos de felicidade vivenciados com as pessoas que partiram, e Lídia os relata deixando seus registros de saudade. Entre altos e baixos, menciona que, após a perda do genro, sua filha parou de se cuidar, só pensava nos filhos e era muito dedicada ao trabalho. O ato de não cuidar de si e pelo sofrimento causado pelo falecimento do marido, segundo a mãe, teria causado a ela problemas de saúde.

No decorrer das páginas finais, percebe-se ênfase na tristeza pois vários acontecimentos tristes, envolvendo acidentes e mortes de familiares são relatadas. Lídia, como pontuado, se coloca muito no lugar dos outros, fazendo relações e marcando o sofrimento por perder as pessoas que se ama. Moraes, citando Pollak, expõe que a “identidade estaria vinculada ao sentido de imagem de si mesmo, tanto para si quanto para os outros. Essa elaboração da

identidade, assim como da memória, é um fenômeno em permanente construção [...]” (1992 apud MORAES, 2019, p. 253).

Os acontecimentos que rememora também influenciam em como ela se expressa e se sente no momento. As queixas que Lídia faz em sua narrativa – que estão presentes principalmente a partir da página 80 – em nenhum momento referem-se a dores físicas, mas o que ela demonstra é a saudade e, em momentos anteriores, a lamentação por não ter conseguido realizar coisas que aspirava ou sonhava. O motivo e a justificativa estavam dados e Lídia parece conforta-se com isso, porém, um certo grau de arrependimento permanece, em todos os sentidos. Desejava ter se doado mais aos familiares e desejava ter se doado mais a si e parece passar por um conflito interno ao realizar essa retrospectiva, mas, por meio da escrita, tenta amenizar, justificar e reconstruir-se. Quando alguém passa por grandes perdas, traumas e desafios e deseja escrever sobre sua vida, a advertência é que exista

‘dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história’ (POLLAK, 1989, p. 13). Em outras palavras, rememorar um passado marcado por perdas e provações pode ser capaz de despertar sentimentos de dor e culpa. Pode-se, também, temer não ser compreendido por seu interlocutor, provocando uma necessidade de refúgio nos silêncios com o intuito de armazenar tais memórias nas zonas dos esquecimentos, das ‘memórias subterrâneas’ (MORAES, 2019, p. 253).

Percebemos essa dificuldade muito presente no discurso de Lídia, e não podemos desconsiderar que, possivelmente, outros acontecimentos foram, como diz Pollak, armazenados nas zonas de esquecimento. Existe a dificuldade em dar coerência em sua linearidade. Embora no início da escrita mais “dominada”, conforme são relatados momentos difíceis, traumáticos ou tristes, ocorre essa perda de coerência e assim mais repetições e fragmentos são percebidos. Algo plausível que também de certa justifica essa questão é que em “acontecimentos ocorridos há mais tempo, a rememoração se torna mais fácil do que a ‘memória recente’. Da mesma forma, os acontecimentos mais antigos são mais facilmente preservados do que os mais próximos” (PRETI, 1991, p. 56).

No que se refere à família, constata-se que, no início do relato, Lídia os menciona mais no intuito de fazer relação com o espaço e os acontecimentos. Nesse sentido, e como já pontuado, não podemos afirmar com assertividade que é a família que embasa seu escrito. São mais questões de sociabilidade e do próprio ambiente em que Lídia vivia e do fato já mencionado de que “o falar de si também é o falar do outro”. Aborda, nesses trechos, por exemplo, sobre a escola, sobre as amigas, sobre a religiosidade, a estrutura das casas e da vila em que viviam, sobre as plantações e conservação de alimentos, sobre os trabalhos de pastoreio

de animais e outras questões diversas, como dito, relacionadas à Polônia, e faz relações com seus familiares. É posteriormente que a ênfase vai se dando cada vez mais, pois os relatos passam a girar em torno ou ser exclusivamente sobre a família. Esse aprofundamento se dá, principalmente, a partir do momento em que passa a discorrer sobre a nova estrutura familiar e sobre os filhos e netos. Constata-se que este fator está ligado às atribuições e aos papéis sociais que cabem à mulher e que, no relato de Lídia, se mostram mais presentes a partir da união firmada com o casamento.

4.4 Valores perpassados através de sua escrita: o que procura transmitir?

As ações e possibilidades de criação de documentos na sociedade moderna ficaram facilitadas em razão do saber “ler, escrever e fotografar” (GILLIES, 2010, p. 79). Esses atos criaram legitimidade e se passou a reconhecer o valor do indivíduo como único, independentemente de este ser figura pública ou pessoa anônima.

Os valores resultantes da escrita estão diretamente ligados à memória e podem funcionar como “[...] forma de transmissão de determinados bens simbólicos [...]”, de modo que esse repasse “[...] às gerações seguintes situa a família como o lugar da passagem, fazendo de cada descendente o alvo e ao mesmo tempo o veículo da preservação dos valores familiares” (GILLIES, 2010, p. 79).

Percebendo essa importância, e também o que foi exposto acerca da dimensão formativa da escrita ou da leitura de histórias de vida, é interessante, no caso de Lídia, tentarmos tatear quais são os pontos ou questões mais significativas nessa retrospectiva e escrita. Percebemos o quanto essa análise é complexa, porém, é possível cogitar o quanto sua escrita foi afirmando sua disposição em cuidar dos familiares, ser um estímulo para que seus filhos estudassem – já que ela mesma foi impossibilitada por fatores já apontados. Há que se perguntar: o ato e a coragem de Lídia de escrever, expor-se e realizar esse trabalho reflexivo não manifestam seu desejo de continuar cuidando de seus pares? Parece-nos que sim.

Percebe-se que Lídia busca passar muita humildade, dedicação e justificativas ao mencionar que “poderia ter feito mais” e do modo como lidava com seus sentimentos, pois, apesar de demonstrar seu esforço, desculpava-se. Esse sentimento, além da resiliência do colocar-se no lugar do outro, o sentimento de religiosidade, o auxílio ao outro, tem como consequência, para Lídia, uma “recompensa de Deus” (BRESOLIN, 2014, p. 96).

O silenciamento com relação ao dinheiro, além de sinalizar e denunciar que este não era

considerado um assunto feminino, talvez, implicitamente, aponte que Lídia não se importasse tanto com as questões materiais. Sua escrita, também, por ser destinada aos filhos e netos, deveria – parece-nos – querer servir de exemplo e talvez silenciou sobre esse assunto, por não ter objetivo de colocá-lo como a questão central. Questões referentes ao viver bem, “sempre possuir uma vacinha”, estão implicitamente trazendo a questão do financeiro, mas nunca de maneira centralizada.

Assim, expostas algumas percepções, resgatamos Bosi, que menciona a importância da memória dos idosos e da mediação para com as gerações futuras. Segundo ela, o ato de repassar informações permite elaborar a “crônica do cotidiano”, não se baseando exclusivamente em documentos oficiais. O modo como o idoso repassa esses acontecimentos, por meio de ênfases dos mais variados sentidos – de felicidade, tristeza, melancolia etc. – e “como cada idoso viveu o acontecimento narrado [...] impedem a unilateralidade de um fato e a riqueza de vários pontos de vista contraditórios” (BOSI, 2003 apud DOMINGUES, 2014, p. 559).

4.5 Educação: qual a importância para Lídia?

Algo percebido como relevante ao longo do documento autobiográfico é a questão da instrução. Lídia, quando expõe sobre a escola ou, posteriormente, sobre seus filhos, dá ênfase de quão importante eram os estudos. Essas afirmativas não são expostas de maneira explicativa, de modo que o leitor possa saber qual a real intenção para Lídia de instruir-se – por questões financeiras ou questões, culturais ou sociais, por exemplo.

Primeiro, Lídia escreve sobre sua própria fase escolar, em que, já na primeira página de sua escrita de si, transmite para o leitor – parece-nos que de maneira orgulhosa –, aspectos relacionados ao período de sua infância quando frequentava a escola na Polônia.

[...] fui 2 anos na aula sei ler em polonês e falo o polonês e ucraniano e na Escola sempre tirei primero lugar lâ na Polonia as criança inissiavam as aulas com sete anos de idade e era obrigatorio ir na aula praticavam esportes trabalos manuais eu também sempre tirei o primero lugar na corrida dezde acuela epoca já ensinavam o esporte na escola [...] (BRESOLIN, 2014, p. 1).

Nesse sentido, expõe que frequentava a escola e sempre tirava notas boas, porém só o fez por dois anos – no período em que ainda estavam na Polônia. Ela se coloca como uma menina dedicada que tinha bom desempenho nas provas escritas e nos esportes. O primeiro lugar na corrida era seu, e faz questão de referir que essas atividades também eram valorizadas. Na escola, Lídia expõe que semanalmente o Padre fazia visitas e dava palestras, o que deixava

Lídia e seus coleguinhas alegres e um comentava ao outro: “amahnia dia do Padre” (BRESOLIN, 2014, p. 2). Como auxiliava os pais com o pastoreio de animais, escreve que “[...] levava o almoço junto e os livros e a jente estudava [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 7).

Quando expunha sobre as aulas em território brasileiro, menciona que a distância percorrida por ela era de três quilômetros, e que se deslocava a pé. Conforme Gritti e Gritti, “A ausência de políticas públicas que objetivassem criar infraestrutura de apoio aos núcleos de imigrantes impôs sua organização, a partir de suas iniciativas e possibilidades.” Lídia estudava em uma escola de interior, daquelas que foram criadas pelo associativismo colonial, de modo que “as escolas foram assumidas pelos imigrantes” (GRITTI; GRITTI, 2020). Wenczenovicz expõe que “A escola colonial serviu para tirar do analfabetismo uma considerável camada da população de imigrantes poloneses”, mas refere que a universalização do ensino só ocorreu “[...] num contexto em que o desenvolvimento econômico colonial e sua economia regional e estatal tornaram a educação elemento indispensável e imprescindível à população da região” (2002, p. 130).

Os fatos mencionados pela imigrante – deslocamento e outros – nos encaminham para uma seara problematizante, pois, ao mesmo tempo em que Lídia parece tentar transmitir, na exposição das dificuldades, um exemplo de persistência, deixa transparecer quão precárias eram as condições de educação e de locomoção do período.

É possível perceber ainda mais a situação degradante nas informações sobre este período ao relatar, por exemplo, que todas as crianças iam descalças e, por isso, quando da chegada à escola tiravam água do poço à manivela e lavavam os pés. Os perigos que enfrentavam neste trajeto, pode-se cogitar, eram muitos.

Ao expor sobre a limpeza do ambiente escolar, Lídia também transparece a falta de estrutura. Assim, relata que todos os finais de semana os alunos se ajudavam para lavar a escola, os meninos, as meninas e a professora. Apesar de tudo, para Lídia, essas atividades eram divertidas. A autora diz que pôde estudar somente até a quinta série pois, naquele período, as escolas do interior ofertavam até este nível de ensino. Conta que, além das atividades escolares que realizava, conciliava com o trabalho, pois de manhã ia à aula e pela parte da tarde ia à roça com sua mãe para capinar, arar a terra, plantar milho com a máquina manual etc. (BRESOLIN, 2014, p. 32). Depois de concluída a 5ª série, Lídia diz que pensou em procurar serviço para poder continuar os estudos, intercalando os turnos, porém, a inexistência de meios de transporte próximos e a impossibilidade de deixar sua mãe sozinha foram os fatores preponderantes para que desistisse da ideia.

Com relação à rotina escolar Lúcia expõe que, quando entravam na sala de aula, a primeira atividade era rezar a oração do Pai Nosso; a segunda atividade era ler um trechinho da leitura do seu livro; a atividade final era cantar o hino nacional. Diz que existia a exigência de decorar o hino nacional e a tabuada. O período em que Lúcia ia à escola era marcado pelo recrudescimento da nacionalização, em razão da instauração da ditadura do Estado Novo. Menciona as dificuldades de comunicação, expondo que teve sorte, pois seu professor sabia falar português e polonês. Segundo Wenczenovicz, “Até a nacionalização do ensino pelo Estado Novo, ocorrida em 1938, praticamente todas as escolas eram bilíngues, com turno integral” (2002, p. 130). As marcas desse decreto, segundo Stawinski, perduraram por muito tempo, visto que, segundo ele, fecharam “centenas de escolas polonesas, sem substituí-las por escolas oficiais, [o que] privou milhares de crianças do ensino, só normalizando cerca de 20 anos depois” (1976, p. 123).

Sobre seus filhos, Lúcia escreve que

[...] sou Mãe de cinco filhos dois falecidos o Altair faleceu no hospital em Paso Fundo dia vinte de Abril de 1978 e outro areçem nasido e se chamava Luíz Antonio foi batizado em caza naseu dia 15 de Dezembro [espaço em branco com esquecimento do ano] e me sobre tres Valdir Orlando e Greuza [...] (BRESOLIN, 2014, p. 59).

Após fazer essa descrição, Lúcia escreve sobre Valdir, dizendo que

[...] eu queria muito que eles estudasse no Seminario dai um dia eu falei com o Padre e ele me diçe tu me traz ele qui eu quero falar com ele ai eu conversei com ele ele me disse que sim que ele vai [...] e chegamos lâ e o Padre começo converçar com ele e ele disse para o Padre a minha Mãe que que eu estude no Seminário mas eu nunca vou ser Padre eu fiquei com a cara no chão ele não podia me dizer isso em casa ai o Padre disse foi bom porque ele não quer enganar ninguem [...] (BRESOLIN, 2014, p. 60).

Nesse trecho, é possível ver a insistência da mãe para que o filho estudasse. Os sacrifícios e afazeres mencionados para a realização desse sonho são mencionados em diversos momentos. Organizar as roupas, comprar materiais necessários, levá-los para a cidade, eram algumas das ações que Lúcia fazia para que esse desejo fosse realizado.

A tentativa com Valdir se frustra, porém, Lúcia, apesar de o tempo passar, nunca desistia de os estimular. E assim demonstra, pois expõe que não faz muito tempo – não menciona ano – ele se arrependeu de não ter prosseguido nos estudos, porém ela aconselhava que nunca era tarde.

Assim, aborda sobre todos os filhos e o estímulo dela para que estudassem. Prossegue abordando sobre Orlando, dizendo que ele “[...] dizia quando era guri que ele não queria estudar

eu me preocupava muito ouvir ele dizer isso e comentava as vezes com a minha cunhada Lindoca eu gostaria que ele estudasse [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 60). Segue expondo que Orlando aceitou estudar “[...] dai as Irmãs freras disseram que ele presentase em Áurea que elas iam dar umas matérias [...] e continuo indo para Áurea a cavalo e depois ele me disse que queria ir em Erechim [...]”. Assim, Lídia narra que, após uma festa de despedida que o filho pediu, foi para o Seminário estudar. Assim, “passose o ano” e o filho “chegando de ônibus como sempre entro e me abração e começo de chora eu pedi o que foi ele me disse Mãe eles me mandaram embora [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 62). Após, esclarece que achavam Orlando muito triste naquele ambiente, por isso decidiram mandá-lo novamente para casa. Lídia, em sequência, expõe que o filho disse que queria ser padre mesmo assim, mas, depois da humilhação, desistiu e sentia-se ofendido. Aguardava alguém do seminário para conversar e Lídia diz que, já no outro dia, o “Padre Falador” veio e explicou a mesma coisa, que Orlando estava lá, mas muito triste. Lídia esclarece ao padre que isso era devido ao fato de eles terem perdido o irmão recentemente e sentiam muito por isso, pois se davam muito bem. No entanto, a situação ficou dessa forma, e Orlando não retornou. Lídia sente muito por isso, pois escreve: “[...] mas eu me rependi porque eu não foi conversar com o Bispo ate hoje estou arrependida ele estudou fora mas depois dezestiu e o mai velho Valdir tambem não quis estudar mas se rependeu [...] mas eu disse nunca e tarde demais para estudar [...] mas eu senti muito eu fez de tudo para eles estudar” (BRESOLIN, 2014, p. 64).

Com relação à filha Greuza, Lídia expõe que ela disse que “se para mim fazer so o jinazio eu nem vou começar mas eu disse basta que tu estude a jente vai dar o jeito [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 64). Após fazer o vestibular para Educação Física e Pedagogia e ter passado nos dois, a filha lhe pede o qual dos dois fazer e esta lhe responde “[...] mas eu dei uma forssa eu disse vose faz oque gosta [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 65). E continua expondo sobre os acontecimentos decorrentes dessa escolha – que foi Educação Física, cursado em Passo Fundo, pois em Erechim não era ofertado. Na nova cidade, a filha passa a morar com uma senhora, porém, decorrido um tempo, esta sofre um acidente grave, ficando durante um tempo no hospital. Lídia marca suas preocupações para com a filha, que dormia na casa dessa senhora. Em virtude de estar sozinha, ela diz que vinha uma amiga posar com ela, mas que mesmo assim preocupava-se e “rezava todas as noites por ela” (BRESOLIN, 2014, p. 69).

Quando expõe sobre seus netos, percebe-se o orgulho, pois, da parte de sua filha Greuza “todos estudaram”. Quando expõe da tristeza devido à morte de seu genro, Lídia refere que “graças a Deus que todos estudaram ele deve tá lá de cima vibrando e ajuado por eles serem tão

inteligentes e educados e responsáveis”. Complementa que, “o menos a minha filha se sente feliz que todos os filhos estudaram e não deram muito trabalho” (BRESOLIN, 2014, p. 104).

Assim, Lídia percebe a importância dos estudos e tenta repassar aos seus pares o estímulo, através de palavras e ações, do quanto é significativo instruir-se. Passando por dificuldades, não pôde concretizar o seu sonho e, por esse fator, expõe que fez de tudo para que estes estudassem – e ainda deseja que o façam, pois sua biografia deixa essa herança, esses conselhos registrados.

4.6 Religiosidade

Lídia também deixa seu registro sobre o aspecto religioso. De início, a autora vai inserindo essa importância através das várias mudanças que vão sendo marcadas, expondo sobre sua terra natal e suas festividades religiosas e rituais, esclarecendo que estes eram mais cultivados na Polônia. Marca muito essa questão fazendo relação entre a religiosidade das pessoas com as atitudes diárias destas, de modo que, segundo ela, “lá as pessoas eram mais unidas”, o que de certa forma, para a autora, parece estar diretamente relacionado à forma de expressar a religião. O ser religioso, para Lídia, demonstra união, respeito.

Então, com relação aos costumes, afirma, em mais de um momento da narrativa, que aqui no Brasil as coisas eram diferentes. Expunha que aqui “o povo não era tão devoto assim”, referindo-se a datas comemorativas, trazendo os detalhes desses rituais. Segundo ela, na quaresma – quarenta dias antes da Páscoa –, a abstinência de carnes – com exceção aos peixes – era rigidamente seguida. Tinham dificuldades na compra de peixes e sardinhas em salmoura, pois a venda se dava a uns quilômetros de distância da casa de Lídia, compra feita de um turco. Com relação ao Domingo de Ramos – domingo anterior à Páscoa –, havia uma procissão e, nesta, cada pessoa levava consigo um galho de “vime enfeitado com flores”, quando o padre dava a benção, “[...] todos levantavam os ramos pra cima, era aquele colorido parecia um Paraíso na terra as pessoas eram mais devotas que aqui no Brasil [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 10).

Posteriormente, expõe sobre a devoção de seus pares quando já residia aqui no Brasil, dando detalhes de suas ações diárias. Ao expor sobre sua mãe, Lídia diz que “[...] elâ rezava muito elâ levantava e se lavava e depois ia para o quarto e de joelho podia ser frio mas ate que elâ não fazia as orações dela elâ não vinia tomar o café da manha e a noite a mesma coiza e ia na Igreja [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 33). Outra marcação importante que Lídia faz referente à

religiosidade de seus familiares relaciona-se à sua tia Ana: “[...] ela lia muito a Bíblia ela quazi sabia de cor lia e Relia ela contava para mim as historis da Bíblia quando a jente estava junto com ela [...] eu gostava de irlâ para ela contar as istoria a jente sentava enroda do fogo [...] que era feito no chão da cozinha”⁵⁹.

Apesar de demonstrar o quanto a devoção é importante, Lídia não silencia sobre determinadas questões que poderiam não constar em seu registro. Por exemplo, são várias as passagens em que expõe sobre o fato de seu pai não ser devoto. No entanto, esses atos não são detalhados e ela escreve que este, no final da vida, dá-se por conta que era necessário redimir-se, pois, quando estava debilitado, solicitou que o padre fosse até a sua casa para que pudesse se confessar.

Várias passagens envolvendo a religião e pequenos milagres também vão sendo expostos pela imigrante ao longo de sua escrita. Os trajetos e os acontecimentos durante as idas à Romaria em Marcelino Ramos eram rememorados. Por meio dessas lembranças registradas, os fatos demonstram sua crença, sua fé. Usa também de marcadores temporais com fatos que considerava acontecimentos milagrosos. Como exemplo, podemos citar a transcrição da página 57, em que Lídia fala sobre quando sua mãe adoeceu devido à pneumonia: ela “[...] foi piorando cada dia mais i mais isso foi o ano que o Papa era de vir para o Brazil pela primera vez [...] ela ja não pegava mais nada na mão ela não atendia mais ninguem mais nem comia mais nada eu ja molhava a boca dela com algodão não converçava mais não ligava a jente hai chego o dia que o Papa vinha para o Brazil [...] dai veio uma Irma frera no meu quarto veio me convidar para ir junto com ela assestir a chegada do Papa mas eu disse me descupe Irma mas eu não posso tenho medo de dexar a minia Mãe sozinha mas ela ençestia e fico na porta do quarto esperando e dizia so um pouquiunho ver ele chegar [...] dai eu fui junto com elâ [...] e entramos na sala lâ tinia mais duas Irma frera e um Padre e bem na hora que o Papa ja estava deçendo do Avião e aquele povo todo esperando e abanando com o lençinhos brancos e ele deçeu e beijou o chão e eu agradezi e pedi desculpa e tratei de vim para o quarto e agradeçi por ter me convidado mas quando eu abri a porta do quarto e a minha Mãe fazia o mezmo jesto como faziam as pessoas la no porto ela olhava para sima e abanava com um guardanapo eu nem sei aonde que ele estava e como que ela consegiu pegar nas mons ela não pegava nada mais nas mons eu fiquei surpresa e antes ela ficar doente vivia falando vamos conhecer o Papa que vai vir para o

⁵⁹ Lídia expõe que, na infância, a casa era separada em duas, de modo que em um dos cômodos ficava a cozinha e noutra os quartos, com distância entre elas de uns 10 metros. Expõe que “todo mundo fazia o fogo no chão [da cozinha] faziãam um quadro maizomenos um metro e enxiam de terá e ultima camada de tijolo e daí faziãam o fogo em sima disso maizomenos meio metro de altura e se xama va cotlina[...]” (BRISOLIN, 2014, p. 29).

Brasil [...] eu não me lembro se ela faleceu no mesmo dia ou no dia seguinte quando o Papa veio [...]” (BRESOLIN, 2014, p. 59).

Percebe-se que a religião é uma herança que Lídia recebe e também busca propagar por meio dos atos e ações que realiza. Novamente, assim como outros aspectos citados, a religiosidade perpassa sua escrita. Registrando como algo importante, ela busca deixar esse aprendizado aos seus pares, pois expõe que, apesar dos acontecimentos e das dificuldades que uma existência pode enfrentar, sempre há a recompensa de Deus.

No entanto, realizando uma relação entre as reflexões sobre gênero, faz-se interessante pontuar que, conforme expõe Moraes “o universo simbólico em que o gênero está condicionado pauta-se em uma tradição religiosa judaico-cristã milenar, na qual as mulheres são retratadas como sofredoras e predestinadas a uma vida de sofrimento e ressignificação” (SILVA, 2010 apud MORAES, 2019, p. 34). Nesses termos, no caso da narrativa aqui analisada, talvez o fato de Lídia mencionar que recebe a recompensa divina pelos atos de coragem e de sofrimento vivenciados, demonstre a lógica discursiva socialmente imposta, neste caso, através da religião Católica.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegadas às conclusivas considerações, tem-se muito claro a importância e a complexidade das escritas de si. A mobilização durante o processo de escrita, a reelaboração da vida e a construção interna efetivada com a rememoração são fatores apontados e se apresentam de maneira muito clara neste momento. Artières (1998, p.4) escreveu que “Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”. Cavaco, corroborando com essa linha de pensamento, expõe que essa tarefa é difícil pois “A elaboração da narrativa biográfica requer investimento e mobilização do sujeito na reflexividade sobre o seu percurso de vida” (2021, p. 10). Complementa ainda dizendo que “A escrita de si é um processo exigente e desafiante para o sujeito, porque implica reflexão, rememoração, seleção análise, enunciação e a construção de uma narrativa” (CAVACO, 2021, p. 16). No entanto, como vimos, esta ação permite uma “(re)apropriação ‘do seu poder de agir, de pensar, de sentir’” (RICOEUR, 2004 apud CAVACO, 2021, p. 10).

Realizamos conjecturas na tentativa de tentar adentrar no universo da nossa personagem e interpretá-la. Escreveu-se e analisou-se o documento de vida de Lídia, e também se conclui que, conforme referências, Lídia rememora e reelabora sua vida e, no fato de vasculhar essas lembranças, ao construir e reconstruir seu registro, ia firmando, reinventando, renegociando e reelaborando sua identidade.

Considerando as leituras realizadas para a construção dessa dissertação, o escrito autobiográfico de Lídia, além de ter como objetivo o registro de experiências, também funcionou para a construção de uma imagem de si, em cuja qual a família se inseria, como um pano de fundo que, ao longo da narrativa, era ressaltado, destacado e valorizado com muita constância. A história escrita por Lídia visa a mostrar a beleza da vida e dos que faziam parte dos seus círculos de convivência, visto que, as qualidades eram ressaltadas, enquanto os defeitos – que muito raramente eram expostos – eram mencionados com delicadeza, não com o intuito de julgar, mas talvez apontar aos seus filhos e netos os exemplos a não seguir.

Não sabemos o quanto essa análise aqui realizada foi uma reconstrução da construção de Lídia, porém, as percepções foram analisadas, discutidas e, quando necessário e possível, contextualizadas.

Usando a ideia de Hannan Arendt de que a memória construída entre o indivíduo e seus grupos resulta em algo chamado de memória testamento, e, fazendo analogia com o documento

da imigrante Lídia, algo que mais considero rico é a sua iniciativa em deixar seu testemunho, o fato de ela mesma ter percebido a importância de registrar sua trajetória, suas impressões, anseios, dificuldades, visões de mundo e valores. Ela poderia ter optado por ficar “sem fazer nada”, no entanto, sentiu que era necessário deixar esse registro, em virtude da percepção rápida do tempo e de não ter feito uma roda de conversa e exposto oralmente, como ela mesma esclarece. Diferentemente de uma pesquisa dirigida, a motivação foi interna, ou seja, partiu da própria autora, e, assim fez com que, entre muitas aspas, tivesse mais liberdade de expor sobre suas percepções e intimidades.

A autora desta escrita de si reside até os dias de hoje no município de Áurea, e, no ano de 2014, em meio a lembranças, resolveu relatar sua história de vida, em um caderno de espiral. Esse ato de optar por escrever é significativo e possibilita a passagem de testemunhos e de valores. Justifica-se: como não teve tempo de reunir todos os familiares para realizar o relato oralmente, em complemento do tempo que na velhice e com os filhos crescidos lhe era disponível, traçou, ressignificou e assim deixou o seu registro na história.

Faz-se interessante novamente pontuar o fato de que Lídia escreveu sua autobiografia quando já era uma senhora de idade, após ter passado por experiências marcantes, resultando no fato de que sua narrativa se construía por “[...] fragmentos de memória, recontada, revisitada, compartilhada, reconstruída coletivamente [...]” (GILLIES, 2010, p. 78). No entanto, sem querer generalizar, percebemos que, nas condições da nossa imigrante, esse ato é considerado uma atitude em primeira mão distante das atividades habituais de uma senhora de 87 anos de idade, no contexto cultural vivenciado por ela. Percebendo o contexto imigratório como marco importante – sem desmerecer as atividades cotidianas que são também ricas em história – supõe-se que a escrita tenha significação especial, pois Lídia vivenciou esse período e os acontecimentos que os descendentes dela não vivenciaram.

As memórias que Lídia traçou acerca de sua infância estão englobando, de um lado, a memória afetiva, ingênua e de aventura de uma criança; nesse tempo, tudo era positivo, pois, como expusemos, colhiam produtos bonitos e saborosos, todos se respeitavam e se ajudavam, os rituais religiosos eram rigidamente seguidos e muito bem organizados e ela ia à escola. Neste sentido, existe uma certa idealização no relato de Lídia e, como possíveis explicações, citamos o fato da imigrante ser criança quando do processo imigratório – havendo assim uma visão própria dos fatos, tornando-os quase que como uma espécie de *aventura*, principalmente quando da travessia. Algo também importante refere-se à diferença temporal entre o período vivido e a escrita de Lídia, que como exposto, afeta o modo de produção da narrativa de maneira

significativa. Nestes termos, a memória de Lília sofre interferências de seu tempo e dos novos grupos sociais que passa a integrar. Assim, expõe Gillies que “[...] É, ao mesmo tempo, uma memória individual e social, a reconstrução de um grupo cujas noções refletem uma significação social e uma visão de mundo” (2010, p. 77).

As relações entre regimes de historicidades e o documento de Lília, à primeira vista parecem não terem sido aprofundados, porém, foram importantes para perceber como a autora percebia o tempo e como isso influenciava no seu modo de escrever. Percebemos que, assim como o indivíduo moderno é fragmentado, também os tempos se mesclam e se chocam. Em alguns momentos, Lília propaga o antigo regime de historicidade no intuito de exemplaridade, já, em outros, o regime presentista predomina, cuja intenção como vimos é deixar registrado, para que esse passado recente não se apague. Sua percepção de tempo e sua vontade de deixar seu registro é a marca mais característica do presentismo.

Lília percebe e marca os acontecimentos vivenciados, buscando deixar explícito, através de seu registro, as transformações, as mudanças nos hábitos e as facilidades que o “tempo moderno” trouxe. Percebe a mudança temporal também, no que se refere à passagem do tempo, pois, como pontuamos, ao referir-se ao “tempo moderno”, também evidencia a passagem rápida do tempo.

O registro de Lília foi tomado como fonte significativa para, além de permear e tentar desvendar a linha condutora da sua vida, discutir alguns aspectos referentes ao processo migratório, o estabelecimento as dificuldades na nova terra. Essa narrativa, ainda que muitas vezes não corresponda, em algumas informações, ao registrado em trabalhos científicos já realizados, revela sua visão e sua interpretação dos fatos que foram vivenciados e ressignificados por sua memória.

Os valores que visa a repassar foram sendo construídos por meio de suas provações e dificuldades. Apesar de expor sobre seus sofrimentos – principalmente relacionados à perda do filho e de parentes próximos, ela tenta demonstrar, por um lado, que o esforço valeu a pena, pois recebia recompensas divinas. Já, por outro lado, lamenta-se, pois, em suas memórias lhe representam que poderia ter feito mais, ter se doado mais. Esses fatores puderam ser explicados por meio da chave de gênero, pois os discursos – principalmente médicos – criavam um ideal de mulher em que a dedicação aos filhos, maridos e, por extensão, aos familiares era algo natural, essência da mulher, e algo além de valorizado, exigido socialmente. Outra explicação refere-se ao que Ricoeur escreve acerca da consciência que se dá após narrar sua própria trajetória de vida: “Só quando nos tornamos autores da nossa história é que transmudamos os acasos em

destinos.” (2003). Essa frase explica o porquê de Lídia falar em destino apenas no final da sua autobiografia. Ao registrar “eu acho que os destinos devem ser traçados desde que a pessoa nasce”, depois de já ter narrado grande parte pessoal da autobiografia, reflete na consciência de si, tomando as dificuldades como aprendizados, dando, assim, sentido à sua própria existência.

A família de Lídia, como exposto, passa a ocupar o lugar de centralidade, principalmente após matrimônio. Antes, os familiares já aparecem, porém, parece-nos que o que lhe é significativo expor está relacionado à Polônia – religiosidade, sociabilidade, vila, clima, modos de subsistência, brincadeiras –, percepções diversas que se materializam na escrita através da mistura e da interação do diálogo, que ocorre entre a memória individual e coletiva.

Podemos concluir que o deslocamento de Lídia e família decorreu de inúmeros fatores que se desenrolavam na Polônia. A principal motivação através da leitura de sua escrita de si foram as cartas do tio Mekita, porém, como exposto, eram muitos os fatores que criavam uma mola propulsora imigratória para diversos países da América, em especial para o Brasil. Buscando melhores condições de vida, deixaram a terra de origem, mesmo sem saber o que de fato encontrariam. Esta foi a decisão de milhares de imigrantes que, não tendo outra opção, migraram. Cada qual foi protagonista e auxiliou, serviu e povoou a região, trazendo consigo muitas simbologias culturais e, acima de tudo, a esperança de uma nova vida.

Nestes termos, nestas conclusivas observações, se faz necessário marcar que as características expostas pela imigrante foram inseridas no relato sob sua interpretação, seleção - consciente ou inconsciente - e/ou (re)elaboração de sua escrita. Assim como expusemos, existe uma espécie de seleção do que queremos contar. Pelo fato de Lídia inserir como motivação de sua escrita a propagação de sua história para que seus filhos e netos a conhecessem, percebemos que Lídia busca a transmissão de valores, dentre os quais a importância de se respeitar a família, o que afeta na escolha ou no modo da descrição de seu discurso. Percebemos também que Lídia não tem a intenção de justificar a imigração, apenas expor o modo como ela percebeu o processo e as impressões que teve. Neste sentido, ela dá ênfases a questões positivas ou as ressignificou de tal maneira. O que ocorre, portanto, na maioria dos trechos, é a criação de um passado ideal, principalmente de suas lembranças da Polônia e do processo transoceânico.

Interessante é o retorno à infância que Lídia faz para encerrar seu relato. Parece-nos que é a saudade que a faz recriar ou reelaborar esses momentos que viveu. Numa espécie de nostalgia e romance, ela relembra que brincava em um balanço, enquanto seu pai estava na cidade. No momento da chegada, ele lhe trouxe algumas balinhas e o fato a deixou tão feliz que, quando foi descer, caiu do brinquedo. Mas, apesar do tombo, as balinhas a satisfizeram e a

levaram a concluir que ser criança é algo muito bom.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão, Brasília**, v. 22, n. 2, p. 70-77, jun. 2002. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jan. 2022.
- ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 6. ed. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 20 ago. 2021.
- BATORY, Stefan. **Predecessors: Polish Ocean Liner. 1968-1988**. [s.d.]. Disponível em: <http://stefanbatoryoceanliner.weebly.com/predecessors.html>. Acesso em: set. 2021.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2003.
- BOURDIEU, Pierre, **Esboço de auto-análise**. Tradução Sergio Miceli. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 183-191.
- BRAGANÇA, I. F. S. Memória, narração e experiência: um “círculo virtuoso”. In: **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal** [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012, p. 95-130. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/f6qxr/epub/braganca-9788575114698.epub>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- BRISOLIN, Lúcia. **Documentário de uma Imigrante - Lúcia**. Manuscrito autobiográfico. Disponível no Acervo da Casa das Irmãs da Sagrada Família de Maria, de Áurea, RS, 2014.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n.1, p. 11-30, jan./jun. 2002.
- BULAWSKI, Stefan. Interpretação e subjetividade em Paul Ricoeur. **Síntese**, Belo Horizonte, v. 31, n.101, 2004.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. **Espaço Aberto**, Horiz. antropol., v. 9, n. 19, jul. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000100012>. Acesso em: 25 jan. 2022.
- CAVACO, Carmen. **Aula Inaugural do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas**. 04 nov. 2020. Disponível em: <https://youtu.be/63SoRvdeCWI>. Acesso em: 02 fev. 2021.
- CAVACO, Carmen. Formador de adultos: o potencial (trans)formador da biografia. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, BA, v. 17, n. 44, p. 1-20, jan/mar. 2021.

Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7587>. Acesso em: 23 dez. 2021.

CLASEN DE PAULA, Débora. “**Da mãe e amiga Amélia**”: cartas de uma baronesa para a sua filha (Rio de Janeiro – Pelotas, na virada do século XX). 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Unidade Acadêmica de Pós-Graduação. Universidade Vale do Rio dos Sinos. Pelotas, 2008.

DELORY-MOMBERGER; Cristine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira Revisão técnica de Fernando Scheib. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51 set.-dez. 2012.

DEMBICZ, Andrzej; KIENIEWICZ, Jan. **Polônia e Polono-Brasileiros**. Varsóvia, Centro de Estudos Latino Americanos Universidade de Varsóvia, 2001.

DOMINGUES, Adriana Rodrigues. O envelhecimento, a experiência narrativa e a história oral: um encontro e algumas experiências. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v. 14, n. 31, dez. 2014.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Edusp, 2009.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades**: a interpretação de uma mutação. Porto: Afrontamento, 2000.

FIRMINO, Flávio Henrique.; PORCHAT, Patrícia. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 19, n. 1, p. 51-61, jan.-jun. 2017.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: **O que é um autor?** Lisboa: Passagens, 1992. p. 129-160.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Coleção Ditos & Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Leçon inaugurale ao Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Tradução de Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do Antônio Bento. Éditions Gallimard, Paris, 1971. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/Ciencias.Linguagem/Foucault_OrdemDoDiscurso.pdf. Acesso em: 2 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRASQUETE, Débora Russi; SIMILI, Ivana Guilherme. A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 21, n. 53, p. 267-283, 2017.

FREITAS, B. M.; BARGUIL, P. M. Histórias de vida e pesquisa (auto)biográfica: contribuições para a formação da identidade docente. **Revista Educar Mais**, Pelotas, v. 5, n. 2, p. 280-293, 2021.

GARCEZ, Neusa Cidade. **Colonização e Imigração em Erechim a Saga das Famílias Polonesas** (1900-1950). Erechim: Edelbra, 2003.

GENIAL. **Austria, Prusy, Rosja**. [s.d.]. Disponível em: <https://view.genial.ly/6055cd6e5d00340dad3ed477/presentation-rozbiory-polski>. Acesso em: 2021.

GERTZ, René. **Elogio da Diferença**. 05 jun. 2011. Disponível em: <https://www.renegertz.com/noticias/9-notas/107-diferenca>. Acesso em: 7 set. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

GILLIES, Ana Maria Rufino. **O diário de uma imigrante britânica no Paraná (1860-1890): memórias, trabalho e sociabilidades**. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2010. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/24779>. Acesso em: jan. 2021.

GOLLIN, Tau. Cartografia da Geopolítica e das Guerras: Brasil Meridional. **Anpuhrs**. Anais eletrônicos. XI Encontro Estadual de História. História, Memória, Patrimônio. P.1103, 1111 . 23 a 27 de Julho de 2012. Universidade Federal do Rio Grande (FURG) - Rio Grande – RS – Brasil. Disponível em: 1346341473_ARQUIVO_Cartografiadageopoliticaedasguerras-anpuhrs-02-taugolin.pdf. Acesso em: 06 abr. 2022.

GRITTI, Isabel Rosa. **Imigração e colonização polonesa no Rio Grande do Sul: a emergência do preconceito**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2004.

GRITTI, Isabel Rosa; GRITTI, Silvana Maria. A educação polonesa na Colônia Erechim: a escola como instrumento de organização e resistência. **Revista História: Debates e Tendências**, v. 20, p. 115-134, 2020.

GUEDES, Olegna de Souza; DAROS, Michelli Aparecida. O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 12, n. 1, p. 122-134, jul.-dez. 2009. Disponível em: doi10.5433/1679-4842.2009v12n1p122. Acesso em: 25 jan. 2022.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Trad. de Laurent Léon Schaffter. São Paulo, Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HARTOG; François. **Regimes de Historicidade: Presentismo e experiência do tempo**. Coleção História e Historiografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades e Estados. Áurea, RS. Estimativa de população. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/aurea.html>. Acesso em: 31 jan. 2021.

IZQUIERDO, I. Memórias. **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 89-112, 1989. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8522>. Acesso em: 31 jan. 2021.

JAPIASSU, Hilton. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

KANAAN, H. S. O fim da história e o último homem (Francis Fukuyama). **PerCursos**, Florianópolis, v. 6, n. 1, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1451>. Acesso em: 30 nov. 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

KRUPINSKI, Rosalia. **Paróquia Nossa Senhora do Monte Claro. 1915-1990**. 1990

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Unicamp, 1990.

MALATIAN, Teresa. Escrita de si e narrativa histórica. **Objetos Educacionais**. UNESP, 28 maio 2012. Disponível em: <http://acervodigital.unesp.br/handle/123456789/46186>. Acesso em: 15 jul. 2021.

MALIKOSKI, Adriano; KREUTZ, Lucio. Escolas entre imigrantes poloneses no Rio Grande do Sul e a Nacionalização do Ensino. **Educação**, Santa Maria, v. 41, n. 1, p. 67-80, jan./abr. 2016.

MARGARITES, Ane Freitas; MENEGHEL, Stela Nazareth; CECCON, Roger Flores. Femicídios em Porto Alegre: quantos são? quem são? **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 20, n. 02, p. 225-236, abr.-jun. 2017.

MELLO, Juçara da Silva Barbosa de. O cotidiano, os “regimes de historicidade” e a memória. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 8, n. 19, p. 236-253. set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3381/338149856010.pdf>. Acesso: 19 fev. 2021.

MILITARY HISTORY. **SS Kosciuszko**. [s.d.]. Disponível em: https://military-history.fandom.com/wiki/SS_Ko%C5%9Bciuszko. Acesso em: 5 out. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência e Cientificidade. In: DESLANDES, Suely Ferreira (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 20. ed. rev. atual. Petrópolis: Vozes, 2002.

MIRABELI, Carolina. A revolução interna no ato de migrar. **8º Foro social mundial de las migraciones**. 2018. Disponível em: <https://fsmm2018.org/revolucao-interna-no-ato-migrar/?lang=pt-br>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MORAES, Márcia de Fátima de. Trajetória de três mulheres rurais: o trabalho como fio condutor das narrativas de vida. **Aedos**, Porto Alegre, v. 11, n. 25, p. 241-257, Dez. 2019. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/96901/56703>. Acesso em: 20 jan. 2022.

NÓVOA, Antônio. FINGER, Matthias.(Organizadores) **O método (auto)biográfico e a formação**. 2º Edição. Trad. Maria Nóvoa - 2º ed. - Natal, RN: EDUFRN, 2014.

ORIGEM DA PALAVRA. **Memória**. [s.d.]. Disponível em: origemdapalavra.com.br Acesso em: 7 dez. 2020.

ORLANDI, Eni P. Maio de 1968: os silêncios da memória. In ACHARD, Pierre. [et al.]. **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999.

OTANI, Márcia Aparecida Padovan; HIGA, Elza de Fátima Ribeiro; MARIN, Maria José Sanches; PINTO, Adriana Avanzi Marques; LAZARINI, Carlos Aberto Lazarini. Compreensão de mestrandos da área interdisciplinar sobre a pesquisa qualitativa. **Revista Pesquisa Qualitativa**. São Paulo (SP), v.7, n.14, p. 193-207, ago. 2019.

PAGÈS, Joan; SANTISTEBAN, Antoni. Cambios y continuidades: aprender la temporalidad histórica. In: FONSECA, S.G. (Ed.). **Ensino fundamental**. Conteúdos, metodologias e práticas. Campinas: Alínea, 2009. p. 197-240.

PATIAS, Naiana Dapieve; HHENDORF, Jean Von. Critérios de qualidade para artigos de pesquisa qualitativa. **Psicologia em estudo**. v. 24, e43536, p. 1-14. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pe/a/BVGWD9hCCyJrSRKrsp6XfJm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 jan. 2021.

PEDRO, Maria Joana. As mulheres do sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 9, n. 18, p. 8-18, ago.-set. 1989. Disponível em: [/www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3846](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3846). Acesso em: 2021.

PRETI, Dino. **A linguagem dos idosos**. São Paulo: Contexto, 1991.

PRIORE, Mary Del. Biografia, Biografados: Uma janela para a História. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHIMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 73-89.

PRIORE, Mary Del. Biografia: quando o indivíduo encontra a história. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, dez. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2237-101X010019001>. Acesso em: 15 out. 2021.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si é invenções da subjetividade**. Campinas, SP: Unicamp, 2013.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação** v. 15 n. 45 set./dez. 2010.

RICOEUR, P. **Memory, history, oblivion**. Lecture presented at the International Conference "Haunting Memories? History in Europe after Authoritarianism ", held on March 8, 2003, in Budapest, Hungary. Disponível em: [http://www.fondsriceur.fr/photo/Budapest%202003%20texte%20Angl%20%20\(2\).pdf](http://www.fondsriceur.fr/photo/Budapest%202003%20texte%20Angl%20%20(2).pdf). Acesso em: 13 out. 2021.

ROIZ, Diogo da Silva. A biografia na história e a história na biografia. **História da Educação – RHE**, v.1 6., n. 36, p. 139-146, jan.-abr. 2012.

SCHMIDT, Benito Bisso (org.). **O que pode a biografia**. São Paulo: Letra e Voz, 2018.

SCHMIDT, Benito Bisso. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. **História**, São Paulo, v. 33, n.1, p. 124-144, jan.-jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/his/v33n1/08.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2018.

SCHONS, Carme Regina; GRIGOLETTO, Evandra. Escrita de si, memória e alteridade: uma análise em contraponto. In: JIED (JORNADA INTERNACIONAL DE ESTUDOS DO DISCURSO), 1., 2008, **Anais**. Maringá: Departamento de Letras Ed., 2008. p. 407-418.

SILVA, Maurício Ferreira. A identidade narrativa em Paul Ricoeur. **Revista Razão & Fé**, v. 19, n. 2, 2017. Disponível em: <http://revistas.ucpel.edu.br/rrf/article/view/2393/1364>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SILVA, Semíramis Corsi. O Historiador e as Biografias: desafios, possibilidades e abordagens de trabalho. **História, imagem e narrativas**, n. 14, p. 1-14, abr. 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/4974425/O_Historiador_e_as_Biografias_desafios_possibilidades_e_abordagens_de_trabalho. Acesso em: dez. 2020.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Identidade e diferença na perspectiva dos Estudos Culturais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

SOCOLOSKI, Thaimon da Silva. **Cultura e território da imigração polonesa no município de Áurea/RS**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Naturais e Exatas. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2018.

SOCOLOSKI, Thaimon da Silva; CARDOSO, Eduardo Schiavone. Cultura e território da imigração polonesa no município de Áurea/RS. **Sociedade & Natureza, [S. l.]**, v. 32, p. 196–209, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/sociedadennatureza/article/view/44128>. Acesso em: 28 ago. 2021.

SOIHET, Rachel. Mulheres e biografia . **Revista Locus Revista de História** . Juiz de Fora : UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora). 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/locus/article/view/20573>. Acesso em: 17 jan. 2022.

SOUZA SANTOS, Boaventura de. **Um Discurso sobre as Ciências**. Porto: Afrontamento, 1988.

STAWINSKI, Alberto Victor. **Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 1976.

STOLTZ, Roger. **Cartas de imigrantes**. Porto Alegre: Edições EST, 1997.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **As mulheres e a história: uma introdução teórico metodológica**. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012. Disponível em: <as-mulheres-e-a-historia-uma-introducao-teorico-metodologica-lo-sandro-antonio-teseschi.pdf> (ufgd.edu.br). Acesso em: 20 jan. 2022.

TRINDADE, Diamantino Fernandes. Interdisciplinaridade: Um novo olhar sobre as ciências. In: FAZENDA, Ivani (org.). **O Que é interdisciplinaridade?** São Paulo: Cortez, 2008.

VIEIRA, Milla Maria de Carvalho Dias; MOREIRA, Ana Cleide Guedes. Ideais culturais e o tornar-se mulher: a cultura na constituição da feminilidade. **Trivium**, Rio de Janeiro, v. 12, n.

1, p. 14-28, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912020000100003&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 5 ago. 2021.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Abranches**: paróquia de imigração polonesa. Um estudo de História demográfica. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1974.

WEBER, Regina; WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. Historiografia da imigração polonesa: avaliação em perspectiva dos estudos sobre o Rio Grande do Sul. **História**, Unisinos, v. 16, n. 1, p. 159-170, jan.-abr. 2012.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Luto e silêncio**: doença e morte nas áreas de colonização Polonesa no Rio Grande do Sul (1910-1945). 2007. 279 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Montanhas que furam as nuvens**: Imigração Polonesa em Áurea – RS – (1910-1945). Passo Fundo: UPF, 2002.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Pequeninos poloneses**: Crianças e suas famílias durante a imigração Polônia/Brasil de 1920 a 1960. 4. ed. Versão e-book: 2021. Disponível em: <https://www.meritos.com.br/livros/137.php#:~:text=Em%20%22Pequeninos%20poloneses%3A%20crian%C3%A7as%20e,grupos%3A%20o%20grupo%20dos%20poloneses.&text=Entender%20as%20mazelas%20que%20afligiam,para%20entendermos%20nossas%20atuais%20mazelas>. Acesso em: 20 set. 2021.

ZALESKI, Franciele. **A imigração polonesa em Áurea através do relato autobiográfico de Lídia Bresolin**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) - Universidade Federal da Fronteira. Erechim, 2017.

ANEXOS**ANEXO A – Foto da prima de Lúdia, nascida na Polônia.**

Fonte: Acervo particular Lúdia Brisolin.

ANEXO B – Primeira página do passaporte de Lídia e família.

Da esquerda para a direita, Filimon, pai de Lídia, Teodora, sua mãe, Lídia e, na sequência, seu irmão Nicolau.

Fonte: Acervo particular de Lídia Brisolin.